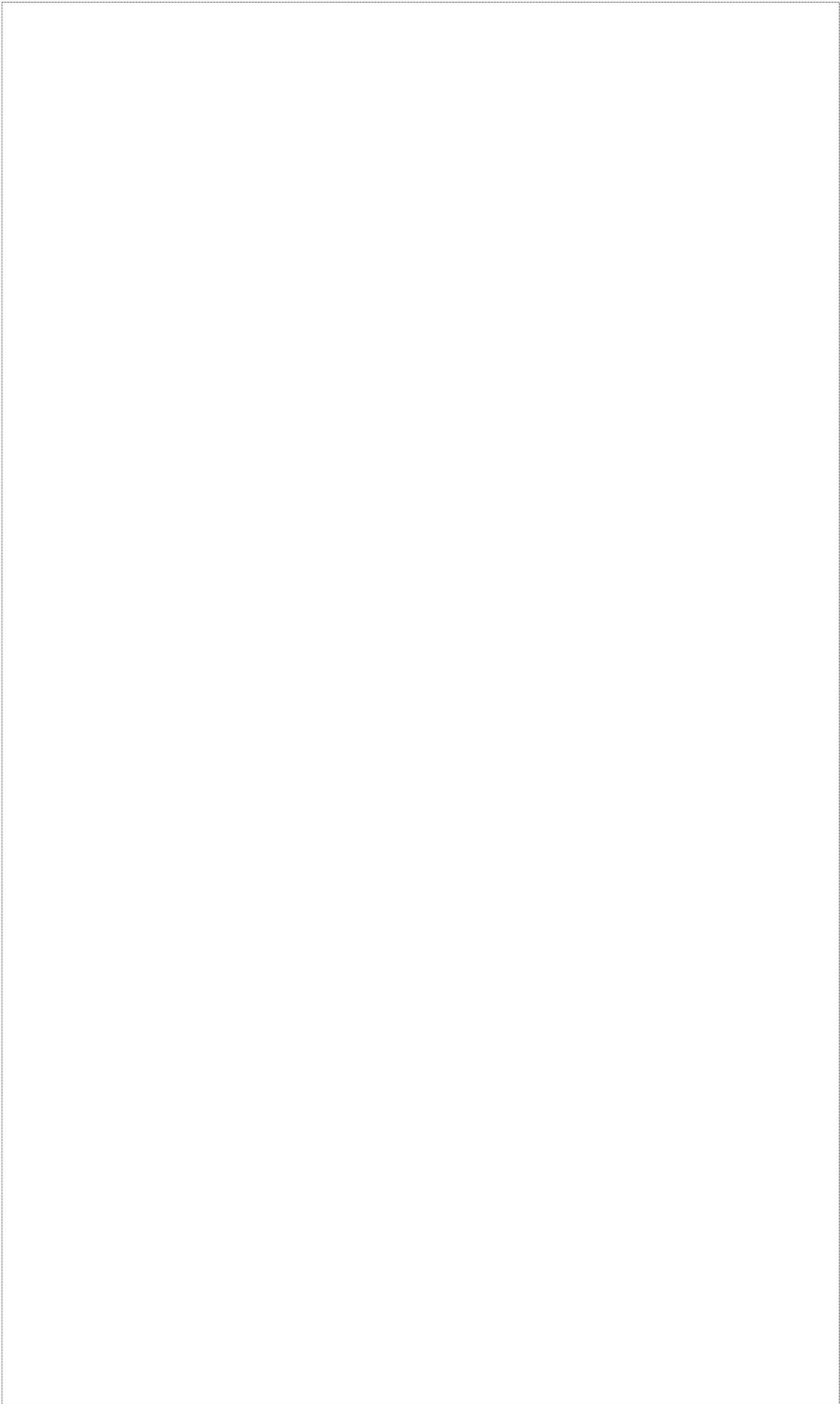


Este texto está sujeito à seguinte licença:

Licença Creative Atribuição-Uso Não-Comercial-Compartilhamento
pela mesma Licença 2.5 Portugal Commons

Para este efeito os autores são Ana Vitorino, Carlos Costa e Pedro
Carreira.

Descarregue, partilhe, utilize e transforme. Mas exclusivamente para
fins não comerciais e creditando sempre as autorias originais. E volte a
partilhar eventuais obras derivadas deste mesmo modo.



VISÕES ÚTEIS:

**“Visíveis na
Estrada
Através da
Orla do
Bosque”**

**de Ana Vitorino, Carlos Costa, Catarina
Martins e Pedro Carreira**

Prefácio de Luiz Francisco Rebello

Prefácio

Luiz Francisco Rebello

No bosque há uma ave, o seu canto detém-vos e faz-vos corar.

Há um relógio que não toca.

Há uma lixeira com um ninho de bichos brancos.

Há uma catedral que desce e um lago que sobe.

*Há um carrinho abandonado nas moitas, ou descendo a vereda em correria,
engalanado.*

*Há uma trupe de cómicos, com os seus fatos, visíveis na estrada através da
orla do bosque.*

Há enfim, quando tens fome e sede, alguém que te enxota.

Jean-Arthur Rimbaud
Iluminações, Infância III
Versão de Mário Cesariny

Introdução

“Visíveis na Estrada Através da Orla do Bosque” foi o projecto em três fases que ocupou toda a actividade da companhia de teatro Visões Úteis no ano de 2001. Planeado dois anos antes, sofreu diversas alterações, mas ganhou forma, nome e temática definitivos no princípio do ano 2000.

No ano em que o Porto 2001– Capital Europeia da Cultura se subordinava ao tema “Pontes”, os temas de abordagem que guiaram este projecto desde o início debruçavam-se sobre o sentido das fronteiras: fronteiras com os outros (indivíduos ou povos) e fronteiras interiores. Eram ainda temas a Europa enquanto espaço de união de diferentes identidades, a ideia de viagem enquanto meio de, pelo contacto com os outros, nos conhecermos melhor, e o momento específico da História em que nos encontramos.

O pressuposto deste projecto anual era o de que poderíamos levantar uma série de temas que nos interessavam, aflorando-os através de estudos específicos (que resultariam num primeiro espectáculo), e em seguida viajar com eles ao encontro de personalidades e entidades europeias artisticamente interessantes. A viagem e o confronto de ideias permitiriam que os temas se reperspectivassem na nossa mente, se interligassem de novas maneiras, ganhassem relevância ou se desvalorizassem. O resultado final, um novo espectáculo teatral que reflectisse todo o processo, era uma incógnita. Tudo estava em aberto, passível de sofrer as influências dos nossos convidados, dos seus países, de dez mil quilómetros de estrada...

Numa primeira fase apresentámos no Porto o espectáculo “Estudos” (estreado em Abril na Galeria “Maus Hábitos”) que teve ponto de partida nestes temas e que, através de um trabalho de investigação, nos levou ainda a conceitos como as ideias de Herói enquanto aquele que ultrapassa fronteiras para o bem comum e de Peste enquanto aquilo que nos leva à separação, à criação de fronteiras entre indivíduos e entre grupos de indivíduos.

Numa segunda fase (Maio/Junho) partimos pelas estradas Europeias durante quatro semanas e ao longo de cerca de dez mil quilómetros, contactando e trabalhando com artistas, intelectuais e entidades culturais ligados a uma ideia de

Europa e de cultura Europeia contemporânea. Pessoas que, pela sua vida ou pelo seu trabalho, pelas suas escolhas pessoais e profissionais, nos pareceram ser bons parceiros no debate que queríamos promover.

Finalmente, numa terceira fase apresentámos no Porto, em Outubro, no Teatro do Campo Alegre, uma síntese destes contactos e das influências que sofremos em viagem, num espectáculo a que chamámos simplesmente... “Orla do Bosque”.

Ao longo de todo o projecto abrimos ao público o processo criativo, fornecendo material de leitura aos espectadores de “Estudos”, criando na internet um “diário de bordo” ao longo da viagem, fazendo uma síntese aquando da apresentação de “Orla do Bosque”. Mas a necessidade de abranger toda esta experiência num livro ainda se impunha.

Para além das conversas com os nossos convidados, queremos agora partilhar a evolução do projecto como um todo, dar ao público (ao de teatro e a outros públicos) a possibilidade de acompanhar o desenvolvimento das nossas ideias e a mudança de perspectiva sobre os temas-base que se operou com a viagem. Queremos também partilhar o nosso processo de criação teatral, mostrando como uma série de estímulos diversificados (de notícias a músicas, de filmes a livros, de entrevistas a imprevistos) se podem transformar em material cénico e dramaturgicamente.

Queremos com este livro partilhar uma viagem que, mais do que física, foi uma verdadeira viagem das ideias e uma reflexão sobre um processo criativo global, ou seja, sobre um conjunto de experiências que habitualmente fica nos “bastidores” da criação artística. E assim expor a nossa forma de fazer teatro.

Parte I

Raízes

No início deste projecto Daniel Libeskind era apenas o nome de um arquitecto.

Ao longo do ano de 2001 fomos descobrindo uma crescente afinidade com esse judeu radicado em Berlim. Libeskind acredita que a arquitectura é uma arte cultural, isto é, que pertence mais ao mundo da cultura e da arte que ao da tecnologia e da resolução de problemas. Por isso traz para os seus trabalhos arquitectónicos ideias que não são exactamente arquitectónicas. Por isso se interessa por tudo que o rodeia, por música, literatura, dança, História, som, acústica. E é pela enorme influência que recebe dessas áreas que o seu trabalho se distingue do da maior parte dos arquitectos.

Partindo de uma sólida base filosófica e histórica, Libeskind tenta trazer para cada um dos seus projectos uma ideia nova e diferente. Em Osnabrück, na Casa Museu dedicada ao pintor Felix Nussbaum, deixou-se levar pelo que ele chama de dança da História, dança do conhecimento de nós próprios e dança da biografia. Todo o edifício, lutando contra a condição de não-pessoa a que a estatística da História tende a reduzir cada vida, segue minuciosamente a biografia do pintor, chegando ao ponto de se reduzir a largura do espaço expositivo para melhor captar a relação que, em determinada altura e por força de viver num minúsculo apartamento, o pintor tinha com a sua obra. Em Manchester, no Imperial War Museum, Libeskind parte da ideia de o conflito ir muito além da História do século XX— citando Winston Churchill, quando diz que uma certeza que podemos reter para o futuro é a da continuidade do conflito— para desenhar um edifício que não é mais do que um globo terrestre fragmentado, cujas peças se voltam a tentar reunir mas sem a exactidão anterior, numa terrível visão que pressupõe que a estabilidade do mundo depende da guerra e do conflito. Em Berlim, no Museu Judeu, Libeskind encara o teste espiritual de dar a conhecer a importância dos judeus na História da Alemanha, de tornar visível o invisível, assumindo uma ideia de espaço puro e por vezes sem possibilidades expositivas, em busca de um sentido para a arquitectura num mundo como o nosso, um mundo em que se acredita que desenhar uma máquina de lavar roupa pode ser arte. Mas ele não acredita nisso. E é com essa consciência que o arquitecto continua a perseguir ideias, a elaborar conceitos, a viajar entre a falha tectónica que inspirou o Denver

Art Museum e o filme dos Irmãos Marx que dá sentido ao seu primeiro projecto para um centro comercial.

Afinal é Daniel Libeskind que diz que ao desenhar um edifício não se deve olhar para baixo, para ele, deve olhar-se para o céu, para os pássaros, e ver como eles voam. Porque está tudo lá, de forma clara, mesmo que não se perceba muito de pássaros...

No Visões Úteis também somos um pouco assim, sempre a olhar para o céu, na busca daquilo que nos garantem estar na terra. Por isso, e nos últimos anos, o teatro tem sido um ponto de chegada mas raramente um ponto de partida.

Acreditamos cada vez mais na força criativa de uma ideia, mas não uma qualquer boa ideia. Apenas aquela que insidiosamente se vai afirmando no quotidiano, ao longo de meses, sem que consigamos perceber o seu sentido mas habituando-nos a viver com ela, até ao momento em que esse sentido surge, até ao momento em que a urgência nos toca, permitindo que a ideia não seja mais um beco sem saída— ainda que todas as ideias só por serem ideias possam um dia ter saída para algum lado ou, também só por serem ideias, não precisem de sair para lado nenhum porque já saíram— como são quase todas as nossas ideias, e tenha a felicidade, dela e nossa, de gerar um espectáculo.

E as nossas ideias, temos de o reconhecer, não surgem com muita frequência do teatro, mas mais de outras artes como a literatura, a música, a arquitectura, as artes plásticas e cada vez mais de outras áreas como a História, o ensaio, a imprensa, a publicidade, as novas tecnologias de comunicação, o urbanismo, a economia, a política, a filosofia, a ciência, a religião e, claro, o nosso quotidiano e o das pessoas que connosco o partilham. Por isso é que nada nos ocorre perante tantos textos dramáticos que hoje se escrevem, muitos deles a que reconhecemos grande qualidade, e logo começamos a sentir uma estranha sensação de desejo e certeza quando confrontados com um discurso de Yitzhak Rabin, o plano de requalificação urbana da baixa do Porto, uma entrevista de Belmiro de Azevedo ou a crise das agências funerárias nos Estados Unidos da América.

Esta situação não nos impede, contudo, de constantemente questionar a escrita dramática, procurando assim as razões que nos levam a este afastamento e tentando, através dessa reflexão, compreender os motivos para este distanciamento entre os que fazem teatro apenas escrevendo e aqueles que, quer escrevam quer não, terão sempre de o fazer com o corpo.

De facto parece ser normal afirmar a longa crise que o drama atravessou ao longo do século XX, reinventando-se a si próprio constantemente para responder a novos factores como a figura do encenador, a invenção do cinema ou a insatisfação com a mera possibilidade de contar histórias. Assim, a escrita dramática no início do século XXI não tem porque se sentir manietada por uma qualquer estrutura dramática obrigatória, porque esta estrutura, pura e simplesmente, não existe. Os autores são agora completamente livres para descobrirem a sua forma dramática individual, aquela que melhor expresse o seu modo de ver o mundo, aquela que melhor sirva o que sentem e o que dizem. Neste processo o teatral acabou por se libertar do dramático, já que, se há quem continue a escrever o que se pode chamar de peças de teatro, há também quem escreva directamente para cena, ou seja, para um determinado espectáculo num determinado sítio.

Naturalmente este movimento, que parece ser mais ou menos generalizado em toda a Europa Ocidental, segue a velocidades diferentes, de país para país, consoante o volume da produção dramática, a evolução da crítica e dos estudos teatrais, a abertura ao estrangeiro e, claro, o impacto social do teatro. Por tudo isto Portugal parece estar algo atrasado neste percurso, sendo interessante observar que só agora se abandonam entre nós, como referências de contemporaneidade, certos autores do pós-guerra que noutros países já há muito são considerados como clássicos.

Para além disso o *boom* de “novas dramaturgias” e “novos dramaturgos”, que certas instituições querem fazer acreditar que existe em Portugal, não passa de uma ficção que, quando muito, servirá para garantir mais cobertura mediática a uma actividade tão carenciada de exposição. De facto a maior parte dos “novos dramaturgos” portugueses escreve decalcando uma forma do passado, normalmente a predilecta do “Conhecido-Professor-De-Novas-Dramaturgias” com quem frequentaram o último seminário. A maior parte deles parece até desconhecer que uma peça de teatro, mais do que escrita, é construída, pelo que não basta alinhavar uma boa história e formatá-la com didascálias, falas de personagem e, porque não, alguns pormenores de encenação.

Ainda assim, no *Visões Úteis*, continuamos a acreditar nas possibilidades da forma dramática, continuamos encantados com esses escritores/construtores de peças que são capazes de encontrar novas formas que permitem produzir um novo sentido, que lançam uma nova luz sobre os temas de que importa falar. E

aqui assumimos uma postura menos flexível, porque na verdade há temas que não nos interessam, independentemente do brilhantismo das formas; deixamos o nosso sentido aplauso mas não vamos por aí.

Acreditamos então que, sempre que sobre a mesa não esteja material escrito que reflecta plenamente os nossos desejos e inquietações, o que tem acontecido com muita frequência, teremos de aceitar o encargo de escrever directamente para o espectáculo. Mas mais do que isso assumimos o imenso prazer de escrever directamente para cena, ao longo de processos de escrita que se iniciam muito antes dos ensaios propriamente ditos e se prolongam quase até à estreia. Só assim temos encontrado, ao longo dos últimos tempos, uma identificação plena, se não com o objecto criado, pelo menos com o processo criativo.

E nesse processo de escrita directamente cénica vamos sendo conduzidos pela força da ideia que motivou o projecto, e é nessa viagem de ideias— viagem que ora dominamos e ora nos escapa— que vamos descobrindo os sentidos e limites do espectáculo a construir.

É precisamente a força motriz dessa ideia que afasta radicalmente este tipo de metodologia de trabalho daqueles processos criativos que o *mainstream* português ainda designa de “colectivos”— referindo-se talvez a determinadas experiências ocorridas na década de setenta e nomeadamente após a revolução de Abril.

Na actual metodologia de trabalho do Visões Úteis existe uma direcção— partilhada, é certo, mas ainda assim uma direcção— que, espectáculo a espectáculo, parte numa busca rigorosa do vector que mais sentido dê a uma ideia, sempre aproveitando ao máximo as capacidades individuais de todos os criadores— não só de cada um dos directores artísticos mas de cada um dos cúmplices que cada vez mais o tempo vai gerando— mas sempre num respeito “dogmático” dessa mesma ideia.

Antonioni disse uma vez que a ideia de “O grito” surgiu quando olhava uma parede branca. Segundo Angelopoulos mentia. As ideias vivem num quarto escuro, uma espécie de hangar ou sala de espera. Até ao momento que escolhem para sair. O que importa é estarmos acordados. As paredes brancas são completamente inocentes.

Viagem

É a crença que a arte só faz sentido se estiver atenta às diversas áreas do conhecimento que a rodeiam que tem orientado o nosso percurso artístico. “Visíveis na Estrada através da Orla do Bosque” surge assim no seguimento natural de um trabalho onde o teatro nasce de estímulos e conceitos muito diversificados.

A ideia de viagem foi o ponto de partida deste projecto. Sofreu reformulações, mudanças nos seus objectivos e no itinerário, mas permaneceu sempre como ideia central, como real desafio ao método de trabalho do Visões Úteis.

Inicialmente propusemo-nos levar para a estrada um processo criativo, isto é, realizar uma viagem durante a qual a companhia ensaiasse um espectáculo. Perguntávamo-nos se chegaríamos ao destino com um objecto artístico diferente por submetermos a nossa abordagem habitual de uma peça ao movimento, à experiência de viagem, de convivência num veículo, de alteração constante das referências geográficas, sociais, linguísticas, etc.

Equacionámos depois a hipótese de incluir convidados a visitar nesta viagem, alguém que, no início do percurso, nos fornecesse uma ideia ou texto como material artístico a explorar e alguém que, no destino final, nos ajudasse a transformar essa ideia ou texto (entretanto enriquecido pelo percurso) num objecto cénico.

Com a definição do conceito de “fronteira” como tema privilegiado para um projecto que queríamos que ultrapassasse a simples encenação de um texto escrito (e que agendámos para 2001) tanto o contexto geográfico como o papel que pensáramos que a viagem poderia ter no processo criativo foram alterados. Resolvemos viajar na Europa e resolvemos não levar para a estrada uma metodologia de trabalho, antes fazer da estrada, da deslocação, do atravessar de fronteiras, uma nova e desconhecida etapa do nosso processo criativo.

Deixámos o itinerário em aberto, sujeito a ir sendo definido à medida que confirmávamos os encontros com personalidades e entidades que gostaríamos de visitar para debater os temas deste projecto— Fronteira, Europa, o Outro, o Herói. Mas acabámos também por reflectir sobre o modo como a viagem estava ou não

presente na vida e trabalho destes convidados. E, aos poucos, a própria viagem tornou-se tema.

Falámos de porque é que ela se tornara uma ideia tão insistente, falámos da viagem enquanto mera deslocação e da viagem enquanto experiência de vida, de viagem interior *versus* viagem exterior, falámos de viagens sem rumo e de regressos a casa, e da ameaça de morte que os meios de comunicação e a *world wide web* parecem ter lançado sobre a viagem física.

Finalmente, decidimos não falar mais dela. Decidimos que a viagem não seria tema da primeira etapa deste projecto, o espectáculo “Estudos”, porque iria acontecer como segunda etapa.

Mas a ideia de que um grupo de pessoas, em plena mudança de milénio, se quer meter numa carrinha e percorrer uns tantos milhares de quilómetros para encontrar outras pessoas e assim apreender e aprender qualquer coisa de novo, ganhar uma nova visão do mundo em que vive e de si mesmo, parece ser hoje coisa de doidos. A avaliar pelas reacções que continuamente obtínhamos a este projecto, pelo menos.

A ideia predominante parecia ser a de que o encontro virtual, a troca de correspondência, o correio electrónico, o telefone, eram meios suficientes para obter a informação, os dados que poderíamos pretender. E se a primeira explicação que muitos encontravam para a nossa insistência na viagem física era a nossa vontade de fazer férias a pretexto de trabalho, o argumento parecia cair por terra ao equacionarem a maçada de passar um mês numa carrinha com outras seis pessoas, longe da família, com horários rigorosos a cumprir todos os dias, com encontros inadiáveis de dois em dois ou três em três dias, à distância de muitas centenas de quilómetros entre eles, sempre a re-elaborar as questões para um convidado à luz do que dissera o último ou das primeiras impressões que tivéramos no seu país, sempre a colocar *on-line* a informação, as reflexões diárias, as imagens...

E mesmo os nossos convidados, que aparentemente aceitavam o convite entendendo as nossas motivações, não conseguiam afastar uma certa estranheza ao ver-nos realmente ali, afastados há semanas do país natal e com alguns milhares de quilómetros de estrada no corpo e na cara. Não raras vezes essa estranheza escapava por entre a simpatia dos cumprimentos iniciais de um encontro:

JOSEPH DANAN– *Vocês deslocam-se como, de avião?*

TODOS– *Não, não, de carro. Um minibus...*

JOSEPH DANAN– *Têm um carro para todos? Simpático... muito bem... mas é muito caminho, não?... a Grécia, por exemplo... quer dizer, não é assim tão longe...*

CARLOS COSTA– *Quando chegarmos a Portugal teremos feito mais ou menos dez mil quilómetros.*

JOSEPH DANAN– *É pequena, a Europa. Mas de facto é melhor que ir de avião, dá para ter a medida certa das coisas.*

Voltava a ser necessário colocar a ideia de viagem na mesa para discussão, levá-la connosco como tema de reflexão para os nossos convidados, principalmente para aqueles que fizeram dela parte essencial da sua vida e trabalho. Porque de facto o valor da viagem, a especificidade da experiência da deslocação e do atravessar de locais, parece ter sido enterrado por esta mentalidade que progressivamente substitui o encontro físico pela transmissão pragmática e “em tempo real” da informação. Uma mentalidade que subtilmente se vai enraizando e “colonizando” até os mais atentos, como reconheceria pouco mais tarde o próprio Joseph Danan:

CARLOS COSTA– *Falando dessa necessidade de teatro como contacto físico, nós pensamos que há uma questão semelhante no que concerne à viagem. Neste projecto todos nos perguntaram “Porquê ir lá? Porque não ler os textos, ver os filmes? Porque viajar, é caro, é cansativo... podiam mandar um e-mail, porque estar lá?”.*

JOSEPH DANAN– *A vossa escolha pareceu-me evidente. É engraçado porque há de facto este contacto puramente virtual– o e-mail é um instrumento incrível porque pode mesmo substituir o contacto físico (vemos todos esses anúncios de relações virtuais). Podemos ter por e-mail uma conversa que tem praticamente a mesma densidade que uma comunicação em presença (vocês fazem-me uma pergunta, eu respondo, e passa-se tudo naquele instante) e que me permite pensar as palavras, como não acontece por telefone que, de resto, passado dez minutos já é cansativo. A questão pode pôr-se ao nível da comunicação via internet e ao nível da viagem virtual. No avião, por exemplo, temos uma viagem semi-virtual. Há pouco, quando vos perguntei como vieram, esperava que me dissessem “de carro”, mas pensei que era uma estupidez colocar a*

questão dessa forma porque pensei “Quem é que ainda faz isso, hoje em dia? Toda a gente apanha um avião.”

Fix também uma viagem, turística, com um amigo de Paris a Atenas e pelas ilhas gregas de carro. Descemos pela costa da Jugoslávia (foi antes da guerra) e foi magnífico— existe deslocação, vemos a paisagem a mudar, as pessoas a mudar, de repente, ao fim de trezentos quilómetros, já não é o mesmo sítio, o habitat não é o mesmo, há outra língua... no avião não damos conta de nada.

Em Paris podemos agora apanhar o comboio e chegar ao coração de Londres sem nunca ter visto o mar. Fiz isso uma vez e foi muito estranho. Claro que fazemos isto para ganhar tempo, mas é muito bom podermos ter o tempo da deslocação geográfica, física, e, sobretudo, o tempo do reencontro, que é formidável. Temos que estar atentos, porque há de facto uma mentalidade generalizada— quando vocês me escreveram, a vossa viagem pareceu-me estranha, pensei mesmo “porque é que não me escrevem, simplesmente?”. Embora no fundo perceba bem os vossos motivos, essa foi a minha primeira reacção. É porque existe uma ideia generalizada a este respeito.

Claro que têm razão em fazer isto; é toda uma outra percepção, quando chegamos a outro país.

Não deixa de ser curioso que a viagem, durante séculos tomada como meio de expansão das mentalidades e dos conhecimentos, como fase final de uma educação que se queria o mais completa possível, seja hoje vista apenas como oportunidade de lazer ou deslocação forçada que se deseja rápida, quase imperceptível.

Procurámos assim, no nosso percurso, apoiar a necessidade imperiosa de deslocação que sentíamos com o exemplo de outros artistas que a entendessem e a levassem a cabo. E não foi difícil encontrar outras “vítimas” desta aparente excentricidade:

THEO ANGELOPOULOS— Fronteira, viagem... sabem, o povo grego foi um povo que esteve sempre em viagem. O primeiro texto escrito na civilização ocidental é o de Homero, a primeira grande viagem. E penso que isso está na natureza dos gregos e que é por isso que há gregos em todo o mundo. Há outros povos que são povos viajantes. Mas para nós creio que há sempre uma viagem feita e uma viagem sonhada. As mudanças históricas forçaram este povo a viajar e ir para a América, para a África, Canadá, Austrália... é incrível, eu encontro gregos em todo o lado.

Há um lado de aventura, mas também... penso que começou no tempo em que no Mediterrâneo existiam alguns velhos povos, os gregos, os egípcios, os israelistas, etc... Havia comércio, havia trocas comerciais e acho que partir tornou-se uma característica do carácter deste povo.

Sabem, até aos dezoito anos fiz só algumas pequenas viagens... não muitas. Nasci em Atenas, sou um homem do asfalto e da poluição, para mim as viagens não me interessavam muito. Não conhecia nada.

Mas quando fiz o serviço militar estive numa pequena unidade que tinha de viajar por muitos sítios. Trabalhei naquilo a que aqui se chama "Seleção", um pré-exame para ver em que especialidade deveriam ser colocados os jovens que iam à recruta, consoante as capacidades e conhecimentos. O nosso trabalho era fazer testes e depois corrigir, dar-lhes notas.

Essa viagem com a minha unidade foi a primeira vez que vi o interior do meu país. Não passara muito tempo da guerra civil, que tinha destruído o país. Havia uma pobreza, uma miséria... Foi a primeira vez que senti que a Grécia não era a Grécia de Atenas, a Grécia das pessoas que viviam, ainda assim, muito bem, mas havia sim uma grande parte da população que vivia na miséria.

Depois fui para Paris, passei lá uns anos, esqueci tudo, só pensava em cinema, trabalhei na cinemateca, rasgava bilhetes para poder ver os filmes, via tudo, do primeiro ao último... tinha uma tal "gula" que via filmes mesmo sem legendas. Quando voltei à Grécia havia outra cultura, dei de caras com uma mudança. Fiquei cá algum tempo, trabalhei um pouco no cinema... o primeiro filme que me propuseram era com um grupo de música pop, um pouco à imagem dos Beatles, onde tocava o Vangelis. Foram convidados para fazer uma tournée na América e disseram "Vamos fazer um filme". Para mim era um exercício antes de mais. Tive que abandonar esse filme porque o produtor americano mudou de ideias, já não queria o grupo lá... Comecei então uma curta-metragem, ainda sobre o meio do show-business.

E pela primeira vez as coisas voltaram-me à cabeça, as imagens que vi durante o serviço militar, tudo voltou... então fiz outra viagem, ao Norte. E reencontrei a miséria. Tinha sido ainda mais agravada. Uma grande parte das pessoas tinha saído da Grécia, para não serem presas... e fiz o meu primeiro filme.

Penso que estas primeiras viagens, na altura em que fui soldado e na altura em que filmei o primeiro filme, foram muito, muito importantes. É por isso que não lhes toco. Compreendi melhor a Grécia, encontrei a tragédia grega na vida quotidiana, e desde então sigo essa via.

Mas a ideia da viagem fica, e a necessidade da viagem fica. Cada vez que tenho de começar um filme, faço uma viagem. Uma viagem ao calbas. Num carro, com um amigo fotógrafo que conduz e fotografa... como diria Bresson "au hasard, Balthazar".

Predisposemo-nos assim à viagem que é choque com realidades desconhecidas e que nos são estranhas. Quisemos conhecer pessoas e opiniões diferentes, mas vendo, ouvindo e saboreando o seu canto desta Europa de todos.

Mas quisemos também submeter o "eu" e o "nós" à experiência da viagem, isto é, não só aprender pela comparação do que é nosso com o que é dos "outros",

mas também deixar o próprio movimento e a constante mudança da paisagem libertar a mente para questionar aquilo que assumimos como “nosso”.

Numa conferência submetida ao tema “A Viagem das Ideias” (a que assistimos na Fundação de Serralves alguns meses antes de iniciarmos o nosso percurso), Maria Filomena Molder falava da viagem na concepção de Plotino, uma viagem que visa a perda da identidade do Homem para uma descoberta de uma “fonte primeira”, e referia-se ainda ao conceito de “samsara” na cultura hindu, em que a necessidade de escapar ao que já é conhecido torna o acto de partir mais importante do que o destino da viagem.

Sem grandes pretensões filosóficas, encarámos esta viagem como procura, potencial viagem interior inscrita na deslocação que a viagem física proporciona. Predisposemo-nos a mudar.

THEO ANGELOPOULOS— *Há pessoas que procuram abdicando da sua vida. Penso num fotógrafo que foi ter com os taliban e foi morto... o que é que ele procurava nos taliban? Com certeza não era só uma fotografia, para lhe pagarem! Ninguém arrisca a vida por uma fotografia, havia mais qualquer coisa. E há pessoas que pensam que continuam à procura, mas que na realidade já abandonaram a busca.*

Há pessoas que não têm o luxo de poder viajar, porque a sua situação não lhes permite, e têm que fazer viagens interiores, contínuas. Se estão conscientes de que temos de procurar outras coisas para além do pão quotidiano.

Esta história chamada “cinema” é uma viagem. E penso que depende de cada um fazer uma viagem que seja uma procura de qualquer coisa ou uma viagem pura e simples, profissional. Penso que alguns tiveram a coragem ou o privilégio de não ser profissional, e assim mantiveram um pouco a pequena chama da necessidade de viagem e da procura de qualquer coisa que ultrapassa a vida quotidiana, que ultrapassa mesmo o conforto oferecido. Como dizia um homem de negócios, “O dinheiro é a coisa mais fácil de se fazer. As outras coisas é que são difíceis”. E as pessoas só são felizes quando esta pequena chama continua a existir, e a ser mantida a arder.

Em casos muito, muito privilegiados, essa pequena chama e a vida são uma única coisa. Noutros casos não, mas, de qualquer modo, há uma razão para viver. Eu penso que tenho o privilégio de ter uma chama viva... mesmo fazendo filmes melancólicos e pessimistas!

E partimos também com a noção que a viagem não se esgota na estrada. Esta noção de viagem interior, de procura incessante dessa chama que ultrapassa a necessidade do pão quotidiano, é para nós o que deve motivar a arte.

Mesmo antes de partir, a curiosidade em relação ao regresso era grande. Tínhamos ideia de que, mais do que encontrar outros, poderíamos dar de caras connosco no meio da estrada. A ideia de que todos estes quilómetros poderiam servir apenas para melhor nos trazer de volta a casa estava presente desde o início.

CARLOS COSTA— *Porquê viajar e ir procurar lá fora qualquer coisa que talvez pudéssemos encontrar em casa?*

THEO ANGELOPOULOS— *Atenção, nós não somos todos iguais... aquilo que digo para mim não se aplica a toda a gente. Posso falar da minha viagem e das minhas necessidades... Há caminhos diferentes, mas ainda assim trata-se de viagem. No exterior ou no interior. Uma viagem para o exterior pode ser também uma viagem para o interior.*

(...)

CARLOS COSTA— *Mas achas que a viagem é um dado importante para compreender tudo isso? Afinal tu viajaste muito...*

TONINO GUERRA— *Muito importante. É uma coisa fundamental.*

CARLOS COSTA— *Um amigo teu que tenha nascido em Santarcangelo mas não tenha viajado não terá a mesma forma de pensar que tu tens. E será que se sente tanto parte do rio Marecchia como tu te sentes, sem nunca o ter abandonado?*

TONINO GUERRA— *Isso não sei. Eu não sei o que os outros sentem. Tu fazes uma comparação entre quem viaja e quem não viaja mas se calhar a diferença estará mais no facto de eu ter estudado e de fazer arte. Por exemplo, eu vejo uma coisa que a todos parece feia mas eu acho-a bela. Não é uma questão de ter viajado ou não. Quando eu ouço a chuva, o barulho da chuva, encontro uma beleza inacreditável, sinto-me acompanhado. São tantos os elementos. Quando uma pessoa é velha, quando sente a velhice às costas, mais do que dos homens, sente-se próximo dos animais, das plantas. Por isso é preciso compreender o momento e a idade. De qualquer forma viajar é uma coisa muito importante.*

Arriscámos a hipótese de, no final do caminho, percebermos que estava tudo aqui ao lado. Podíamos chegar à conclusão que todas as grandes verdades e experiências que encontrássemos “lá fora”, eram as mesmas que nos esperavam

Capítulo 2

“cá dentro” se nos predisuséssemos a ser viajados. Ou como naquela música dos Beatles, “A Luz Interior” (The Inner Light), que Gregory Motton nos mostrou:

24

*“Sem sair da minha porta
Posso conhecer todas as coisas da Terra
Sem olhar pela minha janela
Podia conhecer os caminhos do Céu*

*Quanto mais longe viajamos
Menos conhecemos
Menos conhecemos realmente*

*Sem sair da minha porta
Podes conhecer todas as coisas da Terra
Sem olhar pela minha janela
Podias conhecer os caminhos do Céu*

*Quanto mais longe viajamos
Menos conhecemos
Menos conhecemos na realidade*

*Chega sem viajar
Vê tudo sem olhar
Faz tudo sem fazer”*

Mas só poderíamos sabê-lo no fim da viagem.

Europa

No início do projecto discutíamos se o motor deste nosso trabalho era a ideia de Europa ou a de Fronteira. Sem nunca fechar completamente a questão, concordámos que a Fronteira— e aquilo que a atravessa— era o centro de todo o projecto. Mas nunca esquecendo que a nossa necessidade de falar de Fronteira está intrinsecamente ligada ao facto de sermos europeus e de sentirmos necessidade de pensar a Europa; a Europa como o espaço que por excelência se definiu ao longo dos séculos pela sucessiva divisão em dois e pelo estabelecer de fronteiras. Não deixa de ser paradoxal que hoje a Europa esteja a tentar definir-se precisamente pela abolição de fronteiras. O paradoxo aumenta se levarmos em conta que a esta abolição de fronteiras poderá corresponder não só um reafirmar das identidades específicas que constituem a Europa (logo, a constituição de novas fronteiras) como um reforçar das suas fronteiras externas (pensamos agora, mais do que nunca, no que separa a Europa dos outros). Trata-se, afinal, do eterno conflito entre a necessidade de impormos fronteiras e a necessidade de lidarmos com o que existe para lá delas. Um conflito que não pode deixar de atormentar e encher de culpa o Europeu, filho de um continente que se divide entre a mais obstinada defesa dos Direitos do Homem e uma memória manchada pelos piores crimes da História da Humanidade.

Na primeira fase do projecto— o espectáculo “Estudos”— a ideia de Europa serviu essencialmente como motor de outros temas. Mas na segunda fase— a viagem— voltou naturalmente a estar muito presente.

Na Grécia, berço da civilização ocidental e ponto de encontro entre as culturas ocidental e oriental, o realizador Theo Angelopoulos falou-nos como ninguém da Europa, pondo particular ênfase na dificuldade em ultrapassar as fronteiras históricas internas.

THEO ANGELOPOULOS— *Dizemos sempre que a cultura europeia é a soma da cultura greco-romana com o cristianismo. A Grécia de hoje, em relação a essa cultura do passado, não tem nada a ver. Um motorista de táxi pode dizer-vos coisas da Antiguidade, muito contente e orgulhoso, mas não conhece nada. Deve ser a mesma coisa hoje com os italianos e, por exemplo, Júlio César. Ou com os poetas da língua latina. Mas os*

italianos, vocês também, a Espanha, tiveram o Renascimento. A Grécia teve o azar de, nesse período, estar sob a ocupação otomana. Os intelectuais que estavam em Constantinopla partiram para leste, grande parte foi para Itália, para França, muitos para a Rússia. Toda a Grécia estava ocupada, mesmo as comunidades gregas fora daquilo que é hoje a Grécia (na Ásia Menor, por exemplo) estavam subjugadas, até a língua era impedida.

Havia uma islamização forçada. Quatro séculos! Na Sérvia, na Bulgária e na Albânia foram cinco séculos. Não havia Renascimento, não havia nada! Quando esses países se tornaram de novo livres, foi preciso re-inventar tudo. Ou seja, houve um gap civilizacional. E que ficou caro à progressão destes países, e aos países vizinhos, todos os Balcãs.

É por isso que os Balcãs são uma região tão especial. Porque é que há tantas guerras que começam aí? Há velhas hostilidades que perduram há séculos e que já não passam. Porque é que os eslavos, croatas e sérvios, têm uma tal hostilidade?— são ambos eslavos! Porque os croatas estiveram com os alemães na Segunda Guerra Mundial e os sérvios com os Aliados. Os croatas massacraram quase oitocentos mil sérvios e os sérvios fizeram o mesmo quando puderam. Matamos, somos mortos, etc.: é um círculo vicioso, nunca vai acabar!

E agora juntou-se ainda a questão muçulmana. Na Bósnia fala-se de muçulmanos, como se se tratasse de uma etnia. Muçulmano não é uma etnia, é uma religião. Isso foi uma invenção do Tito para dividir todos e assim poder reinar. Os bósnios são eslavos! Não são muçulmanos, turcos, etc... são eslavos.

No século II o patriarca de Constantinopla apanhou o herege Bogomil (era a época das heresias) que partiu com os seus fiéis e se instalou na Bulgária. Encontrou ali uma pequena clientela, mas o patriarca desejava já a sua morte— na altura os hereges aqui eram assassinados. Então ele partiu da Bulgária e foi para a Bósnia, que estava na época sob o Império Austro-Húngaro, ou, pelo menos, ainda não eram os otomanos. Quando os otomanos chegaram, ocuparam-nos (notem que os turcos chegaram até Viena, só aí é que pararam) e ficaram muito tempo. Os fiéis de Bogomil, que eram mal vistos pelos outros eslavos ortodoxos, começaram a aceitar passar, lenta mas progressivamente, para o islamismo. E é curioso porque até hoje eles são muçulmanos, mas têm um ritual que é ortodoxo. Vem da época do cristianismo. Assim, estas pessoas eslavas fizeram-se muçulmanas. E vejam a situação que temos hoje... e isso nunca mais vai acabar.

CARLOS COSTA— *Mas quando falamos desta hostilidade não será que ela está presente também quando fala da civilização otomana como um vazio civilizacional?*

THEO ANGELOPOULOS— *O que aconteceu foi bem estudado, mas não devemos confundir sentimentos sobre algo do passado. Tudo o que foi mal feito foi mal feito. Mas agora é o presente, e o futuro.*

Eu tenho amigos turcos e eles partilham desta ideia. Vejo em relação a mim próprio, deram-me um grande prémio do cinema em Istambul. Quando entrei na sala, as pessoas levantaram-se, aplaudiram,

algumas pegavam-me na mão e diziam “Amamo-lo, amamo-lo!”. Pessoas jovens, na rua, paravam... Não tem qualquer sentido, a hostilidade. Pertence ao passado. Agora é seguir em frente!

O problema na Turquia é ser ainda dirigida por militares, se não fosse isso seria muito mais fácil entrar na Comunidade Europeia e ultrapassar os seus problemas. É por isso que há lá um movimento de esquerda que talvez seja o maior da Europa. Fazem greve de fome... Há muitos jovens que querem ultrapassar uma História que pesa sobre eles. Mas não sei porque é que o exército ainda está no poder, os governos vêm e vão e eles estão lá atrás. Há eleições, mas se eles não estiverem de acordo...

Mas creio, e espero, que a nova geração seja muito mais livre. Vejo grupos de estudantes que vão à Turquia e encontram-se com jovens de lá, sentem-se bem... não há nada a separá-los, nada!

É sempre a culpa dos sistemas e estruturas velhos, que pensam “O que é que a Turquia pode ganhar?”. Acho que a Grécia aprendeu a lição— não totalmente, mas ainda assim...

Tivemos aqui umas catástrofes com tremores de terra. Alguns gregos tiveram que ir para lá, as pessoas foram muito amistosas... e porque não seriam? Coisas que seriam naturais parecem ser extraordinárias!

É por isso que defendo o atravessar de fronteiras, não apenas geográficas mas também fronteiras históricas. A Alemanha e a França ainda não ultrapassaram a fronteira, ainda não esqueceram a guerra. Como me dizia um amigo alemão “Nós temos ainda medo do alemão médio”. Há coisas que ficam, e é aí que está a fronteira.

Já em França, última etapa da nossa viagem, o dramaturgo Joseph Danan pôs a questão colonialista no centro da definição do que é a Europa hoje. E estas conversas ao longo da estrada, ainda que não contivessem dados novos ou contraditórios em relação à nossa primeira reflexão, levaram-nos a sintetizar numa nova perspectiva a ideia de Europa enquanto matriz deste projecto.

“E se no fim de tanto debate, tanta procura, tanta reflexão em torno das fronteiras, da Europa e do outro, a questão fosse apenas esta: algumas antigas potências colonizadoras têm medo— medo da vingança dos colonizados que agora justamente reclamam a sua compensação e medo do seu próprio poder autodestrutivo. Medo de estarem sós face à “ameaça” do resto do Mundo e medo de estarem juntas após se terem degladiado durante séculos.

A velha senhora Europa sorri com optimismo e simpatia enquanto cruza os braços para parecer firme. Mas talvez esteja só a proteger o tronco da inevitável tempestade que se adivinha. Pode dizer-se dela o que se diz de qualquer homem: enquanto não fizer as pazes com o seu passado não terá serenidade para encarar o futuro.”

Notas de Viagem/Paris, 3 de Junho, **Ana Vitorino**

Fronteira

A Europa é por excelência um paradigma de fronteira. Vivemos numa autêntica manta de retalhos de culturas e línguas diferentes que estão unidas por uma identidade solidificada num passado histórico de conquistas, guerras, impérios e uniões.

As nossas ideias sobre Fronteira mudaram muito ao longo de 2001. A fronteira, por um lado, é a linha que nos separa do outro, sendo o outro um país, uma nação, uma pessoa, um medo ou nós mesmos. Por outro lado, a fronteira pode ser o que define uma cultura ou um indivíduo garantindo-lhe a independência ou sobrevivência. A fronteira não é assim simplesmente uma barreira física entre dois países mas algo que nos separa do outro para o bem e para o mal. E foi na questão de quem é o outro e de como é que se lida com o outro que nos concentrámos a partir de certo ponto do nosso trabalho.

Ao pensar nas formas de superar fronteiras falámos de viagem enquanto percurso que nos leva a conhecer o outro e, pelo caminho, a nós próprios e falámos de Herói enquanto o homem que supera os seus limites e que, por isso, inspira os outros.

Encontrámos dois tipos essenciais de heróis num sentido clássico: os que foram motivados pela busca de um bem pessoal (como Hércules) e os que foram motivados pela busca de um bem comum (como Jesus Cristo ou Prometeu). E perguntámo-nos: Hoje em dia, ainda há espaço para heróis?

Hoje os modelos de Herói são outros. O Herói já não é aquele que se predispõe a partir, a viajar, mas aquele que se dispõe a ser “viajado” pelos outros, ou seja, o que permite que os outros percorram a sua vida até à intimidade quer através dos olhos indiscretos da televisão quer através de um folhetim de jornal. Na realidade nada o distingue do nosso vizinho do lado. E assim todos podemos ser heróis sem causa.

Também fizemos a pergunta: E se houvesse por aí um herói? O que fazíamos com ele?

Talvez o puséssemos a apresentar um concurso de televisão ou a participar num *Reality Show*... Ou se calhar logo se publicaríamos fotografias que o comprometessem, trazendo para as primeiras páginas os pormenores sórdidos do

seu passado, e se não os houvesse inventavam-se... Mas também podia ser diferente: podíamos fazer paradas, condecorá-lo, erigir uma estátua, dar-lhe uma pensão vitalícia ou um cargo de cônsul num país de clima agradável, e esperar pelo próximo herói.

Durante a viagem os nossos convidados partilharam a nossa ideia de que os heróis estão fora de moda:

CATARINA MARTINS— *Mas as pessoas estão a escrever sobre heróis?*

CARLOS COSTA— *É que, pelo menos em Portugal, os heróis são os concorrentes do “Big Brother”... e estão a tomar o lugar dos verdadeiros heróis... toda a gente os ouve mas de facto não têm nada para dizer.*

PEDRO CARREIRA— *Se calhar é porque as pessoas precisam de heróis mas hoje em dia é mais fácil ir comprá-los.*

RAMIN GRAY— *Isso soa muito bem!... Se calhar têm razão: já não há heróis... foram todos comprados pelas televisões e transformados em celebridades... Nas peças já não há heróis... Ia parecer antiquado não ia?!*

(...)

CARLOS COSTA— *Temo-nos perguntado onde estão (se é que existem) os heróis na dramaturgia contemporânea. Neste momento toda a gente escreve sobre pessoas “normais”, não só no teatro mas na televisão. Vemos no “Big Brother” que o centro das atenções são pessoas sem qualquer qualidade especial... onde estão os heróis? Passaram de moda?*

JOSEPH DANAN— *Não vejo que o Herói alguma vez regresse. Hoje assistimos à confusão entre personagem e pessoa comum, vemos no exemplo da televisão. É muito claro.*
De vez em quando há autores que trabalham sobre figuras míticas, mas é muito mais frequente essa personagem comum.
Penso que o herói como modelo está verdadeiramente acabado.

CATARINA MARTINS— *No herói clássico o conflito é claro, há duas forças muito claras. E quando se complica o conflito, no teatro de hoje, já não se pode ter Herói.*

JOSEPH DANAN— *É verdade que o verdadeiro Herói é aquele do teatro grego. Mas o que é curioso, ainda assim, é que o cinema parece ter retomado essa função. Acho que há verdadeiros heróis no cinema, talvez um pouco menos hoje, mas vejamos o western... funciona um pouco como uma tragédia grega, com o mesmo tipo de conflito. Esta semana apareceram no “Le Monde” uma série de artigos de Bernard Henry-Lévy sobre as*

guerras actuais, nomeadamente a guerra em Angola, e ele diz que são guerras sem razão. Há conflito mas já não se sabe porquê... são sangrentas e muito mais aterradoras do que as guerras clássicas, em que pelo menos sabíamos porque é que nos estávamos a bater. Nas guerras clássicas podia haver heróis. É o que vemos nos filmes de guerra americanos, cada um do seu lado, etc... A partir do momento em que não sabemos mais o que estamos a defender, o conflito torna-se violento mas obscuro. Acho que há muito disto no teatro contemporâneo— e depois ainda há os micro-conflitos do quotidiano...

Ao pensar em como vivemos com o que está para lá da fronteira tropeçámos ainda em mais uma criada para lidar com o outro: o conceito de “politicamente correcto” que nos permite ter a sensação de que fazemos o bem e ajudamos, sem que realmente mudemos aquilo que nos envergonha. Mas na verdade continuamos a ser seres divididos. Criámos o “politicamente correcto” para nos sentirmos bem? Ou para não termos de lidar com o nosso oposto. Ou terá sido para expiar essa culpa— muito europeia— que nasce muitas vezes da vergonha que sentimos do nosso passado colonial?

O que o “politicamente correcto” faz, na realidade, é criar uma barreira de silêncio e hipocrisia pelo medo de comunicar uma opinião. Já não sabemos o que pensa o nosso opositor porque se escuda por detrás de uma capa de “tolerância”. Já não temos coragem para exprimir a nossa opinião sobre determinados assuntos porque podemos ser mal interpretados. Não podemos dizer “criados” mas sim “auxiliares de economia doméstica”. Não podemos dizer “pretos” mas sim “negros”. Mas claro que em inglês só se pode dizer “black” e nunca “nigger”. Nunca pode dizer “aleijado”. E assim, um dia, seremos incapazes de comunicar ou esboçar um pensamento. Claro que entretanto continuamos a comprar quotas de lixo ao terceiro mundo e tecidos feitos por crianças indianas...

Criamos novas fronteiras onde elas não são necessárias e abolimos fronteiras sem nos apercebermos que estamos a invadir o espaço do outro. De uma maneira ou de outra parece que estamos constantemente a errar... e a culpa nasce de novo como que para realimentar ódios e incompreensões.

Um herói não tem medo de ser incorrecto para com o outro. Um herói atravessa fronteiras porque tem de o fazer, porque precisa de o fazer. Um herói não pode fingir que se importa. Um herói tem mesmo de se importar senão a sua empresa não tem sentido. Um herói preocupa-se com o outro mas não se preocupa se o outro o está a ver na televisão. Se calhar por isso é que já não há muitos.

Estudos

Ao longo da nossa discussão sobre os conceitos de Fronteira, Herói, Outro e Europa fomos reunindo material tão diverso como entrevistas, artigos de jornais, textos dramáticos e não dramáticos e discutindo ideias dispersas como o conceito de herói viajado em oposição ao herói clássico, a hipocrisia, o “politicamente correcto”, a linguagem televisiva, o concurso de TV, o frente a frente, o debate, a repulsa pelo outro, o medo do outro, a violência e... enfim, a culpa— tema este que esteve sempre presente desde as primeiras discussões sobre a Europa e o mundo Ocidental e que aparentemente nos perseguiu, não de forma inocente, até este ponto. Do confronto com este material surgiu o espectáculo “Estudos”.

FONTES E TEMAS

O **Estudo nº1/O Pilar de Fogo** surgiu de uma recolha de discursos de Yitzhak Rabin em ocasiões de tratados de paz e aquando da cerimónia de entrega do Prémio Nobel da Paz. A dificuldade de entender o outro e o esforço— inglorio até ver— de com ele conviver motivou esta pesquisa sobre o conflito, sobre as razões da impossibilidade de compreender o nosso mais próximo e sobre a raiz dessa dificuldade que está, afinal, dentro de cada um de nós.

“Vimos de uma terra angustiada e desgostosa. Vimos de um povo, de uma casa, de uma família, que não conheceu um único ano ou um único mês no qual mães não chorassem pelos seus filhos. Vimos para tentar pôr fim às hostilidades, para que as nossas crianças e as crianças das nossas crianças já não experimentem o doloroso preço da guerra, da violência e do terror.

Senhoras e Senhores.:

Em tempos fui um jovem, agora completamente crescido em anos. E de todas as memórias armazenadas em todos estes anos de vida, aquilo que mais recordarei até ao meu último dia são os silêncios: o pesado silêncio do momento seguinte e o terrível silêncio do momento anterior.

(...)

Nesse momento de grande tensão mesmo antes do dedo premir o gatilho, mesmo antes do rastilho começar a arder; na terrível calma do momento, ainda há tempo para

questionar, questionarmo-nos sozinhos: Será mesmo imperativo agir? Não haverá outra escolha? Nenhum outro caminho?”

Estudo nº 1/O Pilar de Fogo

“O estrangeiro” de Albert Camus foi um dos gatilhos do tema o Outro que nos levou a perguntar quem são “eles” para nós. Resposta que fomos encontrando em improvisações e obtendo de amigos através de correio electrónico. A lista reunida foi imensa abarcando quase todos os “eles” que se podem imaginar. Tantos que de repente eles somos nós! Era o esqueleto do **Estudo nº 2/Eles e o Outro.**

CONFERENCISTA— *Eles são os professores que escrevem e dizem disparates aos alunos que deviam formar, que se queixam sistematicamente das agruras da profissão e, ainda assim, ficam nos quadros da escola ano após ano, que esgotam os artigos 102 porque lhes apetece ir à República Dominicana em meados de Novembro.*

TRADUTORA— *Tourists.*

CONFERENCISTA— *Eles são os jornalistas que redigem palavras com erros ortográficos crassos, que fazem a contração das proposições quando estas antecedem uma oração infinitiva, que fazem do casamento de dois imbecis notícia nacional e repetem nos noticiários de um dia inteiro que o Bangladesh é uma ilha.*

TRADUTORA— *Bangladesh is not an island.*

CONFERENCISTA— *Eles são os brancos que se queixam do sol e se queixam da chuva e para quem todos os anos há uma calamidade, num ano choveu e não estávamos à espera, no outro esteve normal e nós estávamos preparados para a calamidade; os que retalharam a terra aos bocadinhos com as heranças, que ficam chocados porque a laranja espanhola é mais barata e pensam que bonito e saudável é a maçã com bicho; os tipos que se espantam porque chove no Inverno e porque Portugal tem um clima temperado; aqueles que não se modernizaram, que morrem no mar porque não têm GPS na traineira, porque com esse dinheiro preferem ir para Badajoz nas férias; são os gajos que estão nas obras sem protecção nos ouvidos e sem capacete e se fodem e depois não viver da minha Segurança Social.*

TRADUTORA— *People from Spain.*

CONFERENCISTA— *Eles são os gravatinhas; os tipos que sobem na empresa a dar nas vistas à frente do patrão; os que tiraram cursos de Economia e Gestão,*

cursos específicos tipo “Gestão de tábuas de madeira castanho-claro com verniz brilhante” e pensam que podem extrapolar daí para qualquer outra coisa; os gajos que apresentam projectos, que fazem apresentações, usam powerpoint e lazerpoint; os tipos de sucesso que trabalham muito para poderem depois ir uma semana para a neve.

TRADUTORA— *Interior decorators.*

CONFERENCISTA— *Eles são os funcionários públicos que vivem dos nossos impostos, os tipos que têm prazer em enrolar, em empatar, que sabem que podem não trabalhar e ainda assim não ser despedidos; são verde-amarelados; são os que estão ali para foder tudo; os excedentários; são os tipos que dizem “Não trouxe o papel?” e “Ah, tem que cá vir outra vez!”; são gordos e têm o cu pesado; aqueles que deixam no computador a marca de gordura da “sandes” que comeram.*

TRADUTORA— *The green fat people.*

CONFERENCISTA— *Eles são as crianças que pensam que podem fazer barulho quando lhes apetece; os que destroem a paz; aqueles que comem pacotes de batatas fritas e os deitam ao chão; eles são o futuro.*

TRADUTORA— *Pikachu.*

Estudo nº2/Eles e o Outro

Da discussão sobre o Herói reunimos textos sobre Prometeu, enquanto herói clássico, e textos como “Dansen” de Bertolt Brecht ou “A minha apologia” de Woody Allen. A ideia de confrontar um herói com um empresário enquanto representante de uma sociedade sem lugar para heróis surgiu, no entanto, graças a uma entrevista de Belmiro de Azevedo à revista *Visão*. Desse confronto nasceu o **Estudo nº3/Vou Comprar um Cavalo e Desandar.**

EMPRESÁRIA— *Não me diga que é uma pessoa normalíssima. Você foi de uma tenacidade, coragem física e resistência para lá de todos os limites. Eu nem consigo imaginar o sofrimento a que esteve sujeito. Completamente isolado, preso naquele sítio horrível, em condições sub-humanas, calor, as ameaças... Como é que aguentou? O que é que sentiu... ali sozinho?*

HERÓI— *Eu acho que já se falou demasiado sobre tudo isto. As pessoas sabem o que aconteceu e acho que é completamente desnecessário entrar em pormenores que... não interessa. Não tem sentido.*

EMPRESÁRIA— *Sim, mas tem consciência que é o facto de as pessoas reconhecerem o seu sofrimento que lhe dá o poder que tem agora?*

HERÓI— *Eu... poder?*

EMPRESÁRIA— *Sim, o poder do exemplo, de ser uma referência, alguém que os outros seguem. Neste momento as pessoas são capazes de se atirar a um poço atrás de si. Você tem muito poder.*

HERÓI— *Pois... Não sei se é bem assim. Eu não chamaria a isso poder. Eu acho que as pessoas pensam pela sua cabeça. Poder é o que vocês têm. Pessoas como você, com dinheiro... que têm o poder económico.*

EMPRESÁRIA— *Eu tenho muito claro para mim que a mais-valia material que nós formamos desde o dia do nascimento até ao dia da morte é um fatinho e um par de sapatos. Não tenho quaisquer ilusões a esse respeito, e a verdade é que nem tenho chance de gastar um décimo da minha fortuna. Não é verdade que eu seja uma mulher poderosa. Nem sei porque é que se diz isso. Ninguém pode dar um só exemplo de arrogância da minha parte. Uso o dinheiro com uma grande responsabilidade social. Sou uma grande arrecadadora de IVA e sou, até pode parecer pretensão dizê-lo mas sou, uma cidadã exemplar. Não tenho nem nunca tive a pretensão de ser uma representante das outras pessoas. Aliás, nunca estive filiada em nenhum partido, nem nunca estive de forma alguma envolvida na vida política. Esse será porventura o seu futuro. A acreditar no que se tem dito... Tem lido os jornais, ultimamente?*

HERÓI— *Só por alto...*

Estudo nº3/Vou Comprar um Cavalo e Desandar

Faltava-nos dar um outro lado: o do medo irracional do outro. O outro enquanto portador de algo que nos pode destruir e que por isso nos força a atacar primeiro. A ideia do **Estudo nº4/Peste** surgiu de dois estímulos diferentes.

Por um lado na altura falava-se muito da famosa Febre Aftosa, da BSE e da Gripe das Galinhas. Era inevitável o medo da contaminação por uma doença que atravessa fronteiras apesar dos nossos esforços— na memória ficam as imagens de passageiros de avião a terem que passar os sapatos por um tapete com desinfetante. De repente havia algo de invisível que se podia aproximar e abalar o nosso mundo bem construído.

Por outro lado fomos seduzidos pelos relatos sobre a Peste Negra de 1347 que nos davam esse lado de terror e medo irracional do outro, a que se juntou algo de

muito precioso: pela pena do frade irlandês John Clyn tínhamos um relato de desespero e esperança de quem precisa de acreditar que alguém sobreviverá para contar. Para que nada seja em vão.

“E eu descrevi estes acontecimentos impressionantes do que se passou no meu tempo. E receando que sejam esquecidos e se desvançam da memória das gerações vindouras, eu, entre os mortos, esperando que a morte chegue, escrevi tudo quanto escutei e verifiquei. E para que os escritos não desapareçam com o escriba e o trabalho falhe assim o seu propósito, adicionei pergaminho para, acaso haja alguém para o ler no futuro, algum filho de Adão que sobreviva à pestilência continue o trabalho por mim começado.”

Estudo nº4/Peste

LINGUAGEM E ESPAÇO CÊNICO

Apresentámos quatro Estudos em quatro salas diferentes de uma galeria de arte. A uni-los estava sempre a noção de fronteira entre indivíduos. De Estudo para Estudo o público tinha que percorrer um corredor semelhante a uma estrada com as respectivas faixas rodoviárias, que lembravam que o Outro pode ser um obstáculo a contornar e que certas regras têm de ser seguidas para evitar conflitos. Eram também uma referência à viagem que iríamos fazer a seguir. No fim do espectáculo uma sessão formal de cumprimentos ao público, a substituir os tradicionais aplausos, permitia reconstruir fronteiras através da hipocrisia de um sorriso e aperto-de-mão enquanto se diz uma frase oca de sentido pela repetição: “Obrigado por ter vindo”.

De diferentes formas todos os Estudos falavam de fronteiras entre nós e os outros. E que ferramenta temos nós para ultrapassar essas fronteiras: a linguagem. Que deve ser adequada a cada situação. O discurso, a entrevista, a troca de ideias, a conferência, são formas muito utilizadas hoje em dia para comunicar de uma forma asséptica, sem riscos de verdadeiro confronto com o outro e preferencialmente com uma qualquer mesa a separar-nos. A mesa, que surge entre os dois lados em confronto, deveria ser uma ponte para o diálogo mas paradoxalmente comporta-se como uma verdadeira fronteira. Nos Estudos existe essa barreira de segurança: No Estudo nº1 um púlpito que separa o antigo soldado do seu antigo inimigo; no Estudo nº2 uma mesa de conferência que serve

como porto de abrigo e separador entre classes; no Estudo nº3 uma frágil mesinha de vidro que separa a empresária do herói. No Estudo nº4 não havia uma fronteira física tão clara. Neste caso estava presente a ideia de contaminação para lá de todas as fronteiras, bem patente no cheiro a vinagre que envolvia o espaço.

Quisemos, por um lado, usar estas linguagens do quotidiano e dos média para nos aproximarmos do público e, por outro lado, subvertê-las. Ou seja, no discurso do Estudo nº 1 o homem/combatente que veio fazer a paz, enquanto debita palavras de esperança, traz nos olhos e nos gestos recordações de feridas fundas que nunca sararão— talvez só o tempo o possa fazer, mas nunca se deu tempo ao tempo— e uma enorme descrença em si mesmo e nos seus inimigos. Há uma grande incapacidade para lidar com o Outro. Na conferência do Estudo nº2 a conferencista vai-se envolvendo com os “eles” que vai enumerando e a tensão entre ela e a outra personagem, a má tradutora simultânea, vai aumentando até um ponto insuportável e, subitamente, o pior “eles” está na sala, à nossa frente, e a culpa floresce na cabeça de quem maltratou o outro e na cabeça de quem viu e nada fez. No Estudo nº3 quisemos confrontar duas personagens— um herói e um representante da nossa sociedade empresarial pragmática e liberal— em amena conversa no estilo televisivo hoje muito na moda. O choque foi inevitável. Estas personagens nunca poderiam conviver porque não podem estar no mesmo “programa”— os valores em que acreditam são incompatíveis com a situação e acabamos por ter um empresário que vai abafando silêncios com banalidades escabrosas sobre a sua actividade e um herói que não encaixa ali, que é aquilo a que chamámos um mau *performer*, um péssimo gestor de imagem. No Estudo nº4 optámos por uma instalação sonora e visual em que a sensação agonizante provocada pelos relatos sobre a peste negra convivía com a imagem caseira de uma mulher a passar a ferro intermináveis pilhas de roupa, numa espécie de trabalho de Sísifo em ambiente azedo.

Os Estudos eram isso mesmo: mais do que um espectáculo, um ponto de situação deste projecto que culminaria com um outro espectáculo e que pelo meio teria uma viagem onde tudo se reformularia, onde tudo ganharia novos sentidos e onde muita coisa iria certamente surgir.

Para já nós estávamos de um lado e “eles” do outro. Pelo meio uma mesa a separ-nos. Na mesa uma garrafa de água meio cheia para evitar que alguém se

engasgue. Se mudarmos a perspectiva temos que nós estamos de um lado (o outro) e eles do outro. Na mesa continua a garrafa, agora meio vazia, para evitar que alguém se engasgue.

Depois dos Estudos seguimos em viagem.

Parte II

Na Estrada

TRINTA DIAS DE VIAGEM:

Partida a 6 de Maio, chegada a 5 de Junho.

SETE PESSOAS NUMA CARRINHA:

Ana Vitorino, Carlos Costa, Catarina Martins e Pedro Carreira– directores artísticos e actores do Visões Úteis;

Ágata Marques Fino– responsável de produção do Visões Úteis;

João Martins– músico e webdesigner, colaborador regular do Visões Úteis;

Nuno Casimiro– escritor, responsável pelas crónicas de viagem a publicar na imprensa portuguesa.

A PROPOSTA:

Partir em viagem pela Europa para contactar, ao longo de mais de dez mil quilómetros de estrada e mar, com pessoas ligadas ao teatro, ao cinema, à literatura, à arquitectura, à política e à programação cultural– pessoas que pelo seu trabalho e pela sua vida influenciaram a nossa ideia de Europa, a nossa ideia de Fronteira e de Outro.

6 DE MAIO

OBJECTIVO DO DIA: CHEGAR A BARCELONA/ESPANHA

Encontro no Porto perto de uma entrada da Via de Cintura Interna às seis horas da manhã. Surpreendentemente a carrinha tem espaço de sobra para as bagagens. O último jornal português que leremos nesse mês dá-nos a notícia da morte do actor Paulo Claro. Não está calor, nem frio, nem trânsito.

“A paisagem passa depressa, em contínuo zapping. Durante muito tempo parece sermos os únicos na estrada.”

Crónicas de viagem, **Nuno Casimiro**

Chegamos a Barcelona a horas de jantar, dar uma voltinha nas ramblas e ir dormir.

Capítulo 6

7 DE MAIO

OBJECTIVO DO DIA: CHEGAR A MILÃO/ITÁLIA

“Estrada e mais estrada e um acidente com um camião que nos obriga perder hora e meia para percorrer sete quilómetros. Pelo fim da tarde começam os Alpes, a serra esventrada, um formigueiro de camiões e uma fronteira com polícia. Fardada e armada. Perguntam-nos onde vamos e o que fazemos. Mandam-nos seguir imediatamente. (...) Pela janela entram os túneis e o Mediterrâneo, polvilhado com os iates das revistas do jet set.”

Crónicas de viagem, **Nuno Casimiro**

Chegamos a Milão já noite dentro. Cabeça em água depois de um dia dividido por três países e três línguas diferentes. A hospitalidade italiana salva-nos e temos um guia de ocasião para nos ajudar a encontrar o hotel.

8 DE MAIO

OBJECTIVO DO DIA: UMBERTO ECO

UMBERTO ECO– Escritor, ensaísta, linguista, professor de estética.

O encontro com Umberto Eco não estava confirmado. Resolvemos arriscar porque o percurso passaria obrigatoriamente perto de Milão. De manhã saímos do hotel para o meio da campanha eleitoral italiana. Telefonamos de uma cabine pública para o escritório de Umberto Eco. Dizem-nos que não está no país. Primeiro desaire.

No passeio pelo centro de Milão e da campanha paramos na Rua de Dante. Chama-nos a atenção uma acção do Partido Radical.

*“Serão loucos ou pessoas que acreditam?
Ou se calbar os loucos são pessoas que acreditam?
Em Milão alguém em cima de um palanque falava para o vazio numa rua cheia de pessoas. Só nós, estrangeiros, parámos para ouvir. Era política, eram eleições, era um discurso liberal, tudo era radical e quase esquizofrénico. Afinal estava a ser transmitido para a internet (aquele lugar onde todos pensam que se viaja muito mas onde poucos reparam na paisagem). Havia algo de heróico naquela atitude de discursar persistentemente ao Sol com uma garrafa de água aos pés. Depois de um vinha logo outro orador. Estavam em jejum segundo fomos informados. Mas isso já não me interessou, isso era a parte da banalidade, era a parte que chamava a atenção dos média... Para mim era o fim do herói.”*

Mais à frente um outro local, um outro posto de partido político com cartazes, esferográficas, isqueiros, autocolantes e muita banalidade para oferecer. Provavelmente de um partido talhado para vencer. Nesta nossa Europa o poder é realmente uniforme e isso é assustador. É fácil ser vencedor.”

Notas de Viagem/Milão, 8 de Maio, **Pedro Carreira**

Conhecemos Micaela, uma militante do Partido Radical, que fala inglês. Diz-nos que Emma Bonino estará lá nessa tarde e que poderemos falar com ela.

EMMA BONINO— política italiana candidata do Partido Radical por Milão. Nesse momento em greve de fome para contestar a forma desigual como os média italianos tratam os candidatos. Conhecida dos portugueses por ter sido Comissária das Pescas da União Europeia.

Armámo-nos de câmara e minidisc e vamos esperá-la. Chega pelas cinco da tarde super energética. Fala com os jornalistas e no fim ainda arranja cinco minutos para responder às nossas perguntas. Primeira vitória. Entrevistamo-la em Italiano.

Depois seguimos para Parma, onde jantamos com os nossos próximos convidados, os membros da Cooperativa Edison.

“Recebem-nos como velhos amigos, com pizza e vinho.”

Crónicas de viagem, **Nuno Casimiro**

9 DE MAIO

OBJECTIVO DO DIA: COOPERATIVA EDISON

COOPERATIVA EDISON— Cooperativa cultural que realiza eventos com repercussão em toda a Europa. Trabalha principalmente na área do cinema. Conhecemo-los em 1997 quando participámos numa mostra de teatro em Parma. E nunca perdemos contacto.

Dormimos até tarde, depois visitamos as instalações da Edison. Longe do centro, rodeadas de árvores e passarinhos a cantar, com escritórios, salas para *master classes* de música, biblioteca de cinema, videoteca e até um pequenino cine-

teatro. Nas paredes os cartazes das últimas acções que desenvolveram: Um filme de Emir Kusturica, um encontro com Günter Grass, uma exposição de Peter Greenaway. Depois de várias tentativas conseguimos ligação à internet para descarregar o correio (esta será uma dura batalha durante toda a viagem). E à tarde vemos em sessão exclusiva o último filme de Kusturica "Super 8 Stories", de que a Edison foi co-produtora.

Ao fim da tarde entrevistamos Andrea Gambetta (fundador da Edison e que é, entre outras coisas, produtor da No Smoking Orchestra e Comissário das comemorações do centenário de Verdi). Conversamos em italiano, com o inglês a servir de muleta ocasional.

A noite foi de despedida, com um jantar caseiro na companhia destes nossos anjos da guarda que nos deram a provar sabores tradicionais de várias zonas de Itália.

*"PARMA
(em Italiano, Cativo significa mau)*

*Serei cativo pela partida
celebrando os novos rostos
da palavra com dois beijos.
Como um homem."*

Polaroids, Nuno Casimiro

10 DE MAIO

OBJECTIVO DO DIA: TONINO GUERRA

TONINO GUERRA– Escritor italiano nascido em Santarcangelo di Romagna em 1920. Conta com uma vasta obra narrativa e poética, mas tornou-se conhecido pela colaboração com importantes realizadores cinematográficos na co-autoria de argumentos: Fellini (Amarcord, Ginger e Fred, O Navio), Antonioni (O Deserto Vermelho, Blow-up, Para Além das Nuvens), Angelopoulos (O Passo Suspenso da Cegonha, O Olhar de Ulisses, A Eternidade e um Dia), Tarkovsky (Nostalgia), Vittorio de Sica, Francesco Rossi, etc. Em 2000 o Visões Úteis criou o espectáculo "Schiu!" a partir do seu "Livro das Igrejas Abandonadas".

A caminho de Penabilli, terra de Tonino Guerra, paramos em Santarcangelo. Numa praça ampla há livros de Tonino Guerra em exposição numa banca. Está

sol e o ar é leve. Ouvem-se vozes de crianças numa sala de aulas. João Martins, munido de *minidisc*, fica debaixo da janela da escola a tentar apanhar os sons.

“Pretende-se (...) constituir um arquivo que permita, a posteriori, a análise, manipulação e composição musicais, com base nas riquezas do contraste óbvio e da surpreendente semelhança.

Um dos motes era a ideia de Lopes Graça segundo a qual um coro de crianças tinha maior potencial para o que é diferente por não ter os ouvidos “viciados” numa cultura musical específica.”

Os sons da Orla, **João Martins**

Chegamos a Pennabilli pela hora de almoço. Toda a gente percebe que vamos falar com Tonino Guerra e aparece logo um guia de ocasião. Dispensamos o guia e com isso quase nos perdemos. A paisagem é belíssima. Tonino Guerra esperanos à porta de casa.

“Tonino recebe-nos num alpendre sobre os montes, embrulhado no silêncio da montanha. Ali, o tempo corre devagar, talvez não chegue sequer a passar. Tonino tem olhos de menino e mãos de pedra. Fala como se escrevesse.”

Crónicas de viagem, **Nuno Casimiro**

“Tonino fala-nos de Tito Balestra, um amigo há muito desaparecido. De repente lembra-se de um poema que Tito dedicou ao seu grande amor. Ela chamava-se Ana e o seu nome abre a primeira estrofe. Os olhos de Tonino Guerra cruzam a mesa na direcção da nossa Ana e as palavras correm como se tivessem sido escritas só para ela. Quero olhar para a Ana, quero ter a certeza que ela está a devolver o olhar, mas não consigo tirar os olhos dele, pergunto-me se será uma coincidência ou se ele fixou o seu nome, imagino que devíamos ter duas câmaras, não, três. De repente já acabou e foi como se nunca tivesse acontecido.”

Notas de viagem/Pennabilli, 10 de Maio, **Carlos Costa**

Esta é mais uma entrevista em italiano, mas desta vez a muleta é o francês. Depois de uma hora e conversa ininterrupta Tonino Guerra diz que não devemos perder mais tempo a falar com ele e traça-nos o mapa das nossas visitas até à noite. Nós seguimos as suas palavras; visitamos o jardim do pensamento logo acima da sua casa, depois rumamos para San Leo (terra que inspirou Dante e onde morreu Cagliostro), e finalmente jantamos “as melhores pizzas da região” num restaurante familiar de Pietra Cuta.

Dormimos no hotel do Lago Verde embalados pelo som das relas.

Capítulo 6

11 DE MAIO

OBJECTIVO DO DIA: CHEGAR A ROMA

Acordamos no meio do verde a perder de vista. Paradoxalmente conseguimos a melhor ligação à internet desde o princípio da viagem.

Ao sair do hotel cruzamo-nos com um grande grupo de crianças a brincar à beira do lago. Provavelmente é uma visita de uma escola primária. João Martins mune-se de microfone à procura do registo da língua quando ainda criança. Depois Carlos Costa segue-o de vídeo em punho. Para as crianças é a loucura total. Cantam, fazem jogos, dizem lenga-lengas, o que gostam e detestam... rodeiam a câmara até a sufocarem. No fim não nos querem deixar ir embora, mas depois de os convencermos que já não há mais “filme” na câmara, tornam às correrias à beira do lago.

“O dia é de peregrinação, pelas igrejas e os locais da obra de Tonino. A viagem torna-se uma busca pela Literatura encantada”

Crónicas de Viagem, **Nuno Casimiro**

Voltamos a Pennabilli. No centro um cartaz anuncia uma feira com um quadro do Tonino Guerra. Nas casas estão os seus meridianos, numa das poucas lojas os seus livros, quadros e poemas. Compramos poemas de Tonino em forma de prendas. Depois seguimos ao encontro das “igrejas abandonadas” e encontramos a igreja de Casteldecì e a placa com os nomes dos soldados que morreram nas Grandes Guerra. É a “grande rosa”, o monumento que “recorda as feridas e todas as guerras”.

O almoço é já a caminho de Roma. A paisagem é bela, mas cheia de curvas. Já na auto-estrada apanhamos uma fila enorme. Saltamos à corda para desentorpecer as pernas. Em Roma a hospitalidade italiana oferece-nos um novo guia de ocasião. O cansaço começa a fazer-se notar.

12 DE MAIO

OBJECTIVO DO DIA: LUCA NICOLAJ

LUCA NICOLAJ– Encenador que na altura desenvolvia um projecto sobre “a ferida do herói”. Projectámos desenvolver com ele trabalho de actor sobre esta cumplicidade.

Visíveis na Estrada Através da Orla do Bosque

“Mal nos conhecemos. Une-nos um amigo comum e o Herói como tema de trabalho.”

Crónicas de viagem, **Nuno Casimiro**

Decidimos ir a pé até ao Vaticano, onde fica a nossa sala de ensaios das próximas duas tardes. É uma caminhada de duas horas. Vemos Roma em passo acelerado e almoçamos *panini* no caminho. Está calor e os turistas estão por todo o lado. Encontramo-nos com Luca Nicolaj num semáforo.

A sala de ensaios é um teatrinho no edifício da catequese dos Carmelitas. O padre Alberto dá-nos a chave e acende-nos a luz. Depois ficamos sozinhos. Trabalhamos toda a tarde falando uma mistura de Italiano, Espanhol e Português.

“Durante dois dias, trocámos experiências e ideias sobre o palco. Ao jantar, o incontornável recesso de mais cinco anos de Berlusconi. Luca não arrisca resultados, as ruas cobertas de cartazes de todas as cores não apontam direcções.”

Crónicas de viagem, **Nuno Casimiro**

13 DE MAIO

OBJECTIVO DO DIA: LUCA NICOLAJ

De manhã damos a volta obrigatória às pedras da capital do Império. Há calor e turistas a mais. Compramos postais e desesperamos com as dificuldades de ligação à internet. Nas lojas de telecomunicações têm medo que queiramos fazer alguma fraude terrível com o nosso computador portátil.

À tarde continuamos a improvisar sobre o palco com Luca Nicolaj. Há um grande prazer em seguir as propostas de um estranho com quem estabelecemos uma cumplicidade imediata, mais do que pelo diálogo, pela forma de trabalha.

“Avançámos à procura do H do herói, a cicatriz que pode fazê-lo mover. As limitações, a vergonha, a virtude, o olhar dos outros, heróis improvisados num pequenino auditório sob uma espécie de centro paroquial a dois passos da Basílica de S. Pedro.”

Crónicas de viagem, **Nuno Casimiro**

Ao fim do dia acompanhamos Luca Nicolaj às mesas de voto. São numa escola, igualzinha aos nossos liceus. Está imensa gente e alguma confusão— nunca se viu tanta gente para votar. Ficámos com esperança que fosse um bom sinal; uma grande mobilização contra Berlusconi. Despedimo-nos de Luca ainda antes de se saberem quaisquer resultados.

Capítulo 6

De volta ao hotel seguimos os resultados pela televisão. Berlusconi vence.

14 DE MAIO

OBJECTIVO DO DIA: EMBARCAR EM BARI/ITÁLIA, COM DESTINO A PATRAS/GRÉCIA

“Despertámos cedo para a partida de Roma. A rua onde estacionámos a carrinha três dias antes está transformada numa feira. Meia dúzia de bancas de roupa, bugigangas, guarda-chuvas, cassetes piratas e objectos que tais alinhados ao longo dos passeios, estendendo-se sobre o asfalto. Entre Português e Italiano tentámos retirar o veículo do meio da confusão. Em dois minutos, somos envolvidos pelo mercado e a carrinha parece o prolongamento das bancas de roupa. Uma das vendedoras insiste em não mover a sua banca nem um milímetro e desata numa torrente de eloquente calão italiano. Tentámos explicar à senhora que o barco para Patras parte de Bari ao fim da tarde. Ainda assim, parece que nada a moverá. Contudo, talvez por se aperceber das dificuldades que o nosso monstro de metal pode trazer ao negócio, acaba por ceder e por entre calças de ganga e muita ginástica de volante, lá conseguimos sair da confusão. Um suspiro de alívio até Bari.”

Crónicas de viagem, Nuno Casimiro

“Os miúdos na rua que jogam à bola falam uma língua que não sou capaz de reconhecer, olbam de lado e têm agressividade em todos os seus movimentos. No porto há uma família grande com imensa bagagem. Não são com certeza turistas. Já no barco há quem coma, meio escondido, de tupperwares e latas, e aparentemente não tenha onde guardar a bagagem. Há mulheres com lenços na cabeça que lembram notícias de países distantes. No barco há dois lados e eu sinto que estamos do "outro lado", aquele que gosto de achar que não é o nosso. Agora a ideia de que os Balcãs são mesmo aqui ao lado já não é teórica. São mesmo.”

Notas de viagem/Bari, 14 de Maio, Catarina Martins

Em Bari está sol e o Adriático é azul puro. O barco é um hotel com quartos minúsculos. Trocamos liras por dracmas porque ali já é Grécia. Acertamos agulhas no convés a respirar o ar frio da noite e do mar. Dormimos embalados pelas ondas.

15 DE MAIO

OBJECTIVO DO DIA: CHEGAR A ATENAS

“Chegámos a Patras por volta do meio dia e a primeira impressão é a de entrarmos num compêndio de Física, com fórmulas por todo lado mas, ao mesmo tempo, uma certa familiaridade nos rostos, nas ruas, na condução completamente desregrada. No truncho para Atenas, a montanha e o mar entram-nos pelos olhos sem pedir licença mas a cidade é estranha, parda. Parece um imenso subúrbio de construções ilegais, um amontoado de patos bravos imersos numa neblina de poluição, vigiado do alto pela

Visíveis na Estrada Através da Orla do Bosque

Acrópole. Não há espaço para respirar. Não se pode passear a pé. A cidade engole-nos e há um certo gozo nisso.”

Crónicas de viagem, **Nuno Casimiro**

O hotel é confortável e a tarde está quente. Ficamos no átrio a decidir a forma de um *site* sobre esta viagem que poremos *online* logo que possível. Decidimos explicar o projecto, partilhar notas de viagem pessoais e notícias do percurso. Nuno Casimiro além de crónicas de viagem, partilhará as suas “polaroids”– pequenos poemas ilustrados com fotografias. Será tudo organizado por datas e locais– é um diário de viagem a várias mãos.

16 DE MAIO

OBJECTIVO DO DIA: THEO ANGELOPOULOS

THEO ANGELOPOULOS– Realizador de cinema grego, nascido em Atenas em 1935, que se tem debruçado sobre os temas da viagem, da busca e da memória, e tem percorrido a Europa filmando-a. Iniciou a sua actividade em 1964 como crítico cinematográfico, estreando-se na realização em 1968. Da sua importante obra destaca-se a trilogia sobre fronteiras constituída pelos filmes “O Passo Suspenso da Cegonha”, “O Olhar de Ulisses” e “A Eternidade e um Dia” (este último valendo-lhe a Palma de Ouro de Cannes em 1998).

Aproveitamos a manhã para pôr a casa em ordem: lavar roupa, passar notas a computador, descarregar o correio electrónico, etc. Para a tarde está marcada a entrevista com Theo Angelopoulos. O seu escritório é no centro de Atenas. Somos recebidos por Eleni, a sua assistente, e percebemos que foi graças à sua insistência que Angelopoulos arranhou tempo para nos receber. Ele parte em viagem nessa mesma noite. Mas à conversa connosco parece que tem todo o tempo do mundo. Falamos em francês durante mais de duas horas.

“Angelopoulos está sentado do outro lado da secretária. A persiana está meio corrida e a janela meio aberta. Ele fala. De repente surge um camião do lixo perfeitamente enquadrado com a janela. É um gigante que solta fumo pela cabeça, em grande esforço. O barulho é ensurdecedor. Sinto a penumbra do escritório e já não ouço o que Angelopoulos diz. Ainda assim sei que fala das fronteiras que temos de atravessar até chegar a casa. Sei que fala das oliveiras e do desejo de regressar. Não ouço uma só palavra e sei que estamos juntos.”

Notas de viagem/Atenas, 16 de Maio, **Carlos Costa**

Capítulo 6

50

“E o tempo passa sem nos apercebermos. A noite está quase instalada sobre Atenas quando saímos do escritório do realizador. Com o fim do dia, a cidade torna-se outra. Apetece passear.”

Crónicas de viagem, **Nuno Casimiro**

Tentamos ir ver um espectáculo de dança guiados por um jornal e pelas indicações de Eleni e Angelopoulos. Perdemos-nos e chegamos tarde demais. Já em Roma tínhamos falhado um espectáculo de teatro de um amigo de Luca Nicolaj. É difícil chegar às pequenas salas de espectáculos sem guia. Entretanto reparamos que em Atenas está em cena um texto de Sarah Kane. Como estava também em Lisboa quando saímos de Portugal.

17 DE MAIO

OBJECTIVO DO DIA: DESCANSO

Um dia livre em Atenas que é dia de greve geral. Não há transportes públicos e está muito calor. Entregamo-nos às esplanadas. Almoçamos uma salada grega e um gelado. Eleni promete-nos uma visita guiada, mas adia-a para a noite.

“Eleni, a secretária de Angelopoulos, leva-nos até ao monte Likavitos. Vista dali, Atenas é um mar de luzes sem fim, tão calmo como o Egeu. Lá do alto, ninguém diria que, poucas horas antes, vários milhares de pessoas paralisaram a capital com uma greve geral contra o aumento da idade da reforma. A Acrópole, essa, paira circumspecta sobre a cidade. Os desatinos dos homens não lhe pertencem.”

Crónicas de viagem, **Nuno Casimiro**

Despedimo-nos de Eleni com promessas de reencontro.

18 DE MAIO

OBJECTIVO DO DIA: CHEGAR A VÉRIA/THOMAS LIOLIOS

THOMAS LIOLIOS— programador do festival internacional de teatro de Véria que conhecemos num encontro de programadores culturais no Porto e que se mostrou bastante interessado neste projecto.

Sair de Atenas é uma tarefa complicada. Não falamos grego nem dominamos o alfabeto. As indicações são tão frágeis como as portuguesas. Uma hora de

desespero para finalmente rumarmos para Véria, no norte da Grécia. Está calor e as estradas não são brilhantes. Está a ser construída uma auto-estrada e há obras um pouco por todo o lado. A meio da tarde fazemos um pequeno desvio para comer. Aproveitamos para dar um mergulho no azul do mar Egeu e lanchamos num restaurante de praia a única ementa disponível: pão com queijo feta e tomate e *seven up*.

Chegamos a Veria ao fim da tarde e Thomas Liolios está à nossa espera. Oferece-nos um jantar recheado das maravilhas gastronómicas gregas e conversa entusiasticamente da sua e nossa casa e História. Entendemo-nos em Inglês mas aprendemos o alfabeto grego. Quando olhamos para o relógio percebemos que estamos sentados há quatro horas. A cassete de vídeo acabou há muito, e nem sequer tínhamos um *minidisc* connosco. É mesmo assim; não se planeiam as conversas. Entretanto sabemos que Thomas Liolios deixou de ser programador do festival. É irrelevante.

19 DE MAIO

OBJECTIVO DO DIA: VISITA À REGIÃO DE VÉRIA

Thomas Liolios veio ter connosco logo de manhã. Vem connosco na carrinha e leva-nos num passeio incrível pelos lugares da História. E ainda consegue tempo para nos levar a uma escola de música e nos apresentar Costas e Eva Bravakis que nos presenteiam com a sua música. Em Véria tudo é fantástico: a hospitalidade, a gastronomia, a paisagem.

“No monte onde as musas repousam, a solidão das papoilas abriga uma Afrodite de bruma. O pai de Alexandre, o Grande, construiu ali um palácio, vigiado pelo mar e pelo Monte Olimpo. Dizem que Hércules também se passeava por lá. Talvez por isso, na Escola de Aristóteles no monte das ninfas, há uma gruta escavada na encosta para albergar os amores divinos. A entrada é um quadrado do tamanho de um deus e nenhum homem por lá pernoita.

A Filosofia nasce na água do ribeiro que corre à nossa frente.

Não é possível racionalizar esta paisagem. E a guerra é já ali ao lado, contra a Turquia, na Macedónia e na Albânia.

No cruzamento dos montes, dos impérios e dos exércitos, fica Véria, pequena cidade com setenta e duas igrejas para sessenta mil habitantes.”

Crónicas de viagem, Nuno Casimiro

20 DE MAIO

OBJECTIVO DO DIA: EMBARCAR EM IGOUMENITSA/GRÉCIA COM DESTINO A BARI/ITÁLIA

Seguindo as indicações de Thomas Liolios vamos assistir a parte de uma missa ortodoxa logo de manhã. João Martins é o primeiro a chegar. Põe-se à porta disfarçando o microfone ainda a igreja está vazia. São sete horas da manhã.

Quando os primeiros fieis a chegar duas senhoras tentam dar-lhe esmola. É tão difícil explicar o que faz à porta que ganha coragem para gravar mesmo dentro da igreja. Os mais velhos parecem dividir a igreja em dois: mulheres de um lado e homens do outro. Mas para os mais novos não há divisão. Surpreende-nos o canto das orações e o tilintar das moedas para velas.

Às dez horas abandonamos a missa. Espera-nos um pequeno-almoço em casa do casal Liolios onde até o pão e a manteiga são caseiros. Os anfitriões perfeitos não nos deixam seguir sem bolo e latas de pêssego (em Véria produz-se o pêssego que comemos em lata por toda a Europa).

“Fica a sensação de que a Grécia nasceu no Oriente e se esconde no Ocidente. Pela sua língua, pelo seu alfabeto, pelas pessoas, pela sua História transversal a muitas culturas e fronteiras, porque é realmente o berço da nossa civilização, porque viaja e porque acaba sempre por regressar a casa.”

Notas de viagem/Véria, 20 de Maio, **Pedro Carreira**

“De Véria a Igoumenitsa, a vontade de conhecermos a fronteira albanesa, uma porta dos fundos da Europa, leva-nos à montanha agreste e deserta. O deslumbramento e a falta de indicações conduzem-nos a estradas cada vez mais secundárias, esburacadas, pejadas de pedras e troncos, destroços de alguma tempestade. Finalmente, o alcatrão desaparece por completo, bem como qualquer vestígio de civilização. Aparentemente, saímos do mapa.

À volta, só há montanhas e um pedaço de bosta de vaca indiciando alguma presença humana. Ao longe, um riacho e o barulho de um motor cada vez mais próximo até se transformar num conjunto de motards que imediatamente se oferecem para nos ajudar. Afinal, ainda estamos no mapa grego e a pista de todo o terreno durará apenas(!) mais uma hora de viagem com algumas paragens para não atropelar uma ou outra pequena tartaruga tentando atravessar a estrada.

Com alguma felicidade voltámos ao alcatrão e conseguimos embarcar a tempo para a curta viagem até Bari.”

Crónicas de viagem, **Nuno Casimiro**

21 DE MAIO**OBJECTIVO DO DIA: CHEGAR A VERONA**

Acordamos no barco, quase a chegar a Itália. Espera-nos um dia de auto-estrada. Chegamos a Verona a tempo de jantarmos uma pizza. Foram oito horas de carrinha e o cansaço já é grande. Por agora as regras estabelecidas à partida continuam a ser cumpridas e tornam suportável o insuportável: parar de duas em duas horas para trocar de condutor (Ágata, Carlos e Pedro), fumar (não se fuma na carrinha) e ir à casa de banho. O co-piloto é responsável pelo mapa e pela música.

22 DE MAIO**OBJECTIVO DO DIA: CHEGAR A MUNIQUE/ALEMANHA**

De manhã uma breve visita ao centro de Verona para alguns, enquanto João Martins põe *online* a página sobre a viagem. Depois do almoço voltamos à estrada. Entre a Itália e a Alemanha só saímos da auto-estrada para ir lanchar a Innsbruck na Áustria. No cimo dos montes há neve. Cá em baixo não paramos de trocar de moeda, enquanto guardamos os trocos que servirão de recordação na era Euro.

“Há medida que os Alpes ficam mais perto desaparecem as oliveiras e somos rodeados por pinheiros que parecem saídos de postais de Natal. As casas têm muito pouco de real, parece que saíram de um filme antigo e longínquo. Os homens têm maxilares quadrados, típicos de qualquer mau dos nossos contos de infância (e não será esse o sinal maior de que a História e as histórias são escritas só por quem ganhou a guerra? O mau das ilustrações é sem sombra de dívida austríaco.) A comida tem sabores, cheiros e cores que não nos podem abrir o apetite. Quando saímos do Mediterrâneo saímos de casa.”

Notas de viagem/Munique, 22 de Maio, Catarina Martins

23 DE MAIO**OBJECTIVO DO DIA: LENI RIEFENSTHAL**

LENI RIEFENSTHAL– Realizadora de cinema e antropóloga. Polémica pela sua ligação ao regime Nazi enquanto cineasta. Quer pelo trabalho, quer pela sua longa vida, é uma testemunha privilegiada do que é a Europa.

Sabemos desde a noite anterior que o estado de saúde da realizadora, já com quase cem anos, a obriga a cancelar o encontro. Ainda assim a sua

Capítulo 6

indisponibilidade é pretexto para uma discussão acerca da responsabilidade dos artistas perante a História. Aproveitamos ainda para alinhar o texto que apresentaremos à Comissão de Cultura do Parlamento Europeu em Bruxelas.

“À noite, assistimos à final da Liga dos Campeões por um pequeno televisor na esplanada de um café. Durante o jogo, é impossível perceber o resultado na apatia dos espectadores. Terminado o desafio, com a vitória do Bayern local, a população dispersa rapidamente e começam finalmente a ouvir-se as comemorações na rua, com carros buzinando por entre alguns cachecóis e bandeiras. Sensivelmente o mesmo que em Portugal mas com mais BMW do que Renault Clio.”

Crónicas de viagem, **Nuno Casimiro**

24 DE MAIO

OBJECTIVO DO DIA: CHEGAR A BERLIM

“Chegámos a Berlim num feriado alemão, calmo e solarengo. Entre gruas e estaleiros, a nova e imponente cúpula do Reichstag e mais longe, o novo centro da cidade, a Potsdamer Platz, transformado em centro comercial, com dinheiro da Sony e da Mercedes Benz, com assinatura de arquitecto, muito brilho e pouca alma. Seguindo o trilho do muro, vê-se a réplica do Check Point Charlie. O original está no museu e nas lojas ao lado, depósito dos fetichismos dos turistas. Até ao vazio da Alexander Platz, fica a ideia de que alguém apagou um desenho antigo e procura agora pintar sobre uma folha demasiado rasurada para esconder o original.”

Crónicas de viagem, **Nuno Casimiro**

Aproveitamos o contexto arquitectónico para falar da obra de Daniel Libeskind, o nosso próximo convidado. Jantamos comida tailandesa na Alexander Platz. Depois voltamos de eléctrico para o hotel.

“BERLIM

*Entre a Potsdamer e a Alexander
está o Equador.
E gigantescas pegadas de aranha
cuspindo
violentos silêncios.”*

Polaroids, **Nuno Casimiro**

25 DE MAIO

OBJECTIVO DO DIA: DANIEL LIBESKIND

DANIEL LIBESKIND— Arquitecto judeu de origem polaca actualmente a viver em Berlim, autor de projectos polémicos como o do Museu Judeu em Berlim ou a

Visíveis na Estrada Através da Orla do Bosque

extensão do Victoria and Albert Museum em Londres. Evoluiu de um processo de investigação teórica na área da arquitectura para uma prática plena de referências políticas, históricas, filosóficas e culturais.

Sabemos há já dois dias que um imprevisto impede Daniel Libeskind de estar connosco, mas que ainda assim nos esperam no atelier dele.

De manhã visitamos o Museu Judeu de Berlim— só por fora porque está fechado para a montagem da sua primeira exposição. Fascinou-nos o museu e os baloiços logo ao lado.

À tarde somos recebidos no atelier de Daniel Libeskind por Nina Libeskind, sua mulher e gestora do atelier. Faziam trinta e dois anos de casados e ela preparava-se para ir ter com ele a Paris. Falou-nos de Berlim, da arquitectura, das ideias que regem o trabalho do marido. E confirmou-nos que Daniel Libeskind estará em Aachen daí a três dias, o que nos permite encontrá-lo.

Ao fim da tarde voltamos à estrada. Vamos dormir a Bielefeld, ainda na Alemanha mas já a meio caminho de Antuérpia. É uma terra pequena com um ar simpático. Um rapaz de mota mostrou-nos o caminho até ao hotel e depois veio curioso saber o que levaria um grupo de portugueses a estas paragens. Já no Hotel temos direito a mergulho na piscina (pequena mas coberta e aquecida) e jantamos tão bem que nem parece que ainda estamos na Alemanha. Além disso o hotel permite uma óptima ligação à internet; a noite é para enviar comunicados para a imprensa, actualizar página e descarregar correio.

26 DE MAIO

OBJECTIVO DO DIA: ANTUÉRPRIA/BÉLGICA

“De Berlim a Antuérpia, atravessando a planura da Holanda, a única fronteira visível é o que resta do posto fronteiriço que dividia as Alemanhas. Antuérpia surge suja como cidade depois de uma feira.”

Crónicas de Viagem, Nuno Casimiro

Jantamos numa esplanada em Antuérpia. Mais uma vez tivemos problemas para levantar dinheiro nos multibancos. O único cartão que funciona paga todos os jantares. Na ementa há espargos. É decididamente época deles. Desde Berlim que tropeçamos nas mil e uma formas de cozinhar e comer espargos.

27 DE MAIO

OBJECTIVO DO DIA: SARA DE ROO (ACTRIZ DOS STAN)

STAN– Grupo de teatro cujo trabalho reflecte não só um constante pensar da Europa como a particular situação de confronto e confluência de culturas em que vivem quotidianamente. Conhecêmo-los por ocasião de um *workshop* que deram no Centro Cultural de Belém em Lisboa.

“Não me sinto bem em Antuérpia. De algum modo tenbo a sensação de que vim parar ao lado negro do "melting pot"– não consigo identificar diferentes modos de vida e pensamento num mesmo espaço, apenas uma amargura em toda a gente.

Há uma rudeza pouco saudável no ar e nos rostos. Há mesmo alguma "indiferença" no aspecto da cidade.

Vejo estas características até em Sara de Roo, apesar de nos receber com croissants e café, apesar de falar de bom grado, de se rir...

Num Domingo de manhã, na zona árida do porto, com metade da companhia ausente em França, o grande espaço de trabalho dos STAN parece-me uma expressão directa da própria cidade. As portas estão abertas, somos recebidos como deve ser, mas é difícil abrir a segunda porta mais discreta que leva ao entusiasmo, à urgência do encontro.

Felizmente com Sara conseguimos abri-la. Com Antuérpia não.”

Notas de viagem/Antuérpia, 27 de Maio, **Ana Vitorino**

Conversamos com Sara de Roo em Inglês. Depois do encontro abdicamos de ir ver as exposições do Ano da Moda para ir procurar uma lavandaria. Tentamos trocar moedas para as máquinas num restaurante português. À noite acabamos o texto que leremos daí a dois dias à Comissão para a Cultura do Parlamento Europeu. Não foi fácil, mas ficou feito.

‘COMUNICADO DO VISÕES ÚTEIS À COMISSÃO PARA A CULTURA, JUVENTUDE, DESPORTO E MEDIA DO PARLAMENTO EUROPEU:

O Visões Úteis é uma companhia de teatro sediada na cidade do Porto e que conta com seis anos de actividade profissional. Produzimos já 18 espectáculos de autores muito diversos ou partindo de textos originais criados pela companhia.

Mas porque desde sempre privilegiámos a multidisciplinaridade e as potencialidades sociais que caracterizam o teatro, a nossa actividade não se tem restringido à produção e apresentação de peças na cidade em que vivemos. Levamos o nosso trabalho ao maior número possível de localidades portuguesas (desde a capital a aldeias isoladas pela interioridade), apresentamos espectáculos em estabelecimentos prisionais, trabalhamos com crianças e adolescentes de populações com acesso limitado a bens culturais, editamos as obras que levamos à cena e que não se encontram disponíveis em língua portuguesa e organizamos encontros de criadores de diversas áreas artísticas.

Apesar do tempo, dinheiro e empenho que todo este trabalho requer, continuaremos sempre a acreditar que o teatro é muito mais do que a encenação de um bom texto. No

ano de 2001 a actividade do Visões Úteis está maioritariamente centrada no projecto a que chamámos "Visíveis na Estrada através da Orla do Bosque".

No seu cerne está a noção de Fronteira, que numa primeira reflexão considerámos ser a linha que nos põe face ao Outro, que nos define por separação em relação a esse outro que reconhecemos como diferente de nós, quer seja um outro homem, um outro povo ou uma outra parte de nós que rejeitamos.

Partimos assim de uma reflexão que é intrínseca à própria noção de Europa, o continente que ao longo da História se foi definindo pela constituição de fronteiras e que hoje, paradoxalmente, parece querer definir-se precisamente pela sua abolição. Reflectimos ainda sobre dois importantes meios de superação de fronteiras, porventura ameaçados: a viagem, física, intelectual ou emocional, hoje redimensionada pela afirmação desse espaço navegável e aparentemente livre de fronteiras que é a internet, e o herói, o homem capaz de chegar aos outros e uni-los, capaz do sacrifício pelos outros, hoje questionado pela facilidade com que os média expõem as contradições e fragilidades de quem querem e pela facilidade com que criam pseudo-heróis vazios de ideais, heróis que já não viajam, deixam-se viajar pelos olhos de todos.

A partir destas ideias planeámos um projecto em três fases:

- Na primeira, apresentámos ao público do Porto em Abril passado um espectáculo que reunia exercícios específicos em redor de cada um destes temas, e que por isso chamámos de "Estudos".
- Na segunda fase, aquela em que nos encontramos agora, partimos em viagem pela Europa para contactarmos, ao longo de mais de dez mil quilómetros de estrada e mar, com pessoas ligadas ao teatro, ao cinema, à literatura, à arquitectura, à política e à programação cultural— pessoas que pelo seu trabalho e pela sua vida influenciaram a nossa ideia de Europa, a nossa ideia de Fronteira e de Outro.
- Numa última fase, já de volta à cidade do Porto, partiremos para a concepção de um novo espectáculo onde as ideias que nos fizeram viajar serão pensadas à luz destes encontros e de todos estes quilómetros.

No início deste projecto, com o espectáculo "Estudos", falámos de Fronteiras, do Outro e do Herói utilizando as linguagens que acreditamos estarem a impor-se no nosso tempo e na nossa Europa: a linguagem do discurso político (das palavras pensadas para não abrir hostilidades ou acordar velhas feridas), a linguagem da conferência (da informação organizada) e a linguagem do contrato (do compromisso, do acordo benéfico para ambas as partes).

Em suma, uma linguagem politicamente correcta, mediaticamente interessante, o dito "diálogo" hoje amplamente apregoado, que tantas vezes esconde uma real incapacidade para comunicar com o outro, para reconhecer as diferenças e mesmo, quando necessário, para criar inimigos. Uma linguagem que se desenvolve à mesa, quer se esteja sentado em seu redor em reunião, quer se esteja, como aqui e agora, ocupando um dos seus lados opostos.

Esta mesa de comunicações será talvez, e por paradoxal que pareça, a grande fronteira dos nossos tempos, por subtilmente dividir conquanto pareça aproximar.

É fácil perceber que hoje o valor do encontro físico, da experiência do lugar do outro, da troca de ideias em lugar e tempo real, ou seja, o valor da viagem que tem o poder de reperspectivar o nosso mundo é extremamente subestimado.

A prová-lo está a constante questão que nos colocam: "Mas porque é que é preciso lá irem?".

A prová-lo está a descrença do Ministério da Cultura português, que decidiu não

atribuir este ano, ao contrário dos cinco anteriores, o subsídio estatal à nossa actividade por considerar este projecto (e passamos a citar) "bastante inconsistente", "duvidoso" e onde "não é possível identificar qualquer carácter inovador".

A prová-lo está também a falta de incentivos financeiros e logísticos da parte das mais diversas instituições para projectos que, não apresentando parceiros comunitários unidos numa relação de produção, visam proporcionar os encontros de que nascem as reais empatias, humanas e artísticas.

De certo modo sentimos que vivemos e trabalhamos num país que caminha para o estatuto de produtor de eventos culturais e numa Europa de projectos comunitários que surgem para resolver necessidades individuais e não para permitir a partilha artística. Neste quadro que ameaça constituir-se como realidade futura o Visões Úteis e esta viagem parecem não ter lugar.

Ainda assim viajamos.

E nesta viagem, que ainda não concluímos e que a cada dia prova inequivocamente a sua relevância, apercebemo-nos de novas fronteiras e da inexistência de outras que considerávamos antigas. Repensamo-nos enquanto indivíduos, enquanto portugueses e enquanto membros desta união europeia.

Sentimos, por exemplo, na pele o peso da Mediterraneidade, quando percebemos que em Atenas estamos em casa e em Berlim nos sentimos estrangeiros, apesar de não entendermos uma palavra de Grego e até esboçarmos algum Alemão. Percebemos que a questão dos exilados (de Leste, dos Balcãs, do Norte de África) que hoje vai ganhando peso em Portugal é uma das grandes questões de toda a Europa, a questão das suas fronteiras externas com o mundo, fronteiras que se cerram à medida que as outras, as internas, se diluem.

Partilhamos com os nossos convidados a crença na necessidade de manter a diferença que não é necessariamente má ou divisora, é a diferença que nos dá identidade, que nos dá algo a que possamos chamar casa. Mas reconhecemos também nestes convidados (como em nós próprios) a extrema dificuldade de enfrentar a fronteira, mais subtil e mais profunda, que nos separa daqueles que se encontram mais perto— como o persistente sentimento de divisão entre os berlinenses de Leste e os de Oeste, a separação entre Flamengos e Valões na Bélgica, a incontornável desconfiança do povo grego pelos refugiados albaneses que amistosamente alberga ou a nossa inexplicável incapacidade de encontrar para esta viagem um único convidado espanhol.

E por fim esbarramos nessa terrível fronteira que é a da indiferença, do desconhecimento: a linha que separa os que hoje estão aqui a debater estes temas dos milhões para quem nada disto tem qualquer relevância.”

28 DE MAIO

OBJECTIVO DO DIA: DANIEL LIBESKIND

De manhã foi preciso mudar o óleo à carrinha. De tarde rumámos para Aachen para assistir a uma conferência de Daniel Libeskind.

A conferência é sobre o marketing das cidades e o palco é um Banco.

Respiramos de alívio quando Daniel Libeskind anuncia que vai falar em Inglês.

Usa a palavra “dramático” mais de uma vez para referir grandiosidade, impressão

forte, e “inventivo” como forma de estar no mundo. No final, encontra ainda algum tempo para nos conhecer e disponibiliza-se para futuros contactos.

A Bélgica é mesmo o centro da Europa. A conferência foi a cento e cinquenta quilómetros de Antuérpia, numa terra alemã, e para lá chegarmos atravessámos quarenta quilómetros de Holanda.

Voltamos a Antuérpia para dormir. Antes jantamos pizza num restaurante pejado de adolescentes portugueses.

29 DE MAIO

OBJECTIVO DO DIA: VASCO GRAÇA MOURA E PARLAMENTO EUROPEU/BRUXELAS

VASCO GRAÇA MOURA– Eurodeputado, poeta e escritor português.

Entre Antuérpia e Bruxelas as estradas são muito concorridas. Já em Bruxelas avançamos a passo de caracol por entre obras e mais obras. (Quase nos sentimos em casa: obras e restaurantes portugueses). Já na zona das Instituições Europeias é difícil encontrar o Parlamento. Ninguém parece saber muito bem o que é cada um daqueles edifícios.

“O templo da estatística e das decisões macro-económicas é um edifício feio e mal decorado. O encanto da nova Babel quebra-se assim que se passa a porta de entrada. Parece uma gigantesca repartição pública, espaço para burocracia e não para a comunhão dos povos.”

Crónicas de viagem, **Nuno Casimiro**

Convidámos Vasco Graça Moura a encontrar-se connosco depois de o termos ouvido falar sobre a ideia de viagem na conferência “A Viagem das Ideias”. Respondeu-nos com um outro convite: que apresentássemos este projecto à Comissão para a Cultura do Parlamento Europeu de que é vice-presidente.

Antes da apresentação convida-nos para almoçar. A conversa é informal, mas gira em torno dos temas deste projecto; a identidade nacional, os poderes e contra-poderes que vão desenhando a União Europeia e o “politicamente correcto”. Tanto a conversa como o vinho são portugueses. Sabe bem. Depois seguimos para o anfiteatro onde funciona a Comissão. Somos os penúltimos da ordem de trabalhos. Ana Mascarenhas, secretária de Vasco Graça Moura, diz-nos como começar: “Senhor Presidente, Senhoras Deputadas, Senhores Deputados,

Capítulo 6

Excelentíssimas Senhoras, Excelentíssimos Senhores”. A apresentação é em Português. Há onze canais áudio para outras tantas traduções simultâneas.

“Depois de tantos meses, e inclusive um espectáculo, a trabalhar alegremente o "politicamente correcto" enquanto conceito e linguagem teatral, fomos meter-nos mesmo na boca do dito lobo. Agora, como nos disseram no fim, podem dizer que apresentaram o vosso projecto ao Parlamento Europeu. Pois podemos. É certo que poucos pareciam interessados em ouvir. Mas podemos dizer que fizemos, o que nos nossos tempos é mais importante do que o fazer propriamente dito.”

Notas de viagem/Bruelas, 29 de Maio, **Carlos Costa**

30 DE MAIO

OBJECTIVO DO DIA: EMBARCAR EM CALAIS/FRANÇA COM DESTINO A DOVER/INGLATERRA E SEGUIR PARA LONDRES

“Da Alemanha à Bélgica em auto-estrada passámos a Holanda sem sequer a ver. Em Berlim tínhamos dito a Nina Libeskind que iríamos assistir a uma conferência do marido em Aachen, na Alemanha mas na fronteira com a Holanda, porque íamos estar mesmo ali ao lado: na Bélgica. E foi o que fizemos. Depois, de Bruxelas para Londres, fomos apanhar o barco a França, a Calais. Tudo viagens curtas, as mais longas do tipo Porto/Lisboa. Não há evolução, desenvolvimento, tecnologia, subsídio ou seja o que for que possa apagar esta verdade geográfica e absoluta: há centro e há periferia. Nós vivemos na periferia.”

Notas de viagem/No centro da Europa, 30 de Maio, **Catarina Martins**

Acordamos bastante cedo e chegamos a Calais antes da hora. Passeamos ao longo do mar debaixo de uma luz tão branca que torna tudo irreal. O barco tem pouca gente. Chegamos a Inglaterra e começa a aventura de guiar em contra-mão.

“Londres recebeu-nos com Sol. Nem sombra da chuva e do nevoeiro com que a pintam nos filmes. Pelo contrário, um Sol radioso puxou-nos para a passeata junto ao Tamisa.”

Crónicas de viagem, **Nuno Casimiro**

31 DE MAIO

OBJECTIVO DO DIA: GREGORY MOTTON

GREGORY MOTTON— Dramaturgo Inglês, de ascendência irlandesa, nascido em Luton no início dos anos 60. Escreveu já cerca de quinze peças de teatro e viu as suas obras serem levadas à cena tanto na Inglaterra como no estrangeiro (França, Suécia, Portugal). Para além de escritor afirmou-se como tradutor das obras de Strindberg. O Visões Úteis levou à cena três das suas peças.

Trabalhámos juntos em Londres aquando da nossa produção de “Recado aos Corações Despedaçados”.

Durante o dia fazemos folga uns dos outros e decidimos percursos de acordo com a agenda cultural da “Time Out”. O encontro com Gregory Motton está marcado para as sete da tarde na sua casa. Nesta conversa está também presente o seu amigo Ramin Gray.

“Gregory Motton está para este projecto como, no dizer de Vasco Graça Moura, a Inglaterra está para a União Europeia. As vezes parece que diz “não” só para ser do contra. Mas foi esse o papel que sabíamos que ele teria. Foi por isso que o convidámos— para nos dizer com uma velha canção dos Beatles que se pode conhecer o mundo sem sair de casa; para arrasar numa frase com todas as belas intenções de harmonia que a Europa proclama; para nos dizer que se calbar não faz sentido fazer teatro, se levarmos em conta que as pessoas não querem teatro (“pois não?”, sorri ele provocador).”

Notas de viagem/Londres, 31 de Maio, **Ana Vitorino**

1 DE JUNHO

OBJECTIVO DO DIA: RAMIN GRAY

RAMIN GRAY— Fez a sua estreia na encenação em 1993, com a peça “A Message for the Broken Hearted” de Gregory Motton. Actualmente trabalha no Departamento Internacional do Royal Court Theatre, desenvolvendo diversas iniciativas de intercâmbio teatral que levam a Londres dramaturgos de diferentes nacionalidades e estabelecem cooperações entre encenadores ingleses e companhias de diversos países. Conhecemo-nos por intermédio de Gregory Motton.

O encontro com Ramin Gray decorre no Royal Court Theatre, onde estão em cena duas peças de Sarah Kane. A sala principal estava dividida em duas de forma admirável. Mas o que mais nos seduziu é o terraço com vista sobre Londres. A entrevista rapidamente se transforma em conversa cúmplice.

Jantamos bem e barato perto do Royal Court Theatre, seguindo as indicações de Ramin Gray. Depois temos novo encontro com Gregory Motton para continuar a conversa, num *pub irlandês* perto de sua casa.

Capítulo 6

62

2 DE JUNHO

OBJECTIVO DO DIA: EMBARCAR EM DOVER/INGLATERRA COM DESTINO A CALAIS/FRANÇA E SEGUIR PARA PARIS

“A despedida de Londres reserva-nos uma chuva mesquinha e um barco apinhado de crianças barulhentas até Calais.”

Crónicas de viagem, **Nuno Casimiro**

O percurso até Paris é por auto-estrada com sol. Na estação de serviço onde almoçamos, polícias exigem o pagamento imediato da multa por excesso de velocidade a um casal inglês. Já em Paris, jantamos pizza.

3 DE JUNHO

OBJECTIVO DO DIA: JOSEPH DANAN

JOSEPH DANAN– Dramaturgo e encenador francês, professor na Universidade Paris-3 (curso de Estudos Teatrais), colaborador frequente de diversas publicações teatrais francesas e, como autor e dramaturgista, da companhia Théâtre des Deux Rives (Rouen). Conhecêmo-lo no Porto, no seminário “Viagem pela Dramaturgia Contemporânea”.

De manhã, no hotel, o pequeno-almoço é servido por uma portuguesa e uma moçambicana. É tempo para pôr textos em dia e cheirar as margens do Sena. Almoçamos *baguettes* sentados na relva de um parque universitário. Joseph Danan recebe-nos em sua casa. Do outro lado da rua está mais uma vez em cena Sarah Kane.

O encontro com Joseph Danan começa em tom de entrevista que rapidamente se transforma numa conversa que sintetiza todos os temas tratados ao longo da viagem.

“Com o fim da tarde, descobrimos a cidade das luzes num pôr do Sol incendiando o Sena e num encontro acidental com um companheiro perdido nos tempos da faculdade. O mundo é realmente muito pequeno. E redondo.”

Crónicas de viagem, **Nuno Casimiro**

4 DE JUNHO**OBJECTIVO DO DIA: SAN SEBASTIAN/ESPANHA**

Quando saímos de Paris ainda temos a esperança de nos cruzarmos no caminho com Emir Kusturica, que anda em *tournee* pela Europa. Soubemos que talvez fosse possível encontrá-lo em Valência, mas um telefonema da Cooperativa Edison tira-nos as esperanças.

EMIR KUSTURICA– Realizador de cinema jugoslavo, residente em França e que se define como órfão de pátria. É fascinado pelos ciganos nómadas, tendo-se também debruçado sobre a Fronteira e o desagregar da Europa Balcânica.

A viagem é feita com muito calor. Comemos gelados nas estações de serviço do caminho. Em San Sebastian passeamos a pé antes de dormir.

“A viagem está a acabar. Agora só faltam aqueles últimos quinhentos quilómetros em que nada se passa. Em breve estaremos em casa a arrumar as roupas e os livros que levámos e não lemos e a passar as últimas notas no computador. Agora, depois de muita gente e muitos sítios, penso que é mais fácil ver o lado mais escuro nas pessoas, o seu lado de conflito, o seu lado de cegueira e egoísmo, o seu lado que se contradiz, o seu lado que está farto, o seu lado político, o seu lado que não conhece o vizinho, o seu lado que tem medo... quando no fundo estamos todos a tentar safarmo-nos o melhor que podemos até à fronteira e a tentar ter os papéis em ordem para entregar ao guarda. Ou se calbar não...”

Notas de viagem/San Sebastian, 4 de Junho, **Pedro Carreira**

5 DE JUNHO**OBJECTIVO DO DIA: CHEGAR A CASA**

“Em casa desfaço a mala enquanto ouço canções de Véria num CD que Costas, o músico amigo de Thomas Liolios, compôs. Essa música grega abre inúmeras portas no meu edifício mental de Europa.

Vejo Tonino Guerra ralhando com um cão atrevido na sua varanda sobre o vale verdejante; vejo Theo Angelopoulos que trabalha no seu escritório sem se dar conta que a luz do dia já se foi, e Eleni, a sua assistente, na sala ao lado aguardando pacientemente o seu chamamento; vejo Luca Nicolaj percorrendo as ruas de Roma no seu passo sereno; os amigos da Edison desabafando entre si a desilusão pela vitória de Berlusconi; o casal Libeskind trabalhando entusiasmado no seu estúdio, construindo maquetas enquanto lá fora Berlim tenta pôr-se de pé; Sara de Roo bebendo o seu chá, entre uns telefonemas para os STAN e o ensaio da próxima produção; vejo o burburinho incessante desse animal complexo que é o Parlamento Europeu, cheio de pequenas células ocupadas; vejo Gregory Motton na sua sala de estar e Ramin Gray que lhe entra pela casa dentro com a confiança dos velhos amigos; vejo Joseph Danan no seu recém-habitado apartamento, simples e acolhedor, tanto um como o outro.

Capítulo 6

E por fim é a própria voz de Thomas Liólhos que canta e me transporta a Véria, àquele dia em que, na escola de Aristóteles, ele fez a pergunta que agora se torna premente: “Estar aqui... deu-vos alguma ideia para um espectáculo?”.

Notas de viagem/Porto, 5 de Junho, **Ana Vitorino**

Parte III

A Casa

Ao longo da viagem as conversas com os convidados foram como uma lanterna que iluminou preocupações presentes desde o início do projecto, autonomizando-o e dando sentido a vários conceitos.

Esta ideia de casa, que nos acompanhou desde que partimos em viagem, redescobrimo-la debaixo de um alpendre. Era uma tarde cheia de sol e pássaros e Tonino Guerra falava-nos de comida. E lentamente, por entre receitas de molho, as suas palavras foram iluminando a necessidade que todos nós temos de pertencer, de ser de algum lado, de regressar. A necessidade de raízes.

TONINO GUERRA— *Eu digo que ninguém no mundo cozinha tão bem como a minha mãe. E cada pessoa diz o mesmo “Ninguém faz como fazia a minha mãe”, e é verdade porque nós comemos a infância. Se uma pessoa come a mesma coisa desde a infância e durante toda a vida adquire um hábito, se provar a mesma comida feita por outra pessoa, poderá quando muito dizer “Está bom mas não tão bom como o da minha mãe”.*

(...)

A Itália estava portanto dividida em duas zonas, o norte e o sul. No norte era a minha casa e na minha casa comia-se sempre sopa, mas eu do que gostava mesmo era de comer como no sul, o esparguete e tudo isso. Depois, quando estava em Roma, e sempre que vinha a casa, dizia à minha mãe que comia esparguete todos os dias— o que não era verdade— porque no norte só se comia esparguete à sexta-feira, e tinha de ser com peixe, porque se tratava da vigília, uma celebração religiosa, e era muito bom esse esparguete das sextas-feiras. E então eu dizia “Todos os dias” e a minha mãe admirava-se “Mas todos os dias como?”, “Macarrão, esparguete, lá come-se assim todos os dias e ninguém faz sopas ou estufados”. A minha mãe olhou para mim e disse muito baixinho “És tão inteligente e contudo não percebes nada! Não vês que essas pessoas que fazem esparguete, como primeiro prato, têm forçosamente de fazer um segundo prato, e que fazer dois pratos significa pelo menos uma hora e meia na cozinha. Eu trabalho, percebes, e quando ponho a carne a cozer ou a estufar com as batatas e os legumes faço logo os dois pratos num só. Percebes agora?” E só então é que eu percebi. Outra teoria: Em Itália, como na Rússia, há mil maneiras fazer esparguete, mil, ouviram, e cada uma das catorze repúblicas italianas o queria fazer à sua maneira, de forma saborosa mas à sua maneira. Na Sicília fazem-no com peixe-espada, é fantástico, e há mais mil maneiras de o fazer... vocês em Portugal preferem o esparguete ou o macarrão...? Por exemplo há uma espécie

de esparguete, na Calábria, pelo qual sou capaz de morrer; fazem-no em casa, as mulheres, com aquelas agulhas compridas de fazer malha, mas também se faz industrialmente, o que importa é o buraco. E os Calabreses diziam-me “Mas percebes para que é o buraco?”. “Sei lá, ainda é um buraco grande...” E eles respondiam “É no buraco que vai o molbo, percebes, assim o molbo não vai só por fora, vai também por dentro.” Assim há tantos povos, tantos dialectos, tantas gentes. Por exemplo aqui na Romanha sempre acreditámos ter um carácter especial, algo como o de Mussolini, porque ele era de cá, um carácter forte, generoso, justo e defensor dos mais fracos...

(...)

Eu escrevi uma poesia mas copiando a letra— e maldito seja por ter perdido aquilo— era um postal enviado pela irmã do meu pai quando ambos se aproximavam dos noventa anos. Estava escrito em dialecto, porque ela nunca perdeu a língua natal, e vinha da América do Sul, do Brasil. Eles nunca mais se encontraram e o postal dizia isto: Eduardo, chegámos ao fundo— o que já é uma frase cheia de força, que em dialecto é ainda mais bela, apelando à ideia do fim da vida— sabes qual é o dia? Lembras-te? Aos treze anos, eu e tu, fomos vender peixe, e quando chegámos ao rio, e a ponte tinha sido levada pela água, e nós tivemos de voltar para casa com aquele peixe todo, e o peixe ficou a apodrecer lá em casa. Eduardo, aquele fedor é o perfume da minha vida.

Ou seja, aquilo era o que de mais belo tinha. Meu Deus, aquele fedor, o perfume da minha vida... percebem...? Portanto, é um cansaço depois de toda esta coisa, esta diferença entre quem está cá e quem está lá. Contudo, isto não deve destruir os grandes sentimentos pois esses não se comem à mesa; querer bem aos outros, ajudá-los, ser generoso, não ser mau, não roubar, ou seja as coisas fundamentais, e para lá disso não concebo barreiras entre as pessoas, sejam elas de raça, ou outras.

CARLOS COSTA— *Trabalhaste com Tarkovsky que era Russo mas era...*

TONINO GUERRA— *.. Universal! Ele era muito cristão— na Rússia fomos vizinhos, ele morava na casa ao lado da minha esposa— e quando nós o convidámos para fazer um filme em Itália— e o filme chama-se “Nostalgia” porque quando fazíamos longos passeios eu senti a sua nostalgia pelos grandes espaços da Rússia, porque lá, quando se vai ao campo, vê-se quilómetros e quilómetros, até perder de vista, e os olhos habituam-se a essa grandiosidade; já aqui logo nos surge um muro medieval— belíssimo, é certo— e depois do muro há outra coisa qualquer, ou seja estamos muito próximos das coisas. Eu nunca mais me esquecerei, quando, antes de construir todos esses prédios, ia até ao mar, de bicicleta, com um outro poeta, era como se não houvesse tristeza nos olhos, talvez algum medo, era tudo tão belo, não havia ninguém. Agora, com todos esses prédios, tolheram a grandiosidade do mar, que era um elemento importante para compreender, por comparação, a grandeza das coisas: se queríamos saber quão grande era uma coisa*

podíamos sempre ir ao mar para comparar. E Meu Deus era algo de... ele era um grande poeta, chamava-se Tito Balestra e morreu bastante jovem, era meu amigo. No outro dia fui à sua terra natal, apresentar um livro meu, e cá para mim éramos mesmo muito amigos, e eu disse-lhes “Sabeis que o vosso poeta morto escreveu os mais belos versos de amor que eu jamais li?” E ele nunca falava de mulheres, era um rapaz forte assim para o gorducho, e era como se não gostasse de mulheres. Depois fomos para Roma, eu fazia uma coisa e ele fazia outra, e quando às vezes nos encontrávamos eu elogiava algumas mulheres mas ele nada, não fazia nenhum comentário. E um dia ficou noivo— e nessa altura já pensávamos que não gostava nem de mulheres nem de homens— e passado um mês casou-se. E esta mulher morreu aqui há um mês, enquanto ele morreu há vários anos, com cancro... e a poesia de que falava chama-se “Ana” e é assim :

*Ana
comprei um cavalo
e o chicote também
para o fazer estalar
mas um sonho ainda mais belo
comprei uma cama grande
onde tudo é vidro
que nos protege do vento e da chuva
e há uma almofada
onde podemos pousar a cabeça
Ana, olha para mim
tenho os olhos castanhos*

É lindo. Pensou numa sua qualidade e acabou desta maneira; primeiro falou no cavalo, no quarto e depois diz “olha para mim, tenho os olhos castanhos”...

(...)

São muitas as coisas que passam a fazer parte de nós: Tarkevsky, por exemplo, adorava loucamente a comida Italiana. Eu trouxe-o a comer esparquete nos melhores sítios, em Santarcangelo come-se divinamente, tagliatelle, e finalmente perguntei-lhe “Então André, estás cá há dois anos, o que é que gostaste mais?” “Esparguete”, respondeu ele, “Sabes, tudo aquilo que me fizeste provar come-se duas ou três vezes e é muito bom. Já o esparquete é normal mas preciso, por isso o escolho”. Entretanto chega um seu amigo russo que o convida, nessa noite, para uma sopa tradicional russa; e vi nos seus olhos o desejo de partilhar dessa sopa, o brilho forte de uma recordação de infância.

(...)

*Uma vez o Fellini pediu-me uma poesia para o filme *Amarcord*.
O título é “*Amarcord*”, que quer dizer *recordo-me em Romanholo*:*

*Eu sei eu sei eu sei
que um homem aos cinquenta anos tem sempre as mãos limpas
e eu lavo as minhas duas ou três vezes ao dia
mas é só quando me vejo com as mãos sujas
que me recordo de quando era um rapaz*

(...)

*E o que é que me dizem de Ronnie Biggs, que fez o assalto milionário
ao comboio-correio nos anos sessenta e agora, depois de dezenas de
anos em liberdade, quis voltar a casa, mesmo tendo que ir para a
cadeia.*

E de facto os jornais da véspera dão grande destaque a Ronnie Biggs que em 1963 foi um dos protagonistas do famoso assalto ao comboio-correio; preso e condenado a 30 anos de cadeia acaba por fugir e refugiar-se, após uma longa viagem e uma cirurgia plástica, no Brasil, onde viveu desde então, em grande estilo e explorando comercialmente a sua imagem, e aproveitando o facto das autoridades brasileiras não concederem a sua extradição.

O “*Corriere Delle Sera*” descreve um Ronnie Biggs velho, cansado e que não se preocupa minimamente com a sua detenção, levada a cabo pela Scotland Yard em pleno aeroporto. “O meu último desejo”, diz Biggs, “é entrar como súbdito inglês num *pub* e pedir uma cerveja”. Agora com setenta e um anos arrisca-se a cumprir os vinte e oito anos em falta da sua pena.

Fellini e Marcelo Mastroiani acabariam, pelas constantes referências, por ser pontos de contacto nos discursos de Tonino Guerra e Theo Angelopoulos. Em Atenas seríamos também confrontados pela força dessa necessidade de regressar a casa. Uma ideia que assumia agora um contorno ainda mais interior e espiritual:

THEO ANGELOPOULOS— *Num dos meus filmes Mastroiani diz “Atravessámos a fronteira e ainda estamos aqui. Quantas fronteiras temos de atravessar para chegar a casa?”. A casa é o momento em que nos sentimos em equilíbrio connosco e com o mundo. “Home”... mas é qualquer coisa de interior, não tem nada a ver com a “casa”, é uma casa interior. É uma casa que eu não encontro.*

ANA VITORINO— *Porquê?*

THEO ANGELOPOULOS– *Não sei...*

ANA VITORINO– *Mas se é uma casa interior, porque é que temos uma tal necessidade de partir, de fazer viagens para procurar qualquer coisa... não é possível ficar e procurar nos pequenos encontros quotidianos...?*

Esta pergunta talvez reflectisse já uma inquietação que nos acompanhava na viagem, e que Nick Cave & The Bad Seeds cantava numa das músicas que mais vezes ouvimos ao longo da estrada (“Right now I am A-Roaming”):

*“Quando chegar a casa
Vou limpar o apartamento
Quando chegar a casa
Vou expulsar aquele rato
Quando chegar a casa
Vou pôr tudo em ordem
Mas neste momento, neste momento
Ando a vaguear por aí*

*Quando chegar a casa
Vou fazer aquele telefonema
Quando chegar a casa
Vou discutir o problema
Quando chegar a casa
Vou esclarecer tudo
Mas neste momento, neste momento
Ando a vaguear por aí*

*Quando chegar a casa
Vou deixar de beber
Quando chegar a casa
Vou começar a comer
Quando chegar a casa
Vou livrar-me das drogas
Mas neste momento, neste momento
Ando a vaguear por aí*

*Quando chegar a casa
Vou telefonar à minha mãe
Quando chegar a casa
Vou preparar-lhe um jantar
Quando chegar a casa
Vou convidar os meus irmãos
Mas neste momento, neste momento
Ando a vaguear por aí*

*Quando chegar a casa
Vou ver o meu filhote
Quando chegar a casa*

Capítulo 7

72

*Vou comprar-lhe um brinquedo
Quando chegar a casa
Ele vai saltar de contente
Mas neste momento, neste momento
Ando a vaguear por aí*

*Quando chegar a casa
Vou desfazer as minhas malas
Quando chegar a casa
Vou lavar estes trapos sujos
Quando chegar a casa
Vou fazê-las outra vez
E vou de novo, vou voltar
Voltar a vaguear por aí”*

THEO ANGELOPOULOS— *Sim, mas a viagem é... para mim, o que é a minha casa? É quando estou ao lado do meu director de fotografia, no carro, ele conduz— eu não sei conduzir— a janela está aberta e a paisagem passa— é esta a minha única casa. É só aí que eu me sinto em equilíbrio. E à espera de qualquer coisa.*

Porque o lado do escritório tem algo de estático, de fechado. Eu tenho necessidade de me fechar, mas só depois de reunido tudo o que é necessário para passar ao papel, antes não. E escrevo para ver qualquer coisa sair de novo. O que é a casa, então? E esse equilíbrio que nunca ninguém encontra. É por isso que procuramos, que perguntamos, que viajamos, que temos vontade de ir lá para fora.

ANA VITORINO— *E acha que não a encontramos nunca?*

THEO ANGELOPOULOS— *É como se perguntasse “Como é que nasceu o mundo?”...*

NUNO CASIMIRO— *Mas sabe o que procura?*

THEO ANGELOPOULOS— *Procuro esse estado de equilíbrio. Por outro lado, tenho impressão, aqui lembro-me de Albert Camus, que somos todos exilados, mas num exílio interior, como se houvesse um reino— o título de Camus é “O Exílio e o Reino”— que é essa casa, esse equilíbrio, e o exílio. Há uma necessidade de retorno, que nunca acontece.*

“Quantas fronteiras temos de atravessar para chegar a casa?”. Sempre a casa, sempre o reino perdido... O reino é uma miragem... como no deserto. Nós vêmo-lo num sítio e ele está noutra... e procuramo-lo por todo o lado!

E esta ideia de viagem interior, esta ideia de regresso a casa, iria perseguir-nos durante todo o percurso, até Joseph Danan, o último dos convidados, em Paris:

CARLOS COSTA— *Dizemos muitas vezes que viajamos para ir ter com os outros mas também viajamos para ir ter connosco. E nesta viagem, quando estivemos na Grécia eu não percebia uma palavra, não percebia mesmo o alfabeto, e estava em casa. Na Alemanha eu percebo um pouco a língua mas sou definitivamente um estrangeiro. Não é apenas a língua...*

JOSEPH DANAN— *É o quê? A cultura...*

CARLOS COSTA— *É o Sul, a mediterraneidade...*

JOSEPH DANAN— *Mas Portugal não é mediterrâneo...*

CATARINA MARTINS— *Mas a cultura é.*

CARLOS COSTA— *Falámos das oliveiras... acho que a nossa casa são as oliveiras. Portugal, o sul de Espanha, o sul de França, de Itália, a Grécia... a língua é importante mas há algo mais...*

JOSEPH DANAN— *Sou muito sensível a isso porque nasci na Argélia, nasci também nessa cultura das oliveiras, do céu azul, do calor... há esse lado climatérico que é primordial. É verdade que me sinto bem em Portugal, na Espanha, na Itália... e na Grécia também, têm razão— mas estudei um pouco de Grego no liceu e reconheço algumas palavras e nomes. Nunca tive tanto a sensação de ser estrangeiro como quando estive na Checoslováquia, não tem nada a ver com a cultura mediterrânea e é outra língua, na Alemanha também não me sinto em casa... na Inglaterra não gosto da comida... Estive também na Tunísia e senti-me bem, penso que há uma interseção mediterrânea, entre as culturas europeias mediterrâneas e as culturas árabes ou africanas mediterrâneas.*

De regresso ao Porto transparecia, nas notas de viagem, uma satisfação por chegar a casa...

“Que estranho é esse caminho para casa que já não é viagem com percalços e descobertas, mais parece um longo obstáculo, um preço a pagar pelo descanso que o lar lá ao fundo promete.

Que estranha é a alegria de ver a placa que marca um dos inícios do nosso país, e a vontade de cumprimentar efusivamente o dono da primeira estação de serviço portuguesa onde paramos. A vontade de comprar jornais, tabaco, comida, beber café, só porque são “dos nossos”.”

Notas de viagem/Porto, 5 de Junho, Ana Vitorino

... e todo este projecto acabaria por concluir, no final do espectáculo “Orla do Bosque”, com um regresso a casa, uma tentativa de regresso ao reino perdido:

ORADOR— *Partir e procurar o equilíbrio no movimento. Absorver o que fica para lá do corpo, o oásis no meio do deserto: a nossa casa, o espaço em que conseguimos o nosso equilíbrio. O nosso reino.*

Procurar esse espaço na poesia do instante, na irrealidade do movimento. Ter saudades do futuro.

Aceitar essa incessante busca.

Recusar a inevitável perversão do nosso espaço pelas mãos sujas que o apertam.

Partir em busca desse reino que talvez nunca chegue.

OPTIMISTA— *Eduardo: Chegámos ao fundo. / Sabes qual é o dia? / Lembras-te quando / aos treze anos / eu e tu / fomos vender peixe / e que chegámos ao rio / e a ponte tinha sido levada pela água / e nós voltámos para casa com o peixe todo / e o peixe apodreceu em nossa casa? / Eduardo / aquele fedor é o perfume da minha vida.*

MISS COOL— *Vocês não imaginam o que é o pelau. Pelau é a receita secreta da minha tia. Quando ela fazia, a família juntava-se toda e eu e os meus primos tínhamos uma mesa só para nós. Sentávamo-nos impacientes à espera da comida e quando aquela papa vermelha com pedaços chegava sentávamo-nos como adultos a comer comida de gente crescida, comida picante.*

FIGHT— *Ana / comprei um cavalo / e os arreios também / para o fazer correr / Mas / outro sonbo maior / comprei uma cama grande / onde tudo é vidro / e vemos o vento e a chuva / e tem a almofada / onde podemos deitar as nossas cabeças / Ana / olha para mim / tenbo os olbos castanhos.*

MISS COOL— *O pelau leva frango desfiado, amendoim e provavelmente muito picante. É macio, escorrega bem na boca e de vez em quando o frango cola-se aos dentes. Às vezes, a meio da sobremesa, ainda se descobrem fios de frango que ficaram no meio dos dentes.*

OPTIMISTA— *Eduardo: aquele fedor é o perfume da minha vida.*

MISS COOL— *Eu ainda consigo sentir esses fios de frango...*

FIGHT— *Ana: olha para mim, tenbo os olbos castanhos.*

A Língua

Se a ideia de casa estava presente desde o início da nossa viagem— perguntámo-nos à partida como é que este percurso afectaria a nossa visão da casa e da nossa identidade— a noção de que a língua é um caminho para esse “reino de equilíbrio” que procuramos só viria a surgir no encontro com Theo Angelopoulos.

Quando partimos ao encontro do realizador grego levávamos na mente o seu último trabalho “A Eternidade e Um Dia”. Aí contava-se a história de um poeta grego do século XIX que tinha sido criado em Itália mas que um dia, ao saber que o seu povo pegara em armas para se bater contra o domínio otomano, resolveu voltar à Grécia para cantar a revolução. Ao chegar à sua ilha natal, o poeta descobriu que não falava a sua língua-mãe e assim começou a percorrer os bairros, os campos e aldeias de pescadores anotando as palavras que ouvia e pagando cada uma que não conhecesse.

Nesse mesmo filme as noções de exílio e de língua estavam já claramente presentes nas reflexões da personagem principal, um homem cheio de arrependimento no limiar da morte:

*“Por que vivi a minha vida exilado?
Porque é que apenas me senti regressar nas raras vezes que me foi dado falar a minha
língua?
A minha própria língua...
Quando ainda conseguia recordar palavras perdidas ou extrair do silêncio palavras
esquecidas.
Porque é que só então ouvia o eco dos meus passos percorrendo a casa?
Porquê?”*

Este exilado descobria, finalmente, três palavras antigas que definiriam a vida de um homem: “pequena flor”, “estrangeiro” e “muito tarde”. E seria ao falar destas palavras “esquecidas” que Angelopoulos levantaria a questão central da perda de riqueza e diversidade das línguas, espelho inequívoco da perda de identidade e de imaginação:

Capítulo 8

CATARINA MARTINS— *Aquela palavra do filme... xénitis...*

THEO ANGELOPOULOS— *Sim, quer dizer “estrangeiro”. São palavras que não são muito usadas, pertencem à nossa língua mas são palavras esquecidas. Por isso é que me interessavam.*

Sabem que as línguas hoje tornam-se cada vez mais cerradas, falamos com menos palavras que antes... em todas as línguas. Se tivermos dificuldade, às vezes, colocamos uma palavra em inglês. Daí o “franglais” — há mesmo um dicionário de “franglais”.

Lembro-me da minha avó, que era totalmente analfabeta, e que tinha uma riqueza de língua incrível! Ela usava as palavras com finesse, nunca repetia uma palavra para coisas diferentes. Tinha dez palavras para pacote. E agora temos só uma. A alva, o crepúsculo, na língua grega antiga tem cinco nomes, dependendo da hora. Hoje, só tem um. Nesta história das palavras esquecidas eu volto sempre à famosa fórmula de Heidegger que dizia que a nossa única identidade é a língua da nossa mãe. Recentemente estive a ler um grande poeta que vos aconselha, um judeu romeno, mas judeu de Europa central, portanto a sua língua materna era o Alemão. A sua família esteve nos campos de concentração nazis, foi exterminada, e ainda assim a sua língua continuou a ser o Alemão. Ele viveu em França e suicidou-se muito novo no Sena. Sempre reconheceu que a língua alemã era a sua identidade. O que é que ele era? Judeu, romeno, alemão, francês... era o quê?

Já em Itália, Tonino Guerra tinha dado um vívido exemplo do poder da língua natal:

TONINO GUERRA— *A mãe da minha mulher já morreu, era russa, e era um pouco metida consigo mesma; um dia disseram-lhe que em Itália se podia sintonizar uma estação russa, e a partir daí ela ficava de rádio colado ao ouvido, a escutar, não importava o quê, a escutar a língua russa. Porque a língua natal continua a ser um dos perfumes mais fortes, pois mesmo que fales outras línguas nunca chegas à profundidade da tua língua natal.*

E para o poeta italiano a questão acentuava-se ao levarmos em conta, dentro da língua italiana, o seu dialecto natal:

CATARINA MARTINS— *O Romanholo. Porque escreve em Romanholo?*

TONINO GUERRA— *Porque sou romanholo. Eu comecei a escrever quando estava prisioneiro na Alemanha, e comigo estavam apenas camponeses romanholos que só falavam Romanholo... mas é uma língua, meus amigos. Vocês sabem em que língua é que Dante escreveu a “Divina Comédia”? A língua então era o Latim mas ele escreveu no dialecto florentino. Estes dialectos derivam todos do Latim. E porque escrevo*

em Romanholo? Porque o Romanholo era a língua que toda a gente falava. Os arranha-céus de Nova Iorque foram construídos por emigrantes italianos que falavam os seus dialectos— Romanholo, Napolitano, Calabrés...

CARLOS COSTA— *Mas tu, quando escreves, pensas em Romanholo?*

TONINO GUERRA— *Claro. É uma língua que me corre no sangue. Dou-te um exemplo. Tarkovsky fez versões de muitos poemas meus, entre os quais “O ar”; vou dizer-vos em Italiano:*

*O ar é aquela coisa leve
que te gira à volta da cabeça
e que se torna mais clara quando ris*

Em dialecto utilizo a palavra ròba para dizer coisa. Compreendem que emprego agora uma palavra tremenda, é um começo completamente diferente, é uma palavra feia que o povo utiliza para descrever o que quer que seja: “O que é isto?” “É uma ròba de madeira” ou “uma ròba de pedra” ou “uma ròba disto ou daquilo”. Portanto tenbo de usar ròba.

E mais: em Italiano digo L`aria é una cosa leggera e em dialecto digo “L`aria è una ròba lizira”. E em lizira, ouvem zira, zira, como se houvesse um mosquito lá dentro. E esta é a diferença fundamental. O dialecto tem a grande força dos sons.

O exemplo inverso, da língua que não faz sentido se desligada da alma e História de um povo, viria de Thomas Liolios ao referir-se à República que ele recusa chamar de “Macedónia”:

CARLOS COSTA— *A denominação daquela zona como Macedónia vem do tempo de Tito...?*

THOMAS LIOLIOS— *Sim, foi Tito quem decidiu. Antes dele nunca ninguém se tinha lembrado de lhe chamar Macedónia. E claro, foi ele a desenhar a Bósnia-Herzegovina e toda a Jugoslávia. Um homem muito inteligente.*

CATARINA MARTINS— *Dividir para reinar.*

THOMAS LIOLIOS— *Exactamente. E então muitos comunistas gregos da Macedónia disseram “Muito bem, nós somos macedónios e gregos, e estas duas coisas são diferentes.” Isto é muito estúpido. Amanhã iremos visitar o Palácio de Alexandre, o Grande, e encontraremos muitas esculturas em mármore, milhares delas, e todas com inscrições de nome gregos, todas elas em língua grega. É que não existe uma língua macedónia, eram todos Gregos e a Macedónia apenas uma parte da Grécia. A*

língua que eles falam, em Skopje, é uma língua artificial, uma mistura de Esloveno, Albanês e palavras gregas que foi construída na Universidade de Skopje durante os anos cinquenta. É uma construção completamente artificial.

Ao longo de toda a viagem estivemos atentos à diversidade linguística europeia, acreditando que ela interessaria como instrumento de trabalho. Abandonámos a nossa língua para nos dedicarmos às dos nossos convidados, analisámos expressões idiomáticas, gravámos emissões televisivas e radiofónicas... Mas quando Theo Angelopoulos deu nome a essa ameaça à pluralidade e complexidade das línguas, reconhecêmo-la imediatamente. Ela viajava connosco desde que tínhamos saído de Portugal:

THEO ANGELOPOULOS— *O meu irmão casou com uma holandesa e falavam francês um com o outro, conheceram-se em Genebra. Quando ele a trouxe a casa, a nossa mãe disse: “Mas que queres tu com essa mulher? Ela nem sabe falar a nossa língua!”. Se não conhecia a nossa língua, não sabia nada...*

ANA VITORINO— *Mas é esse o futuro, o cruzamento de nacionalidades...*

THEO ANGELOPOULOS— *Ah, mas eu acho que o futuro é... toda a gente vai falar Inglês.*

O Inglês Internacional. A língua que provavelmente mais utilizámos nesta viagem, que se alterava ligeiramente a cada fronteira atravessada mas permanecia “língua de todos e de ninguém”. O Inglês Continental, como lhe chamou Sara de Roo. Os STAN, a sua companhia de teatro, utilizam-na frequentemente como língua franca e a sua opinião não podia estar mais distante do pessimismo de Angelopoulos:

CATARINA MARTINS— *E como é trabalhar noutra língua?*

SARA DE ROO— *É estranho. De certo modo...*

CARLOS COSTA— *Em que língua pensas, habitualmente?*

SARA DE ROO— *Em Flamengo. E falamos Flamengo em todo o lado e a toda a hora, toda a Antuérpia e Flandres. Representar noutra língua é algo que às vezes... eu prefiro a representar na minha língua. Por exemplo, o Inglês tem esta fantástica vantagem de não haver diferença entre you e you, “tu” e “vous”. É incrível. Em flamengo temos “tu” e “vous” e também uma forma ainda mais familiar de “tu”, ou seja, temos três*

escolhas. E as duas maneiras de usar “tu”, a mais familiar e a mais oficial, têm uma grande consequência em toda a linguagem, porque se usarmos a forma mais familiar usamos uma linguagem mais familiar e comum, se usarmos a forma mais oficial (que é a utilizada na televisão) a linguagem é mais limpa. E se representarmos em Inglês, nada disso existe!

Por outro lado, há muita coisa que se desconhece quando se representa em Inglês. Penso que esta escolha de formas também existe em Inglês mas nós não as conhecemos. Isso é muito europeu, a língua que utilizamos é Inglês Continental, uma língua que na realidade não existe. Não é aquele britânico emproado nem é americano, é uma linguagem comum, mainstream, que toda a gente compreende, com poucas palavras difíceis e erros regulares de gramática. Mas toda a gente a conhece e fala, ninguém tem medo de fazer erros, percebe-se e comunica-se, porque é que não haveríamos de a utilizar?

JOÃO MARTINS— *O que é engraçado é que este conceito do Inglês Internacional existe de facto, enquanto não existe um Francês Internacional ou um Alemão Internacional.*

CATARINA MARTINS— *Este Inglês Internacional vai variando de país para país, com novas palavras construídas a partir da língua de cada um. Eu gosto muito do som.*

SARA DE ROO— *O som varia de país para país; reconhece-se a gramática portuguesa quando é falado por um português e a gramática flamenga quando é falado por um flamengo.*

Língua criativa ou redutora? Se era verdade que a encontrávamos por todo o lado, verdade era também que a ameaça de uma língua inglesa única parecia estar longe da mente do cidadão europeu comum (como aquele gerente do hotel de Roma, que perguntava desconfiado a um dos elementos da nossa equipa: “Se não fala Italiano e não percebe Italiano, como é que fez tantas chamadas locais? Estava a falar com quem?”).

Arma de comunicação ou de massificação?

Entre estas duas visões opostas do Inglês Internacional que se espalha pela Europa encontrámos a opinião mais moderada de Joseph Danan:

JOSEPH DANAN— *Há ainda a questão da língua, que é complicada. Também em relação a isso há vinte anos atrás eu diria “Brevemente apenas falaremos americano” e não estamos nesse ponto, não devemos exagerar. O empobrecimento da língua é real, mas também não completamente. Vejo nos meus alunos, por exemplo, uma certa pobreza, uma certa dificuldade em escrever bem o Francês. Mas ao mesmo tempo constato que há muitos estudantes com um gosto muito forte pela escrita, e os*

ateliers de escrita têm um sucesso enorme. Se me dissessem isto há vinte anos atrás eu ficava surpreendido, pois pensava que as pessoas deixariam de escrever, saberiam apenas fazer imagem televisiva. E não é verdade, há uma resistência da escrita, uma resistência das línguas, mesmo se existem palavras inglesas que entram no Francês (e são muitas) não devemos exagerar, o Francês continua a não parecer-se de todo com o Inglês. É natural que as línguas evoluam, não é catastrófico.

Não tenho a impressão de estarmos no caminho de uma língua única europeia, que seria o Inglês. Mas é uma visão talvez a curto prazo, talvez dentro de dois séculos aconteça outra coisa. Mas mesmo em relação à hegemonia americana, não estamos no caminho que prevíamos há vinte anos. Há uma resistência europeia, muito maior do que imaginávamos. Mesmo se o poder americano seja uma realidade que me revolta, como a muita gente, não o nego.

JOÃO MARTINS— *Mas não acha que essa visão não catastrófica da mistura de culturas tem a ver com a força da cultura francesa, uma força que Angelopoulos não sente na cultura grega e que, talvez, nós não sentimos na cultura portuguesa? Por exemplo, no plano da língua, talvez os franceses e os alemães não vejam que acabaremos todos a falar Inglês porque o Francês e o Alemão são línguas poderosas na Europa (e são dois países poderosos economicamente). Mas em Portugal e na Grécia vemos que, se dentro de vinte anos não falarmos Inglês, seremos excluídos.*

JOSEPH DANAN— *Compreendo. É verdade que a questão da língua é fundamental na ideia que abordámos há pouco de uma cultura europeia comum a longo prazo. Isso seria verdade para tudo o que se passa pela televisão ou pela internet, mas a escrita ou o teatro fazem-se numa língua própria, de cada país. Para alguém de Berlim ver um espectáculo em Lisboa seria necessário que conhecesse a língua, há sempre essa barreira. Aquilo que faz com que eu me sinta estrangeiro nalgum lugar é fundamentalmente a língua. Quando vou a um país onde percebo um pouco a língua, ou me falam Francês (como em Portugal), sinto logo uma familiaridade, enquanto que na Alemanha ou noutros países da Europa Central como a Checoslováquia, estou totalmente no estrangeiro, não percebo uma palavra.*

Talvez um dia cheguemos a essa língua comum, que provavelmente seria o Inglês, não sei... mas demorará tempo, isso não se faz dentro de um século, parece-me.

Mas percebo bem o vosso ponto de vista. Eu sou, por exemplo, muito sensível ao facto de em Portugal muitas pessoas me falarem em Francês e me compreenderem. Sinto-me um pouco culpado pois acho que deveria fazer um esforço para falar Português, até porque percebo bem o Espanhol e o Italiano e quando vejo Português escrito até percebo um pouco, mas não percebo a língua falada.

CATARINA MARTINS— *Isso acontece com todas as línguas latinas, nós percebemo-las mas eles não nos percebem.*

JOSEPH DANAN— *Há um certo fechamento da vossa língua que a torna hermética para nós. Mas a verdade é que de repente fico um pouco, para minha vergonha, na posição do americano que chega à Europa e não precisa de falar Alemão ou Espanhol ou Francês, porque toda a gente fala Inglês. É uma posição terrível!*

ANA VITORINO— *Temos um pouco a impressão de que a resistência, pelo menos na Europa Central, ao poder da língua americana é o Francês. Angelopoulos falou-nos em Francês, Tonino Guerra também... tenho a impressão que é também um statement porque, por exemplo, nós percebemos Italiano e Tonino disse-nos logo ao início “Eu vou falar em Francês”. Penso que a grande resistência aos produtos culturais americanos na Europa vem sobretudo da França.*

JOSEPH DANAN— *Eu apercebo-me que em Portugal pessoas da minha geração dominam bem o Francês, enquanto que a vossa geração já é muito mais marcada pelo Inglês. Quando penso nisso sinto uma certa nostalgia, há vinte ou trinta anos toda a gente falava Francês em Portugal, sinto isso como uma ferida no meu amor-próprio. O Francês está a caminho de ser vencido pelo Inglês. O risco actual não é, de facto, que o Português seja substituído pelo Inglês, mas é muito claro que o Francês vai ser substituído pelo Inglês, que terá a posição dominante como segunda língua, em todo o lado. Vamos aos liceus e já não encontramos qualquer resistência, o Inglês é a segunda língua obrigatória e toda a gente o fala. Nos países do norte isso já acontece há muito tempo, na Holanda, por exemplo. E vai acontecendo nos países latinos que tinham até agora Francês como segunda língua. Será que há um verdadeiro risco de isso chegar ao ponto de ameaçar a primeira língua? Creio verdadeiramente que não, excepto, talvez, dentro de um século ou dois e através de vias que hoje não conseguimos perceber. É claro que é importante não sermos ingénuos, porque o factor económico está sempre em primeiro lugar... mesmo que a Europa se constitua como potência económica que faz face aos Estados Unidos, temos sempre a Inglaterra, que é uma ponte linguística com os Estados Unidos. E se houver uma língua dominante na Europa, há todas as probabilidades que seja o Inglês.*

(...)

JOÃO MARTINS— *Mas voltando ao que eu dizia sobre a língua, nós temos noção de que, para além de adoptarmos o Inglês como segunda língua, temos que adoptar uma terceira língua e talvez mesmo uma quarta. Suponho que para os franceses e para os alemães baste adoptar uma segunda língua. É um problema dos países periféricos, uma segunda língua não é suficiente. E há outra coisa interessante: poderíamos pensar que, sendo o Inglês a arma da globalização, os ingleses estariam contentes com a situação, mas Motton disse-nos que o Inglês está a perder muito com isto, porque o Inglês que globaliza é um Inglês mais simples.*

Capítulo 8

JOSEPH DANAN— *É o Inglês Económico...*

ANA VITORINO— *Ele diz mesmo que o Inglês devia ter um estatuto de língua étnica, porque está verdadeiramente ameaçado hoje.*

JOSEPH DANAN— *Interessante, não teria pensado nisso... Penso que o verdadeiro combate é um combate em cada país pela pluralidade das línguas. Não se deve pensar o problema da comunicação na Europa apenas do ponto de vista da língua única, que era aliás o objectivo do Esperanto, que era fabricado e nunca funcionou... mas talvez cheguemos a um Inglês-Esperanto.*

E a sua conclusão recaía nas potencialidades da arte e na responsabilidade dos criadores:

JOSEPH DANAN— *É enorme o que está em causa, era preciso que, no mínimo, cada país pudesse resistir ao factor económico e defender esse plurilinguismo. Aí a Europa teria um sentido, se em cada país as pessoas dominassem três, quatro línguas, seria formidável e é possível mas são necessários os meios ao nível da educação. Normalmente a educação em cada país deveria ter essa força e essa capacidade de resistir ao factor económico, mas não é assim, a economia entra também aí e vão sempre dizer-nos que é preciso que toda a gente fale Inglês porque é o futuro, é o comércio, é a indústria, é a ciência, etc.*
Como pessoas da cultura temos aí um papel a desempenhar— quem pode defender pelo menos a língua são as pessoas do teatro e os escritores.

A Queda dos Impérios

No berço da civilização, por entre o pó e o barulho da cosmopolita Atenas que vira as costas à Acrópole que a vigia, a ideia de morte anunciada do nosso modo de vida tornava-se quase palpável nas palavras de Theo Angelopoulos:

THEO ANGELOPOULOS— *Como é que Atenas, uma potência que dominava todo o mundo antigo, teve uma tal queda depois? Isso começou pela arrogância face aos outros, como fazem hoje os americanos, tentando pôr todos na ordem, à lei da bala. Um desses exercícios militares fracassou. E assim começou a decadência de Atenas. E tenho esperança que isso aconteça também aos Estados Unidos. Que a lição histórica lhes toque. É a mesma situação: um país (na altura foi uma cidade) que domina todos os outros, e que tudo impõe com uma força extraordinária.*

Todos os impérios sobem e caem: o Império Grego, o Bizantino, o Otomano, e o Americano também cairá.

Foi assim introduzido um novo tema na conversa com os convidados ao longo da viagem: o da “Queda dos Impérios”. E os exemplos da sua inevitabilidade sucediam-se. Com Thomas Liolios a fazer-nos olhar para a nossa História:

THOMAS LIOLIOS— *Lembro-me de uma estranha sensação, quando estive em Portugal e vi todos aqueles edifícios imponentes; era como se edifícios tão grandes não pudessem caber num país tão pequeno, mas na realidade vocês nunca construíram para o país, mas sempre para o mundo.*

Ou Daniel Libeskind a pensar as cidades:

DANIEL LIBESKIND— *Será que alguém, olhando lá de cima do Fórum Romano, poderia imaginar que toda aquela arquitectura seria um dia apenas uma ruína, um vestígio do passado? E da mesma maneira que falo de Roma poderia falar de todos os magníficos castelos que podemos visitar. E podemos imaginar alguém a olhar do cimo de um arranha-céus de Nova Iorque ou Tóquio e a tomar como certo que aquela é uma realidade eterna, mas não é, porque depende da competição das cidades.*

A insustentabilidade do modo de vida ocidental, que é o nosso, já tinha sido assunto de reflexão aquando da criação dos “Estudos”. E no material que nos

Capítulo 9

serviu de apoio abundavam os anúncios da decadência, o que naturalmente teve eco no próprio espectáculo.

“Europa: (...) Os prognósticos mais correntes anunciam, no entanto, um declínio irreversível do Velho Continente.

Civilização: As civilizações dissolver-se-ão, a pouco e pouco, num gigantesco puzzle de valores. Como no final do Império Romano, é provável que se assista à lenta revolta das regiões periféricas contra o centro, ou, por outras palavras, de todos contra o Ocidente. No entanto, é talvez mais provável ainda que se oponham entre si as civilizações que se assemelham, dado que possuem desejos miméticos.”

Dicionário do Século XXI, Jacques Atali

“Vós, novos, governais há pouco, e julgais habitar uma cidade inacessível à dor. Mas não vi eu já, num abrir e fechar de olhos, caírem dois tiranos? Mais vergonhosamente e com maior rapidez hei-de ver cair o terceiro, que agora governa.”

Prometeu Agrilhado, **Ésquilo**

“Que os grandes e humildes, através do nosso exemplo, vejam a que estado serão inexoravelmente reduzidos, qualquer que seja a sua condição, idade ou sexo. Então porque estamos nós, seres miseráveis, inchados de orgulho? Somos pó e ao pó voltaremos, cadáveres putrefactos, pasto de vermes...”

Epitáfio de uma vítima da peste negra inserido no Estudo nº4

Foram sem dúvida a terminologia usada por Angelopoulos e o discurso de Libeskind sobre as cidades que nos fizeram reflectir de forma mais sistematizada e nos deram imagens mais certeiras sobre “A Queda dos Impérios”. Imagens essas que viríamos a utilizar no espectáculo “Orla do Bosque”:

ORADOR— *Um imperador romano contempla o Coliseu acabado de estrear. Nesse momento, aquela construção é para ele eterna. Nunca imaginará as ruínas onde hoje se passeiam os turistas.*

É compreensível essa incapacidade de conceber a ruína do que vê: para o Imperador, o Império representa a perfeição, tal como ele a conhece e concebe.

Para ele, o Coliseu jamais cairá.

(...)

Talvez por crescerem sobre as ruínas do anterior dominador, os vários impérios crescem na convicção de que o patamar da perfeição absoluta é este que desenham. E que o progresso está para sempre encerrado nas definições seguras de quem logrou destituir o anterior amo.

E de amo em amo, construímos a História.

Para todos, o declínio começa com essa atitude arrogante, com esse momento em que o conforto do poder retirou as incertezas ao futuro: quando já se está tão seguro de que o fim não existe, a necessidade de ousar, de repensar, de ver o avesso morre.

(...)

Hoje como então, quando o Presidente do Conselho de Administração de uma qualquer multinacional espreita a cidade do escritório instalado no último andar de um arranha-céus em Wall Street, não imagina que o brilho espelhado da construção se afundará com o tempo.

Também para ele é inconcebível a inevitabilidade da ruína.

(...)

Todos os impérios caíram.

Todos os impérios caem quando se tornam arrogantes.

*Também a arrogante torre do Conselho de Administração cairá.
Como caíram os Bárbaros, os Otomanos, os Mouros, os Ming, os Portugueses.*

A Comunidade

Thomas Liolios recebeu-nos em Véria, recebeu-nos em sua casa, recebeu-nos com a sua família e os seus amigos. E cedo percebemos que a sua casa não se resumia àquele pequeno apartamento no centro. A sua casa era a cidade de Véria e a região da Macedónia. A sua casa era a Grécia e toda uma cultura e um passado de que se sente filho. Com orgulho fala-nos de Alexandre, o Grande e mostra-nos pomares de pessegueiros até perder de vista, guia-nos pelos segredos da cidade e, devagarinho, vai desvendando a felicidade sentida por fazer parte de uma comunidade que ainda acredita que existe:

THOMAS LIOLIOS— *É importante compreender que na Grécia as pessoas começaram por construir aldeias, isto é, comunidades de indivíduos que assim se protegiam uns aos outros, adquirindo uma segurança que não teriam isoladamente. A aldeia destinava-se a “river”. Só depois se irão construir cidades; as cidades destinam-se a “river bem”. E quando os gregos se lançam na colonização da costa do Mediterrâneo e do Mar Negro— reparem, sempre junto ao mar— vão construir cidades; mas para construir uma cidade existem regras: a primeira regra é levar para a cidade nova o fogo que ardia na praça central da cidade natal, levando assim consigo o centro espiritual. Tratava-se de um pequeno prato onde ardia o fogo. A segunda regra é a de criar uma nova lei para governar a nova cidade; não bastava importar as leis das cidades da Grécia, era preciso criar uma lei nova para uma cidade nova. A terceira regra era a arte, utilizar a arte na fundação da nova cidade.*

(...)

Apesar de não se falar nisso, há imensas comunidades gregas espalhadas por África. Mesmo em Angola, depois de vocês saírem, as comunidades gregas continuaram por lá. Há algum tempo estive na Roménia— a minha mãe morava lá— e reparei na má opinião generalizada em relação aos judeus. Perguntei então o que fazia a comunidade judaica na Roménia e responderam-me que se dedicava ao comércio e à banca; perguntei então o que fazia a comunidade grega na Roménia e responderam-me a mesma coisa, comércio e banca. Fiquei surpreendido pois não conseguia explicar a diferente atitude perante situações aparentemente idênticas. Explicaram-me então que os judeus se fecham sobre si próprios não devolvendo à comunidade local o bem estar que dela retiram. Já os gregos vivem com a comunidade local, em conjunto, casando, tendo filhos, investindo, construindo escolas e outros equipamentos. Cultura diferente, atitude diferente, integração diferente.

Na verdade foram as palavras de Thomas Liolios que nos fizeram recordar o que Theo Angelopoulos nos tinha já dito, dias antes, em Atenas:

THEO ANGELOPOULOS— *Eu lembro-me que, quando era jovem, as pessoas cantavam e dançavam nas casas, mesmo durante a ocupação alemã. Isso desapareceu! Nas aldeias havia festas, não a festa geral da aldeia, muito típica, mas festas por si só. Os casamentos, os baptizados, etc., eram festas. Por isso havia sempre um centro na aldeia, uma praça pública. Era a Ágora, as pessoas reuniam-se ali para falar, para dançar, para cantar... agora, não. As praças estão vazias. Está tudo mudado em todo o lado.*

Finalmente seria Nina Libeskind, de forma mais fria e pragmática, e a propósito de Berlim, a relacionar a desagregação das comunidades com a arquitectura e as políticas urbanísticas:

NINA LIBESKIND— *Não se pode construir o centro de uma cidade para falhar. Eles já injectaram milhões de Marcos ali porque tem de ser um sucesso! E espero que tenham sorte porque ninguém quer ter um buraco negro no meio da cidade. Por isso comercialmente ainda têm muitos problemas para vender e alugar espaços, ninguém quer ir para lá.*

CATARINA MARTINS— *Não vive lá ninguém?*

NINA LIBESKIND— *Há lá alguns apartamentos mas ninguém vive lá. Ninguém quer lá viver.*

CATARINA MARTINS— *Realmente chegámos lá e estava tudo vazio. Íamos ao centro da cidade e não havia lá nada.*

(...)

NINA LIBESKIND— *Acho muito triste que tivessem tido essa atitude e acho que as pessoas se começam a aperceber que aquilo que fizeram... quer dizer, Potsdamerplatz é suposto ser uma zona comercial e de entretenimento mas se não fosse o casino não havia lá mesmo nada. As pessoas só lá vão pelo casino. Estão a ver o centro de uma cidade que não é verdadeiramente um espaço público onde as pessoas possam estar e se sintam numa grande cidade. É uma pena. Não passa de um centro comercial muito feio. O melhor é o edifício Sony que é apenas medianamente interessante.*

(...)

Na Potsdamerplatz tínhamos ideias em cima de ideias, não pensámos em construção. Éramos bastante novos nisto! Na Alexanderplatz, se

tivessem seguido a nossa lógica para esse local, que era pegar no que já existia e ficar com isso dizendo “Fiquem com isso, podem não gostar, pode ser feio mas é a vossa História e parte da vossa memória e é economicamente viável e diz muito às pessoas que viviam em Berlim Leste...” e se tivessem transformado a praça a partir desta ideia, acho que veríamos agora um local onde se passava alguma coisa, mas agora ainda está mais empobrecida do que há oito anos atrás. E isso porque não tiveram outra ideia senão arrasá-la e colocar lá estas torres ridículas. Não digo que a única ideia boa fosse a do Daniel mas era a lógica a seguir: construir infra-estruturas e edifícios que fossem adicionar algo ao invés de apagar simplesmente a História. E acho que agora veríamos que a cidade se tinha desenvolvido de uma forma mais fluida. Agora a Alexanderplatz e a Potsdamerplatz estão... mortas.

PEDRO CARREIRA— *Acha que eles entraram em pânico quando o muro caiu?*

NINA LIBESKIND— *Acho que não entraram em pânico... Para ser justa acho que ninguém tinha ideia de quanto isto ia custar. Por muitos cálculos que fizéssem... ninguém fazia ideia. Juntar o sistema de Metro, juntar as telecomunicações... era inacreditável! Eu segui tudo com especial interesse, porque estive na política, e logo depois do muro cair um amigo meu que era ministro veio cá, visitou Berlim— ele falava Alemão e eu não— e contou-me que era inacreditável o que tinha de ser feito! Por exemplo, em Marçan havia uns blocos de apartamentos com cento e cinquenta mil pessoas ... e apenas um supermercado! Não havia telefones. Apenas seis carros... Era incrível! Depois todos quiseram comprar um carro— o que é compreensível. Montar os telefones... o sistema de educação... Para ser justa ninguém podia ter imaginado. Eu diria que se devia ter construído uma “rede de segurança”, fazer as coisas de uma forma mais gradual mas não é assim que o mundo funciona... quer dizer, se— e isto é uma história verdadeira— se se puder pegar numa fábrica de mobiliário perto de Dessau que tem dois mil e quinhentos trabalhadores e pô-la a funcionar com vinte e cinco pessoas... então para quê continuar a pagar a duas mil quatrocentas e setenta e cinco pessoas? As coisas não funcionam assim. E o desemprego é enorme. Eu vi hoje na BBC que na Polónia, que é um exemplo de sucesso, a taxa de desemprego subiu de 16,5% para 18,5% este ano... e é um caso de sucesso! Aqui se forem até Dessau, Magdeburg, Halle... acreditem que é assustador. Não têm dinheiro para arranjar nada, já ninguém se importa, não há empregos... e continuam a tentar mas é muito, muito duro voltar a juntar tudo. Não estou a ser pessimista... Berlim Oriental está espectacular comparada com esses sítios. Mas é muito duro.*

Regressámos ao Porto, em ano de grandes obras, motivadas pela capital Europeia da Cultura. E por todo lado víamos uma ideia de cidade que não partilhávamos. Perdida a escala humana, desapareciam os jardins e os arquitectos cobriam tudo de granito. Desaparecia a praça enquanto espaço de pessoas que se encontram.

Na nossa cidade a ideia de comunidade estava em clara agonia, o que naturalmente se iria reflectir no espectáculo “Orla do Bosque”:

ORADOR— *As cidades sofrem hoje uma crise de identidade; causa e efeito das assimetrias sociais, da cultura da exclusão social, com guetos para ricos e pobres, com regras e escolas próprias.*

As cidades transformaram-se em locais de trabalho, inundadas de carros durante o dia e autênticos desertos de betão depois das oito.

Atirou-se o lar para subúrbios gigantescos, com zonas bem demarcadas para bairros sociais, apartamentos para a classe média e condomínios fechados para os mais abastados.

Vigora a lógica do condomínio fechado, do vídeo-porteiro e do jardim de pedra para escamotear a urbe de cimento.

Fechou-se a vida em apartamentos exíguos e desconfortáveis.

Apagou-se o espaço público do léxico urbano. Entregámo-lo a governantes para que o decorem e preservem sem mácula.

Esterilizou-se a praça com pedra inerte, por onde a vida passa mas não se instala. Limitou-se a comunicação ao colorido do grafitti.

Contribuímos para a caridade em terras longínquas, mas somos incapazes de ir a uma reunião de condóminos ou pensar o que fazer do nosso lixo.

O ruído que nos cerca é o de uma multidão de monólogos.

O homem que se ergue das lajes e expõe a voz ao Sol, fá-lo consciente da memória, recusa a certeza do futuro, assume a dívida para com o outro.

A voz que desligou o televisor acredita na ruptura. É ridícula.

E assume-o .

(...)

FIGHT— *Vá, limpa-te (estende-lhe um lenço).*

OPTIMISTA— *Obrigado.*

MENTIRA— *O que é que te aconteceu?*

OPTIMISTA— *Eu ia para casa. A meio da tarde. O caminho que eu faço todos os dias. No meio do bairro (o Fight estende-lhe outro lenço). Obrigado. Eles são uns miúdos... devem viver ali perto. É incompreensível... assim de repente...”isto é um assalto” e eu “um assalto como?” e*

eles... TUNGA (gesto de porrada com as mãos)... murros, pontapés. É incompreensível. Coitados!

FIGHT- Coitados!?

OPTIMISTA- Sim, coitados.

MENTIRA- Sim, coitados!

OPTIMISTA- São só uns miúdos... deviam estar na escola e andam para aí a assaltar pessoas a meio da tarde (recebe o pacote de açúcar que o Fight lhe estende).

MENTIRA- É incompreensível.

OPTIMISTA- E a culpa é nossa (engole o açúcar).

MENTIRA- Toda nossa.

OPTIMISTA- Nós é que não somos capazes de criar espaços para que estas coisas não aconteçam. Um espaço para o desporto... natação...

MENTIRA- Uma piscina Olímpica!

OPTIMISTA- ... atletismo...

MENTIRA- Uma pista de tartan!

OPTIMISTA- ... sei lá... arte, cultura, computadores...

MENTIRA- Um centro multimédia!

OPTIMISTA- É incompreensível.

FIGHT- Vá! Levanta-te! Estás inteiro? Vai, vai para casa, toma um duche.

OPTIMISTA- Acho que sim (levanta-se e anda um bocadinho na direcção de onde veio. Depois volta-se e aponta para o lugar da agressão). Eles bateram-me com muita força.

Os três olham uns para os outros.

MENTIRA- Pronto, eu vou contigo.

Saem juntos. Fight fica sozinho.

A Memória

Em Berlim visitámos fugazmente as praças novas que nasceram depois da queda do Muro. Reparámos que estavam vazias de gente e cheias de edifícios imponentes e espelhados. No *atelier* do arquitecto Daniel Libeskind, Nina Libeskind falou-nos de como Berlim continua a ser uma cidade dividida. O esforço para unir a cidade foi até ver inglório porque não se soube dar voz à sua memória. Disse que não se pode nem deve apagar a História de uma cidade. Falou-nos da importância de preservar a memória e a História das comunidades e da sociedade, para que não se perca a identidade e seja mais fácil construir o futuro. Este tem sido, aliás, um dos pilares que sustentam os projectos de Daniel Libeskind: construir novos edifícios bem assentes na memória do local, com raízes profundas na filosofia e na História da comunidade a que se destinam. Dias mais tarde, na conferência em Aachen, Daniel libeskind realçava o facto do seu projecto do Museu Judeu de Berlim estar inscrito no seu destino a partir do momento em que decidiu vir para a Alemanha. Não por uma questão de nostalgia mas pelo acto fundamental de comunicar a importância dos judeus na História da Alemanha. Era preciso um edifício que comunicasse com um público novo, que não sabe nada sobre aqueles acontecimentos, e ele fê-lo.

Nina Libeskind falou-nos do impacto que este abafar da memória tem na vida das pessoas:

NINA LIBESKIND— *Acho que é preciso que as pessoas vivam com a sua História e aprendam a lidar com ela de uma forma aberta e íntegra. E isso não é fazer de “Juiz Judeu”, é exactamente o contrário: significa lidar com a História de uma forma filosófica e o mais humana que conseguirmos. (...) Todo o judeu que vem a esta cidade e vê uma pessoa mais velha faz as contas: seria das SS ou da Wehrmacht... por isso torna-se mais fácil à medida que o tempo vai passando.... mas é preciso ultrapassar isso.*

(...)

Aquilo que eles fizeram na Potsdamerplatz acho que foi uma oportunidade perdida, acho-a extremamente feia e nunca vou lá. Não tenho interesse nenhum em lá ir e não é por o Daniel e eu sermos ideólogos mas... quer dizer a minha filha que tem doze anos vai lá ao cinema e mais nada. Na Alexanderplatz não se passa nada porque

mais uma vez fizeram tábua rasa, o que acho que é uma ideia estúpida, ineficaz e completamente insensível para a História daquele lugar. E, claro, eu e o Daniel tomámos uma posição bastante distante acerca do modo como a cidade se poderia ter desenvolvido— e é uma oportunidade perdida— mas não podemos desesperar.

(...)

JOÃO MARTINS— *Acha que esta “nova” Berlim, que é a capital da Alemanha e de certa forma a capital da Europa, e esta estratégia, vai afectar de alguma forma o modo como a Europa vê a sua História e a sua identidade?*

NINA LIBESKIND— *Bem, é difícil saber. Neste momento esta geração de alemães está extremamente cuidadosa acerca do seu papel na Europa. A Chancelaria, que é um edifício monstruoso, é incrível— o Albert Speer não poderia ter feito um edifício tão mau como este— verdade, é inacreditável! E esse edifício é assustador! E todos os edifícios antigos dos nazis: o ministério do interior, o ministério das finanças... todos eles foram perfeitamente reconstruídos. Não era o que eu nem o Daniel faríamos com a História, nem o que pensamos que é a História, mas é o que eles estão a fazer. Irá isso ter algum impacto na forma como as pessoas se vêem a elas próprias? Certamente que sim!*

(...)

Claro que ninguém quer a sua cidade separada por um muro para sempre! Mas apagá-lo? E agora tentar reconstruí-lo é absurdo! Claro que deviam ter deixado alguns bocados, é uma parte importante da História da cidade. As crianças querem vê-lo! Temos de lhes ensinar o que foi e o que significou. O primeiro sítio onde os turistas americanos vão é o Checkpoint Charlie. E foi demolido e tiveram que o reconstruir no ano passado porque todos o queriam ver. Por isso não é um problema de dificuldade mas sim de como é que se ajuda as pessoas a lembrar e se lhes dá algum optimismo. O que aconteceu aqui foi puro imperialismo, pelo menos com os berlinenses ocidentais: apaga-se o muro, apaga-se Berlim Oriental, nada dessa História importa para nada. O que mais interessa ao Daniel é isso mesmo: como mostrar a História, como preservar a História, como interessar as pessoas pela História, como manter a memória viva, como construir a memória. São coisas que não interessam à maior parte dos arquitectos mas que a ele interessam genuinamente. E é algo que se tem perdido nesta cidade e ela tem mais História do que a maior parte das cidades...

(...)

JOÃO MARTINS— *Onde é que acha que está agora a fronteira física? Para onde é que se moveu? Se é que está nalgum sítio...*

NINA LIBESKIND— *Eu diria que está seis polegadas debaixo do chão e seis polegadas acima do chão. Acho que é aí que está. É aquilo que não se vê mas onde tropeçamos na nossa memória. E é aí que ainda existe.*

Alguns textos que tínhamos lido no início deste projecto adquiriam assim, à luz destas conversas e da experiência dos Libeskind, um novo sentido:

“Para milhões de homens e mulheres irmãos de hoje, o ambiente mental comum consiste numa espécie de ingratidão generalizada. (...) Deparei pela primeira vez com a ingratidão da cultura de irmãos quando era estudante universitário em 1947. Os meus professores deitaram abaixo a minha auto-estima recordando-me, com razão, que eu nada sabia. Por outro lado, porém, fiquei satisfeito por saber que, enquanto moderno, era superior a todos os meus antepassados (e aos vossos).”

A Sociedade de Irmãos, **Robert Bly**

“Eu não sei o que o futuro nos reserva. Não sei se a Europa vai evoluir bem ou mal. Nunca estive optimista, se se entender por isso a certeza de que tudo vai acabar bem. Nem pessimista. O futuro está em aberto. Há indicadores em todas as direcções. É sempre necessário trabalhar para encorajar a esperança.”

Vaclav Havel, Jornal Público, 2001

Ao longo da viagem outros convidados expressaram também uma preocupação por essa perda de memória, esse atropelar da História a que se tem assistido— o caso de Berlim é aliás apenas um exemplo mais imediato pela proximidade no tempo. Thomas Liolios falou-nos da importância da memória no despoletar da questão macedónia, e Theo Angelopoulos coloca a memória no centro do seu pensamento sobre o mundo.

THOMAS LIOLIOS— *Se se quer construir um estado não se pode assentar os alicerces numa mentira, ou pelo menos em algo que não é claro. As pessoas que lá vivem não dizem, naturalmente, que vivem na Macedónia Grega, nem podiam dizer. E não se trata de um problema de raça ou sangue, aqui não existem essas coisas, é estúpido pensar nisso. Mas eles são eslavos, chegaram aqui depois do século XVI, vivem numa zona que se chamava Macedónia— a Macedónia englobava toda esta zona, aliás era aqui a capital, e uma zona mais acima, até ao sul de Skopje—, mas não pode basear um Estado numa mentira porque a História está sempre mais à frente à nossa espera.*

(...)

THEO ANGELOPOULOS— *As pessoas nascem para viver em liberdade, para terem livre escolha. O mundo é feito de pessoas que tentam racionalizá-lo. O problema das comunidades actuais é serem sociedades que não sonham. Não está apenas ausente a perspectiva histórica que daria a ideia do Socialismo de há um século atrás, mas também estão ausentes os sonhos. Sonhar qualquer coisa, mesmo que seja uma utopia, põe o mundo em movimento. É com pequenas e grandes utopias que se faz o mundo. O paraíso do Cristianismo é uma utopia... algo que está para lá da vida, que não se vê. E é assim com todos os “ismos”.*

(...)

Porque é que a minha mãe aos noventa e quatro anos via televisão para ver notícias? Como é que isso lhe podia interessar? Mas ela olhava e comentava. Somos curiosos pelo que vem aí e pelo que veio antes. Por isso é que a História do passado é uma necessidade natural.

Neste momento há uma grande polémica em França criada por pessoas que dizem que a História não existe, só existe o hoje, o amanhã, o depois. O que é que nos interessa o que aconteceu ontem? Isto não tem cabimento porque o que se passou ontem condiciona o presente. Como compreender o presente sem o passado... não é um tipo de nostalgia, o passado é um estudo do presente.

(...)

ANA VITORINO— *Mas não há um pouco o paradoxo destes homens que estão sempre a examinar o passado da Humanidade ou mesmo do seu próprio país, mas que têm quase uma repulsa de examinar o seu próprio passado?*

THEO ANGELOPOULOS— *Depende de como vemos o passado... por exemplo, se falarmos de filmes ou de livros que falam de um período do passado, quem os filma ou escreve fá-lo com o olhar de hoje, a não ser que faça uma obra absolutamente histórica, de modo científico. Seja um filme que decorra no passado, seja um que decorra nos dias de hoje, o que é importante é o sentimento que dele emana, o “feeling”. A actualidade não depende do cenário, depende dos sentimentos e das situações.*

Um filme que fala do passado não existe se não falar do presente através do passado. Há uma questão curiosa que é a própria noção de tempo. Há diversas filosofias em torno da noção de tempo. Para os asiáticos, por exemplo, não existem estas três dimensões Passado/ Presente/ Futuro. O passado é presente e o futuro também. Creio que foi Santo Agostinho quem disse que o rio que olhamos agora é presente e futuro e passado, porque no espaço mínimo de... milésimos de segundos... é já... outra coisa.

Os nossos convidados tiveram sem dúvida o condão de dar corpo a certos conceitos e certas questões que estavam na origem deste projecto. Quando Nina e Daniel Libeskind nos falaram da sua ida para a Alemanha e da sua visão para uma arquitectura que integre o indivíduo e a memória colectiva do local, quando Thomas Liolios nos falou sobre o medo e o perigo de construir algo sobre uma mentira, ou quando Theo Angelopoulos nos falou sobre a noção de tempo, começámos a perguntar até onde é que este alheamento da nossa História nos poderá levar.

ORADOR— *A sociedade perdeu o passado.*

Pomos quanto somos no mínimo que fazemos mas não herdámos nada de ninguém. Mantemos a suspeição imbecil em relação às ideias, religiões e artes do passado.

A verdade porém, é que cada ser humano está endividado para com os demais, para com as suas raízes mais profundas, para com a Natureza.

Mas a máquina do alheamento é perigosa.

Cada um de nós individualmente recusa-se a aceitar fazer parte de qualquer massa que seja pois, no íntimo, todos possuímos uma maquina de desprendimento que nos permite reagir com ironia e espírito crítico de cada vez que participamos num congresso, num mega-concerto ou nalgum acontecimento desportivo de vulto.

Essa cassette diz-nos que não pertencemos a massa alguma e que cada um de nós é genuinamente individual.

O Pior Outro

É na nossa incapacidade de lidar com a memória que os desencontros entre iguais se geram. O outro face ao qual nos encontramos e a quem queremos a todo o custo virar as costas é quase sempre gerado numa qualquer página da História que não conseguimos virar. Mas ao longo da viagem foi-se tornando claro que há um Outro ainda pior— o vizinho. Nada é tão simultaneamente forte e incompreensível como o que nos separa do vizinho do lado.

Na Bélgica dividida entre Flamengos e Valões, à conversa com Sara de Roo dos STAN, começámos a perceber o padrão do Pior Outro.

NUNO CASIMIRO— *Eu gostava de perguntar se Bruxelas é de facto um outro país dentro da Bélgica... uma terra de ninguém, uma terra de todos, uma terra europeia.*

SARA DE ROO— *É muito difícil. Para começar é a única cidade da Bélgica, cidade a sério. E é lá que tudo se junta, deixando de pertencer a cada um, e é isso que faz de Bruxelas uma cidade estupenda. Mas apesar de ser como que a capital da Europa, para o nosso pequenino país é um problema, ninguém sabe o que fazer com ela. Por outro lado pode dizer-se que é Bruxelas que mantém o país unido, tal como a família real no Reino Unido. Porque para nós o sul do país, a parte francófona, é completamente estrangeiro. É mais fácil sermos convidados para representar em Portugal do que no sul da Bélgica. Nós nunca representámos no sul da Bélgica.*

CARLOS COSTA— *Porquê?*

SARA DE ROO— *É uma questão política. A Flandres é mais rica do que a Valónia. Nós dividimos melhor o nosso dinheiro e além disso os valões têm uma pesada herança industrial que agora têm de reconverter. São duas culturas diferentes, duas Histórias diferentes, e há o proteccionismo próprio de quem se sente ameaçado pelo outro. No sul dizem-nos: “Não venham cá, vocês já têm muito dinheiro e nós não vamos dar-vos mais, fiquem aí, e ainda por cima estão a conquistar Bruxelas, vão embora”. E nós pensamos ao contrário: “Andaram séculos a colonizar-nos, não nos deixavam falar a nossa língua, agora deixem-se estar onde estão”. E é claro que assim não se vai a lado nenhum— e o problema é mais complicado do que isto— vejam que há uma zona, à volta de Bruxelas, onde a lei regula minuciosamente o uso de cada língua.*

NUNO CASIMIRO— *Eu tenho a sensação que noutros estados que integram nações diferentes— na Espanha, por exemplo— as pessoas têm sempre a sensação de haver um denominador comum, algo que as une. Mas na Bélgica ainda não percebi se é assim ou se anda toda a gente a fingir que há algo comum quando não há.*

SARA DE ROO— *Eu acho que é um luxo um país ter duas culturas tão diferentes. Os meus pais são flamengos convictos, são de uma geração diferente, em que os ricos e importantes falavam Francês, em que se formavam dois grupos no recreio, e esta é a História deles. Eu não penso que a minha geração sinta a necessidade de se defender, eu pelo menos não sinto, não sinto essa necessidade de definir fronteiras. Eu frequentei a escola na minha língua, pude falar Flamengo em todo o lado, fui respeitada na minha língua e cultura, o que quer dizer que me posso abrir à cultura dos outros e às outras pessoas, sejam elas de Portugal ou do sul do meu país. E acho que é uma fantástica combinação de culturas, é a combinação entre o mundo Germânico e o mundo Romano num só país, e ao que parece não conseguimos ver essa vantagem, ou melhor consegue-se mas... politicamente é muito difícil... há uma diferença... se calhar o melhor era separarmo-nos completamente para depois nos podermos ver com novos olhos: “Temos vizinhos, que bom, entrem por favor!” Enquanto que agora vivemos no mesmo país e nem sequer nos damos uns com os outros.*

CARLOS COSTA— *E as companhias do sul da Bélgica actuam no norte?*

SARA DE ROO— *Não as conheço... estou a brincar... quer dizer... será que estou mesmo... conheço uma... conheço uma porque trabalhou com uma companhia flamenga que eu conheço... realmente é um desastre, uma catástrofe!*

CARLOS COSTA— *São só cem quilómetros...*

SARA DE ROO— *Quando fizemos “O Inimigo do Povo” decidimos apresentá-lo em Bruxelas, o que até era perigoso pois podia ser mal entendido. As apresentações seriam num teatro flamengo, porque Bruxelas é uma cidade dividida, não geograficamente mas mentalmente, há duas comunidades, dois povos vivendo juntos de uma forma separada, os franceses não se relacionam com os flamengos. Ainda assim há alguns teatros que tentam uma programação mista... de qualquer forma a verdade é que fizemos “O inimigo do Povo” em Francês num teatro flamengo e na plateia só havia flamengos; porque as pessoas que falam Francês nunca iriam a um teatro flamengo, são dois mundos. Mas há teatros que tentam mudar isso, como aquele onde costumamos ir, fazendo programações mistas e com legendas.*

CARLOS COSTA— *Nos STAN são todos flamengos?*

SARA DE ROO— *Claro...*

Capítulo 12

98

CARLOS COSTA— *Claro...*

SARA DE ROO— *É certo que quem vive em Bruxelas tem um afecto maior pela cultura romana, está mais habituado a falar Francês, muda de língua com grande facilidade, é mesmo bilingue, e isso é algo de muito especial.*

CARLOS COSTA— *Mas achas que as preocupações de uma companhia de teatro de Liège serão muito diferentes das de uma companhia daqui de Antuérpia?*

SARA DE ROO— *Acho que não, quem faz teatro faz basicamente sempre a mesma coisa, em qualquer parte do mundo. Ainda assim acho que a tradição do teatro francês— e falo desta por a conhecer melhor do que a do sul do meu país— sofre um bocado com “a declamação”— e isso é um grande obstáculo quando se trabalha um texto— e na Flandres temos um tradição diferente, de importantes criadores, que inspirou toda uma geração de fazedores de teatro. E é isso que faz a História desta ilha que é a nossa língua, é um bocadinho a História da nossa pequena comunidade. Mas a verdade é que não sei o suficiente sobre a História da outra comunidade.*

CARLOS COSTA— *Ao fim e ao cabo é como se fosse natural saber menos dos outros por serem outros, mas depois saber ainda menos por serem, de todos os outros, os mais próximos. É estranho...*

“É sempre assim. A grande fronteira é sempre com o nosso vizinho e falamos sempre dela, entre vírgulas, como se não existisse.”

Notas de viagem/Antuérpia, 27 de Maio, **Carlos Costa**

A conversa com Sara de Roo fez-nos regressar inevitavelmente às palavras de Thomas Liolios:

THOMAS LIOLIOS— *Os albaneses têm uma cultura diferente, não é melhor ou pior mas é diferente, têm valores diferentes, e quando nos juntamos temos problemas. Vou tentar exemplificar isto. Quando as fronteiras se abriram milhares de albaneses começaram a entrar, milhares durante vários dias, e nós abrimos as nossas casas, demos comida, roupa, trabalho. E, de repente, eles começaram a roubar, a tirar coisas, quando queriam alguma coisa, pura e simplesmente, pegavam nela. Para mim isto é roubar, para a cultura deles não, trata-se de outra coisa porque eles têm outra escala de valores. Como povo eles são-nos muito próximos, costumamos dizer que gregos e albaneses são primos, irmãos não, mas primos sim. São pessoas muito espertas, aprendem a falar Grego com facilidade, em poucos dias, são uma gente orgulhosa, bons trabalhadores, mas têm esta diferente maneira de pensar que nos levanta muitos problemas.*

Foi na Grécia que mais falámos sobre as crises latentes com os vizinhos. Seja a crise com a Macedónia, explicada por Thomas Liolios, seja a fortíssima imagem da fronteira com a Turquia de que nos falou Theo Angelopoulos e que inspirou o seu filme “O Passo Suspenso da Cegonha”.

THEO ANGELOPOULOS— *Andámos um pouco nessa ponte e o coronel mostrou-me (como no filme) três linhas: uma linha azul, que era o fim da Grécia, uma linha branca, a linha neutra, e a linha vermelha, que era o começo da Turquia. Ele pôs o pé na linha branca. O soldado que estava em frente ficou inquieto e avançou com a metralhadora. O coronel disse-me: “Se dou mais um passo estou no outro lado, onde morro”.*

Em Berlim encontrámos o exemplo mais emblemático de convivência com o Pior Outro”. Os Libeskind, casal judeu que decidiu ir viver para Berlim, são um exemplo invulgar do que é lidar quotidianamente com esta barreira.

NINA LIBESKIND— *Mas a nossa decisão de irmos para aqui foi um choque enorme para todos: o bebé tinha dez semanas, os nossos filhos tinham dez e doze anos de idade. E tivemos de lidar com o facto de grande parte da nossa família se recusar a vir a este país, e ainda recusa. Mas uma das lições mais importantes que aprendi foi o que isto significou para mim, vir para aqui. Primeiro que tudo aprende-se imenso acerca de nós próprios quando se vem para um país novo, não sabes falar a língua, não percebes onde fica a paragem de autocarro. Mas acima de tudo foi o ser judia nesta cidade e estar com o bebé no carrinho e todos os velhotes alemães quererem pegar nele ao colo e fazer uma festinha... lidar com isso. E as nossas famílias... eu tenho um irmão que na altura era embaixador canadiano das Nações Unidas e que ficou à frente da UNICEF e nós encontrávamo-nos em Maastricht e noutras fronteiras mas nunca na Alemanha. Agora já vem. (...) Claro que é mais fácil viver aqui agora do que há doze anos atrás por que a velha geração está a morrer e é mais fácil quando vemos todas as pessoas na rua e respiramos melhor.*

(...)

DANIEL LIBESKIND (na abertura da conferência em Aachen) — *Desculpem-me por falar em Inglês mas só utilizo o Alemão em casa, nunca em público.*

Capítulo 12

No espectáculo “Estudos” já nos tínhamos debruçado sobre as terríveis marcas da História e sobre a dificuldade do perdão.

“Senhoras e Senhores:

Do alto desta tribuna, olbo em volta e vejo apenas um deserto. Quase não há vida aqui. Não há água, não há um poço, nem uma nascente, apenas campos minados.

Assim foram as nossas relações nos últimos anos: um deserto. Nem um monte verde, nem árvores, nem sequer uma única flor.

Chega uma hora em que é necessário ser forte e tomar decisões corajosas, vencer os campos minados, a seca, a esterilidade entre os nossos dois povos.

Nós estamos destinados a viver juntos no mesmo solo, na mesma terra. (...) Temos que perdoar a angústia que causámos uns aos outros, limpar os campos minados que nos dividiram durante tantos anos e substituí-los por campos de abundância.

Do alto desta tribuna, olbo em volta e vejo-vos: à nossa geração e à próxima. Nós somos aqueles que vão transformar este lugar estéril num oásis fértil.

Queremos abrir um novo capítulo no triste livro das nossas vidas conjuntas, um capítulo de reconhecimento e respeito mútuo, de boa vizinhança, de compreensão.”

Estudo nº1

Durante a viagem tropeçámos em inúmeros exemplos de má vizinhança, fruto das contradições de quem não sabe viver com o seu passado. Seja o passado colonialista, seja o dos conflitos que se perdem na História relativos à afirmação das diferentes nacionalidades, e que parecem ser a causa última de pequenos ódios de estimação.

Em França o fosso que separa os franceses dos imigrantes árabes tem marcado a agenda política.

JOSEPH DANAN— *Se levarmos em conta a grande parte da população, o medo real é dos imigrantes... mas também aqui é preciso ser prudente, não é toda a gente e estamos a falar de um recuo em relação ao que existia antes. Vimos como a extrema-direita ganhou terreno e agora recuou... o medo do imigrado acalmou um pouco agora, mas a verdade é que pode rapidamente voltar.*

Talvez os dois pólos do medo do outro em França (penso que o da Alemanha já foi superado) sejam estes hoje: Estados Unidos de um lado e imigração do outro (sobretudo magrebina). A Europa constituiu-se como agregado de potências colonizadoras e através da negação de populações que não eram europeias. Isso é algo que está abafado mas que continua activo, e que reencontramos nesse medo do imigrado.

A violência que explode nestes subúrbios, com jovens magrebinos e africanos, é o resultado dessa repressão. Tudo o que é reprimido pode voltar a explodir-nos na cara.

E os ingleses continuam a alimentar o seu “ódio de estimação” pelos Franceses, como se percebe à conversa com Ramin Gray.

RAMIN GRAY– *Consegue perceber-se a diferença entre uma peça alemã e francesa muito facilmente... ou italiana... têm identidades muito fortes.*

NUNO CASIMIRO– *No conteúdo ou na forma?*

RAMIN GRAY– *Principalmente na forma... Há mesmo uma grande diferença de forma entre as peças francesas e as outras. Os franceses não sabem escrever peças... porque estão constantemente a fugir do real... querem escrever poesia... são muito frios.*

ANA VITORINO– *Sempre os franceses....*

RAMIN GRAY (rindo)– *Eles têm um verdadeiro problema... e ainda por cima gastam mais dinheiro a apoiar arte do que qualquer outro país... e no entanto não têm nada para mostrar... pelo menos eu acho que não... é uma pena.*

(...)

Eu dirigi uma peça em França e na altura pensei: “Vou ser directo com eles e dizer-lhes para apenas “fazerem” a peça.” Eu pensei que seria um alívio para eles e que iriam ficar contentes por não terem de ouvir o encenador falar durante dois dias... E então começámos e eles ficaram muito confusos, odiaram e perderam a confiança em mim porque não falei com eles aquelas tretas de “Para mim a peça é isto e isto e blá, blá...”. Foi um desastre... Passadas três semanas tive de falar com eles de uma forma “intelectual” e ficaram a olhar e a acenar com a cabeça.

Acabámos por reconhecer que encontramos em nós mesmos, que não tivemos um único convidado espanhol neste projecto, este virar de costas aos vizinhos.

CATARINA MARTINS– *Esta viagem não trata apenas de fronteiras mas também da confrontação com outros criadores e da possibilidade de os entender e de permitir que eles nos entendam a nós, e dessa forma abandonar uma ideia, muito forte em Portugal, de que somos especiais por sermos poucos; não é verdade, somos muitos...*

SARA DE ROO– *Isso acontece em todos os países...*

CATARINA MARTINS– *Mas em Portugal é pior porque só há o oceano e a Espanha!*

SARA DE ROO— *É um título bonito: “O oceano e a Espanha”...*

O Pior Outro— que afinal é quem está aqui mesmo ao lado— provoca uma comichão sob a pele, uma reacção química aparentemente incontrolável, que já tinha sido assunto do espectáculo “Estudos” e que durante a viagem encontramos algo caricatamente num artigo de jornal. É uma reportagem publicada pelo “La Repubblica” sobre um condomínio da periferia de Milão, uma grande construção dos anos sessenta onde habitam quatrocentas famílias, cerca de mil e duzentas pessoas. A reportagem descreve uma assembleia de condóminos onde, por entre tumultos, demissões e apelos patrióticos, se tenta, sem grande sucesso, discutir os problemas comuns. Um cardiologista de Roma aconselha todos aqueles que sofram de problemas cardíacos a evitarem a tensão de uma assembleia de condóminos; afirma que é muito frequente que o coração não resista a estas reuniões. O problema é de tal forma específico que até já o baptizou: *Angina Condominialis*.

E foi sob esta forma que acabámos por espelhar o Pior Outro no espectáculo “Orla do Bosque”.

Fight faz ginástica com pesos, com uma máscara relaxante nos olhos.

FIGHT— *A minha casa está quase perfeita.*

Algumas pessoas podem dizer que eu... exagero... mas pouco me importa. Aquilo que eu consegui está perto da realização total do ser humano. (...) É claro que... há um problema. Um problema grande. Um problema com que eu não contava e que estraga tudo. Ratos. Tenho um problema de ratos.

Tenho ratos a passearem sobre a minha cabeça, pelas escadas acima e abaixo, na garagem, no jardim da frente. Não consigo deixar de os ouvir... sobretudo à noite, quando a ratazana mor chega e se deixa cair na cama e ouvem-se aqueles... queetch! (imita o som da cama a ranger quando os vizinhos fazem sexo). Apanho muitas vezes os ratinhos pequeninos escondidos nas escadas— quando os vejo eles saltam e fogem aos gritinhos... e o cheiro que vem lá de cima!!! O cheiro baço e acre da ninhada que se junta ao Domingo, a comerem que nem uns alarves, a acordarem-me com os guinchos horríveis que saem dos seus... (com desprezo) gravadores com Dolby Surround! Surround??? (grita) Vocês sabem lá o que é Surround!!!!

O Politicamente Correcto

Em Bruxelas, na sede Parlamento Europeu, à conversa com Vasco Graça Moura voltámos a tema do “Politicamente Correcto”, sobre o qual o tínhamos ouvido falar meses antes na conferência “A Viagem das Ideias”. Tentámos perceber as limitações à livre expressão e acção provocadas pela necessidade exacerbada de constante atenção às palavras que usamos e gestos que fazemos. Vasco Graça Moura contou, a este propósito, a historia verídica de uma criança que, depois de se ter magoado, recusou tratar a ferida com um spray desinfectante por este poder fazer mal à camada de Ozono. Esta era no fundo uma outra faceta do Politicamente Correcto: já não se trata só do medo de sermos julgados pelos outros e do medo de aviltar alguma fronteira visível ou invisível, mas sim da deturpação do pensamento, levando ao extremo aquilo que até poderia ser um bom princípio, mas que assim se torna absurdo. Se antes tínhamos medo de agir mal, tendo opiniões “incorrectas”, agora quase que já nem somos capazes de pensar...

Durante a viagem íamos ouvindo uma canção dos Monthy Python, “I’m so worried”, que reflecte exactamente esta preocupação que, passando para o domínio do irracional, nos impede de agir tanto sobre o que achamos bem como sobre o que achamos mal:

*“Estou tão preocupado com o que se passa hoje
No Médio Oriente, sabes.
E estou tão preocupado com o sistema de entrega de bagagens
Que eles têm em Heathrow*

*Estou tão preocupado com as modas de hoje
Acho que não fazem bem aos pés
E estou tão preocupado com os programas de TV
Que às vezes eles querem repetir*

*Estou tão preocupado com o que se passa hoje, sabes
E estou tão preocupado com o sistema de entrega de bagagens
Que eles têm em Heathrow*

*Estou tão preocupado com a minha queda de cabelo
E o estado do mundo hoje
Estou tão preocupado por ter tantas dívidas
Acerca de tudo*

*Estou tão preocupado com a tecnologia moderna
E estou tão preocupado com todas as coisas que eles deitam no mar
Estou tão preocupado, estou tão preocupado
Preocupado, preocupado, preocupado...*

*Estou tão preocupado com tudo o que pode correr mal
Estou tão preocupado em saber se as pessoas gostam desta canção
Estou tão preocupado com o próximo verso
Não é dos mais felizes
Estou tão preocupado sem saber se devo continuar
Ou se não será melhor parar*

*Estou tão preocupado em saber se devia ter parado
E estou tão preocupado porque este é o tipo de coisas que eu devia saber
E estou tão preocupado com o sistema de entrega de bagagens
Que eles têm em Heathrow*

*Estou tão preocupado em saber se devia mesmo ter parado
Estou tão preocupado por andar aqui com estes rodeios
E estou tão preocupado com o sistema de entrega de bagagens
Que eles têm em Heathrow”*

No espectáculo “Orla do Bosque” tentámos mostrar o absurdo a que de facto estamos sujeitos quando somos dominados por essa incapacidade de traçar o limite entre uma boa causa ou bom princípio e algo em que acreditamos apenas porque está na moda, sem verdadeiramente compreendermos do que se trata.

ORADOR— *Acreditamos em valores em que não confiamos. Contemplamos as nossas crenças com cepticismo.*

Comovemo-nos tanto diante das tragédias do Médio Oriente e dos vários Kosovos do globo como ao vermos as imagens do beijo apaixonado do casal do ano.

Preocupamo-nos com a nova economia, os peixinhos do mar e a camada do Ozono ao mesmo tempo que desesperamos com a queda de cabelo, as cores para a próxima estação e o sistema de auriculares do Alfa Pendular.

Acompanhamos de perto as tragédias dos clandestinos nas mãos de máfias internacionais e os desaires amorosos de imbecis vedetas de TV.

(...)

A Mentira dança na praça.

ORADOR— *Somos todos juízes e somos todos culpados, uns perante os outros.
Todos cristos à nossa reles maneira, crucificados um a um. Sempre sem saber.*

Miss Cool deixa cair o spray.

MENTIRA– *Isso! Viste, o que fizeste foi muito importante. Tu podes ajudar a salvar este planeta, não percebes?*

MISS COOL– *Eu... eu admiro-te muito! Tu és mesmo muito corajosa.*

MENTIRA– *Oh, não sou nada... agora chego a casa, trato disto... não custa nada...*

MISS COOL– *Não, tu és muito corajosa! São pessoas como tu que estão a salvar este mundo!*

MENTIRA– *Como NÓS! Não te esqueças disso! Tu podes fazer a diferença.*

MISS COOL– *Oh, achas?... não sei...*

MENTIRA– *Claro. Vais prometer-me que chegas a casa e deitas os sprays todos fora, está bem?*

MISS COOL– *Está bem. Força!...adeus. Cura-te!*

Mentira afasta-se a coxear e sai.

Optimista entra e atravessa a praça com um hambúrguer e um pacote de batatas fritas na mão. Miss Cool vê-o e fica chocada.

MISS COOL (grita)– *AH!*

Optimista pára abruptamente. Miss Cool aproxima-se dele a tremer de indignação.

MISS COOL– *O que é que tu estás a fazer?*

OPTIMISTA– *Estou.. a comer.*

MISS COOL– *Ah! A comer? A comer?? Cospa isso! Cospa imediatamente!*

Optimista cospe a comida que ainda tinha na boca.

MISS COOL– *Tu não estás a comer! Isso não é comida! Tu estás maluco? Sabes o que é isso?*

OPTIMISTA– *... sim, é um hambúrguer e umas batatas... eu não tive tempo para almoçar e...*

MISS COOL– *Isso NÃO SÃO batatas! Isso é uma... mistura química qualquer que eles fazem! E... e isso não é carne! Eles não usam vaquinhas nem... não são animais, são uma espécie de... que crescem todos... argh!* (pega na comida e pousa-a no chão, longe dele)

OPTIMISTA– *Não me digas que acreditas nessas histórias!*

MISS COOL– *Como é que tu és capaz? Tu não tens consciência?*

OPTIMISTA– *Oh, pá, eu estava com fome e não tive tempo, estava ocupado com a campanha do pepino e... eu nem costume lá ir...*

MISS COOL– *ASSASSINO!*

OPTIMISTA– *O quê?!*

MISS COOL– *São pessoas como tu que dão cabo deste... do mundo! Tu não sabes que esses tipos dão cabo das florestas todas? Tu sabes de que tamanho está a camada do Ozono? Sabes? Está... TRÊS VEZES do tamanho do... está assim, mesmo grande, estás a ver? Imensa! Por causa de pessoas como tu!*

OPTIMISTA– *Mas eu só lá fui desta vez! Não tive tempo... eu nunca lá vou!*

MISS COOL– *Só uma vez, só uma vez! É quanto basta! Sabes quantas pessoas já lá foram a dizer que só lá vão uma vez? Milhares!!*

OPTIMISTA (grita)– *Mas que disparate! Eu não tenbo culpa se...*

MISS COOL– *Pronto, calma. Senta-te e acalma-te.* (ajuda-o a sentar-se no banquinho deitado no chão) *Pronto. Agora vomita.*

Fight entra. Fica a ver a cena, depois dirige-se à comida no chão.

OPTIMISTA– *O quê??!!*

MISS COOL– *Sim, vomita. É o mínimo que podes fazer depois de ter ido lá!*

OPTIMISTA– *Mas eu não consigo...*

MISS COOL– *Mete os dedos à boca! Nem isso és capaz de fazer?*

OPTIMISTA– *Pronto, eu tento...* (tenta vomitar)

MISS COOL– *Não eras capaz de ficar um dia sem almoçar? O que é que te custava? Há pessoas que fazem sacrifícios tão grandes por este mundo!*

OPTIMISTA– *Estou a ficar mal disposto!*

MISS COOL– *E os teus filhos? Em que planeta é que vão viver?*

OPTIMISTA (enjoado)– *Não consigo...*

MISS COOL– *Há pessoas que sangram, percebes? Sangram e vão para casa todas...
(imita o coxear da Mentira)... e tu nem és capaz de... nunca pensei...*

OPTIMISTA– *De que é que tu estás a falar?*

MISS COOL– *Eu preferia passar fome a comer aquela... (aponta para o sítio onde
deitou fora a comida. Fight está parado a seguir a conversa e a comer as
batatas fritas) AAAAAAHHHHH!!!! É escusado, é escusado!
Assim não dá! ASSASSINOS!!!!*

Miss Cool vai saindo.

MISS COOL– *Fica sabendo que estou fora da campanha do pepino. Agora vou
dedicar-me à campanha a favor de... à campanha do buraco do
Ozono.*

OPTIMISTA– *Não podes fazer isso, não podes mudar de um dia para o outro! O
pepino é mais importante!*

MISS COOL– *O mundo é muito mais importante! Sem mundo não havia pepino!*

Miss Cool sai.

A Mentira

Há um mal estar com o mundo que nos persegue constantemente e nos faz mover. Sabemos que está tudo muito errado. Vamos perdendo a casa, a língua e a ideia de comunidade, a memória vai-se apagando sem que aprendamos com a História, criamos inimigos onde devíamos ver aliados, as palavras que dizemos e as batalhas que lutamos perdem sentido todos os dias. Sabemos que tudo isto são faces de uma mesma moeda. Só não sabemos é que nome dar a essa moeda e é por isso muito mais complicado falar dela; denunciá-la. E eis que Gregory Motton, sentado no sofá da sua sala, diz o óbvio e mais simples, como só sabe dizer quem tem uma lucidez e capacidade de análise fora do vulgar: é a Mentira. E tudo começa a fazer sentido. A Mentira é imediatamente adoptada na escrita e nas conversas.

“Motton revela-se o autor politicamente empenhado que nos tinham apresentado. Alguém que sofre violentamente com o estado das coisas, com a mesquinhez do cidadão comum, “de esquerda, de direita ou galinha, de acordo com a moda” e fala da grande mentira que o capitalismo impõe, da substituição da religião pelo consumismo, dos heróis pelas celebridades.”

Crónicas de viagem, Nuno Casimiro

CATARINA MARTINS— *Motton chama-lhe a “tirania da Mentira”. Havia a tirania da brutalidade, hoje é esta.*

ANA VITORINO— *Ficou mais difícil, porque a brutalidade é facilmente identificável, é fácil dizer aos outros “estou a ser agredido, ajuda-me”. Hoje não sabemos o que combatemos...*

JOSEPH DANAN— *Já não há ideais revolucionários...*

ANA VITORINO— *Tornaram-se anedotas, as pessoas são antiquadas se falam disso, de ideais, de heróis... não é cool. Essa ideia muito americana de ser cool.*

CATARINA MARTINS— *Motton diz que se uma pessoa hoje tentar ser revolucionária, o sistema vai chamá-la de fascista ou perversa. Revolucionária não, porque isso agora é uma palavra do sistema. Todos são revolucionários...*

NUNO CASIMIRO– *É um pouco como quando vemos hoje todas estas t-shirts com o Che Guevara!*

JOSEPH DANAN– *Sim, é muito chocante!*

CARLOS COSTA– *Penso que é um pouco o problema de Motton, não pode escrever usando palavras de que o sistema se apropriou...*

Olhando para trás tornou-se claro que a Mentira tinha ocupado grande parte das nossas reflexões desde o espectáculo “Estudos”, em cujo programa dizíamos, a propósito do Estudo n.º3 :

“Eles estão por todo o lado e baralham com tal perversidade, ou pelo menos egoísmo, as ideias de Liberdade, Igualdade e Fraternidade que se torna cada vez mais difícil reconhecer onde está o bem e onde está o mal; e fizeram-no com tal mestria que às vezes trememos de pavor ao descobrir que até estamos a concordar com eles. Eles que fazem o que é certo pelos motivos errados pelo que não fazem o certo mas o errado. Pavor porque o mal existe e estamos tão adormecidos pelo seu brilho, pela sua cor, que o confundimos com o bem. Estamos tão preocupados em respeitar as conquistas de Abril ou da Revolução Francesa, que perdemos o discernimento e a capacidade de definir aquilo que claramente está mal e que por isso deve ser combatido, sem falinhas mansas, sem panos quentes, o que está mal muda-se. Temos que ter inimigos. Sem eles não temos amigos.”

Já na viagem Emma Bonino nos tinha falado da necessidade de clarificar posições.

EMMA BONINO– *O problema é que há uma diferença entre, por um lado, o compromisso e o diálogo e, por outro lado, o comprometimento. Eu considero-me uma pessoa dialogante, uma pessoa com quem se pode chegar a um acordo, mas há certos níveis de compromisso, o tal comprometimento, para os quais não estou disponível. Podemos envolver-nos na ajuda humanitária mas temos sempre a obrigação de distinguir entre agressor e agredido. Timor Leste é um caso clássico, ajuda-se naturalmente toda a gente, mas a verdade é que houve um agressor e um agredido, e é preciso compreender isso ainda que ambos devam ser ajudados. Um soldado ferido merece ajuda humanitária mas é preciso distinguir quem esteve do lado de Milosevic e quem não esteve, e é esta falta de clareza na política internacional que a mim não me agrada.*

A indefinição de posições é conseguida e é simultaneamente fruto da deturpação da linguagem que esvazia de sentido as palavras. Um jogo perigoso que já estava presente nos no espectáculo “Estudos”; lembramos as palavras de Belmiro de Azevedo na entrevista à revista Visão...

“Sempre fui um rebelde e tive muito respeito pelos que vivem mal. Sou muito empreendedor e a minha filosofia é tirar o máximo do sistema capitalista, que é o que gera mais riqueza e dá mais liberdade às pessoas, até para serem criativas, e dividir ao máximo essa riqueza, pagando os melhores salários possíveis ao maior número possível de pessoas. Não gosto dessa ideia de solidariedade, no sentido de dar, para resolver um problema imediato. Gosto de criar emprego, para dignificar a pessoa humana.”

... que nós não resistimos a pôr em cena:

EMPRESÁRIA— *Eu compreendo... Eu também sempre fui uma rebelde e há um certo tipo de jogos e conveniências com os quais não seria capaz de compactuar. Eu sou uma pessoa de acção, sou muito empreendedora e a minha filosofia é tirar o máximo do sistema capitalista, que é o que gera mais riqueza, que dá mais liberdade às pessoas e que mais dignifica a pessoa humana. E eu sempre tive muito respeito pelos que vivem mal. Eu sou, em suma, uma liberal com preocupações sociais.*

Neste discurso é claramente visível uma outra face da Mentira: a crença inabalável de que caminhamos no “bom sentido”. Crença essa que a realidade devia desmentir.

THEO ANGELOPOULOS— *O círculo vicioso de miséria continua, a criminalidade é a consequência directa, a prostituição, a droga... tudo. Mas é gente pobre... e a pobreza é algo que eu respeito. A pobreza desta gente que... não foi só o Socialismo que criou pobres. Foi o Cristianismo, foram todos os ismos... Mas são pessoas que têm necessidades, e mesmo que aumentem a criminalidade, etc., etc., elas são vítimas das mudanças operadas no mundo de hoje. Vejam que a história dos Balcãs não termina! Depois da Bósnia foi o Kosovo e agora é a ex-Macedónia. Continua... E vocês sabem melhor que eu o que se passa em África... Então, num mundo que muda aparentemente para melhor, mas que no fundo não muda (porque eu não sei o quanto a vida das pessoas de facto melhorou com as conquistas tecnológicas)... sim, há uma parte de pessoas na Europa que hoje vive melhor, mas há uma parte que não.*

Há um claro esvaziamento de sentido nas acções e nas palavras que habitam o nosso quotidiano. E este esvaziamento deixa-nos sem referências. Ridiculariza a luta e cria falsos heróis.

*“Talvez não existam hoje heróis por não haver quem se predisponha à ferida, essa ferida de que fala Luca Nicolaj como sendo o destino do Herói, aquilo que o faz sofrer (ou mesmo morrer) mas que simultaneamente faz dele um ser extraordinário ao dar-lhe um sentir da Humanidade e a oportunidade do sacrifício.
Hoje os "grandes" actos fazem-se empunhando uma caneta ou premindo um botão.
Hoje os que se fazem de heróis expõem a sua humanidade como uma ferida que fingem partilhar corajosamente com os outros.”*

Notas de viagem/Roma, 13 de Maio, **Ana Vitorino**

*“Silvio Berlusconi enviou uma bonita revista a todos os italianos para que o possam conhecer melhor. Um dos textos por si assinados é dedicado ao seu pai; de forma simples e tocante recorda os Domingos passados em família, fala da missa, do almoço preparado pela mãe, da ida ao futebol com o pai e da capacidade de sonbar. Qualquer um de nós se reconhece inevitavelmente naquelas palavras, pelo que forçosamente será tentado a olhar Berlusconi com a bondade reservada aos que nos são queridos.
Esta forma de estar na política enoja-me profundamente. Domingos de mão dada com a família todos nós temos. Eles nada acrescentam à nossa capacidade de fazer algo de relevante pela Pólis, isto é, não nos distinguem em nada de ninguém. E ainda assim eles há que insistem em atirar-nos à cara com as fotografias amareladas da infância, na esperança que as lágrimas nos turvem a visão e nos impeçam de ver o vazio das suas propostas. Nos impeçam de compreender que eles não têm nada para nos dar e que apenas procuram a melhor maneira de tirar o que precisam.”*

Notas de viagem/Parma, 9 de Maio, **Carlos Costa**

“O Everest já não é o que era. Há muita gente no cume. Foi o que eu vi, muita gente. O problema é que tudo se comercializou muito e agora se tiveres 40.000 USD, dois ou três sherpas pegam em ti e levam-te lá cima. As pessoas não têm vergonha nenhuma e põe Oxigénio desde os 6.200 metros. Subir com Oxigénio pelo trilho normal do Everest não devia ser importante. Este ano subiram ao Everest 170 pessoas e só sete é que fomos sem oxigénio. (...) Hoje em dia o Everest é subido por um sherpa de 16 anos, um alpinista cego, um torto, quis subir um sem pernas... E ainda assim há gente que “quebra” porque se cansa e tem que acampar a 8.500 metros. Sobem pessoas que, na melhor das hipóteses, o máximo que subiram foi o Monte Branco e que daí saltaram imediatamente para o Everest. (...) Este ano bateram-se todos os recordes de cume, mas havia corda fixa desde o acampamento base até mesmo ao cume.”

Entrevista do alpinista espanhol **Oiarzabal** ao jornal “A Marca”

No espectáculo “Orla do Bosque” a Mentira e a sua denúncia foram, naturalmente, temas centrais:

ORADOR— *Hoje vivemos no pior e mais violento de todos os regimes: vivemos no reino da Mentira. Ela está em todo lado e em todo o tempo. Tão assustadora e poderosa como os reinados de barbárie e terror que a História conserva.*

Está no marasmo geral que reveste as opiniões assépticas, o politicamente correcto que alicerça o diálogo.

A Mentira distribui quatrocentos canais temáticos para que cada um tenha a sua televisão e se sinta especial dentro da família espartilhada pelas divisões da casa. Feliz como num anúncio de detergentes.

A Mentira escorre na verborreia serena dos opinion makers, construtores da realidade dos seus botões.

Promove a solidão imensa da fuga ao confronto consigo próprio, com os outros, com o passado.

Somos todos originais por usarmos todos as mesmas sapatilhas, as que se anunciam como sendo especiais.

(...)

Precisamos de mais concentração para comer uma refeição do que para ver televisão e, quando a vemos, ficamos passivos e tensos, sem qualquer capacidade de concentração. A televisão debita um amontoado disforme de lixo criteriosamente produzido. Serve à la carte o mais abjecto material sexual obsessivo, descrições coloridas de brutalidades e atrocidades várias, análises técnicas e profusamente documentadas das mais sangrentas experiências e vivências, numa avalanche de informação que atordoia a mente. Serve-nos o mundo em função de shares, patrocinadores e directores de marketing.

Simultaneamente, mostra-nos o nosso cantinho cor de rosa embrulhado no pacífico romantismo das revistas do Jet7.

Leva-nos a crer que um dia estaremos nós no ecrã, milionários, lendas de cinema e estrelas de rock. Mas é mentira.

Lentamente, vamo-nos apercebendo disso.

Vamo-nos apercebendo que o céu azul é um cartão pintado pelo publicitário, o mago encarregue de nos fazer desejar aquele carro, com aquelas roupas.

A publicidade é a máquina do desejo. Leva-nos a ter empregos que detestamos para comprarmos as merdas de que não precisamos.

As coisas que possuímos acabam por nos possuir.

Nós não somos o dinheiro que temos. Nós não somos o carro que guiamos. Nós não somos o conteúdo da nossa carteira.

Talvez aqui termine o reino da publicidade, na realização do seu maior fantasma: não servir para mais nada, apenas para a promoção de si própria.

(...)

MENTIRA– *Não funcionou?*

OPTIMISTA (sem olhar para ela)– *Não.*

MENTIRA– *O que é que correu mal?*

OPTIMISTA– *Não sei... elas não me ouviram ou não perceberam!*

MENTIRA (puxando de um bloco e de uma caneta)– *Mas porquê? As pessoas não estavam preparadas?*

OPTIMISTA– *Não, acho que não é isso... elas estão preparadas-*

MENTIRA– *Então foi o seu discurso que foi desadequado? Não soube mobilizar as pessoas! Ou elas simplesmente não se interessam? É isso que está a dizer?*

OPTIMISTA– *Não, não é isso, elas interessam-se-*

MENTIRA– *Então o que está a dizer? O que é que conseguiu dizer a estas pessoas? Que mensagem passou?*

OPTIMISTA– *A mensagem foi...*

MENTIRA– *Nenhuma, não é? Não houve qualquer comunicação. Só violência!*

OPTIMISTA– *Não, aqui não houve violência...*

MENTIRA– *Esta questão tem alguma coisa a ver com esta comunidade? Quantas pessoas tem de facto este movimento? Sabe? Não sabe? Ou não quer dizer? Sabe e não quer dizer? Quer dizer mas não sabe? Ou não sabe e não quer dizer?*

OPTIMISTA– *Eu acho que...*

MENTIRA– *A verdade é que hoje não conseguiu mobilizar ninguém, certo? Não houve nenhuma acção popular de protesto!*

OPTIMISTA (resignado)– *Não...*

(...)

A Mentira dança “La Mentira”, de Manu Chao, na praça, sujando o que Optimista foi varrendo.

*“Mentira lo que dice
Mentira lo que da
Mentira lo que hace
Mentira lo que va
Mentira la mentira
Mentira la verdad
Mentira lo que cuece bajo la obscuridad
Mentira el amor
Mentira el sabor
Mentira la que manda
Mentira comanda
Mentira la tristeza
Cuando empieza
Mentira no se va*

*Mentira, mentira
La mentira*

*Mentira no se borra
Mentira no se olvida
Mentira, la mentira
Mentira cuando llega
Mentira nunca se va
Mentira la mentira
Mentira la verdad*

*Todo es mentira en este mundo
Todo es mentira la verdad
Todo es mentira yo lo me digo
Todo es mentira porque será?”*

(...)

ORADOR— *A mentira adoptou o rebelde e o radical como conceitos prêt-à-porter, esvaziando-os de sentido, transformando-os em arquétipos inócuos, em caricaturas.*

Escoou as palavras que a podiam magoar.

O Local

Em Londres, numa varanda do Royal Court, falámos com Ramin Gray acerca do que é fazer e escrever teatro em diferentes partes do globo. Quais as diferenças, quais as semelhanças mas também o que é que se escreve e representa. Ramin Gray era a pessoa ideal para esta discussão, não só porque faz parte de um painel que recebe e lê peças de todo o mundo enviadas para o Royal Court, mas também porque já tínhamos trabalhado juntos, na altura em que encenámos uma peça de Gregory Motton, e sabíamos que tinha uma posição crítica acerca da exportação do modo inglês de fazer teatro. No meio da conversa surgiu a ideia de Local por oposição a uma universalidade que parece estar na moda e que, muitas vezes, pouco ou nada tem a ver com uma necessidade real dos artistas.

RAMIN GRAY— *O problema de ser local é que ninguém o quer ser. Toda a gente quer ser internacional... E isso leva-nos ao início desta conversa, não é? Falámos de fronteiras... E nós gostamos de fronteiras, não gostamos?*

TODOS— *Sim...*

RAMIN GRAY— *E gostamos de “local” e “particular” e “específico”, não é verdade?*

(...)

É óbvio que se formos a um país como a Índia ou o Uganda ou a Palestina... é totalmente diferente. Quer dizer, não existe nenhum ponto em comum porque as tradições de escrita teatral nesses locais são muito diferentes. A cultura é muito diferente. É o mesmo que conhecer um indiano e um ugandês... nunca os confundirias. Já na Europa e na América as coisas são diferentes... podemos ler uma peça espanhola e uma grega e já não ver a diferença. Principalmente porque muitos escritores utilizam o modo de escrever inglês como modelo— porque se produzem muitas peças em Inglaterra— e às vezes são versões do modo como se julga que os escritores ingleses escrevem. Se acham que escritores como a Sarah Kane ou o Mark Ravenhill estão a escrever coisas violentas e chocantes... eles não escrever peças violentas e chocantes com sexo explícito. E às vezes torna-se difícil saber se é uma imitação grega de uma peça inglesa ou uma imitação espanhola de uma peça inglesa...

CARLOS COSTA— *Mas achas que eles fazem realmente isso ou fazem-no porque têm a mesma idade da Sarah Kane e partilham os mesmos problemas?*

RAMIN GRAY— *Bem, alguns dos escritores dizem coisas como: Adoro o “Shopping and Fucking” do Mark Ravenhill e o “Closer” do Patrick Marber ou o “Blasted” da Sarah Kane... Eles conhecem essas peças! Por isso não é como se de repente começassem a escrever assim. Na Índia não escrevem peças assim... porque não as conhecem, não as leram. E também porque as condições sociais na Índia são muito diferentes das inglesas. E depois há escritores como o Jon Fosse, que para mim é um escritor contemporâneo muito importante, que não tem nada a ver com a tradição teatral britânica, e que escreve sobre aquilo que sabe e se passa em Bergen na Noruega. É muito específico e muito local. É como um queijo raro que só existe num sítio... todos o descobriram e acham especial. E ele faz algo diferente da cena britânica. Eu trabalho no departamento internacional e tivemos uma ligação importante com um grupo alemão que tinha um pequeno teatro em Berlim onde fizemos muitas leituras das nossas peças, e agora há uma nova geração de escritores alemães que fazem aquilo a que se chama “peças de esperma e de sangue”.*

CATARINA MARTINS— *Eles dizem isso de si mesmos?*

RAMIN GRAY— *Os críticos é que dizem isso. Dizem que eles escrevem segundo o modelo britânico dos “novos brutalistas”! Estão a ver? Há um movimento internacional que teve início em Londres e podemos ver essa influência de uma forma muito clara.*

CATARINA MARTINS— *E o que é que tu achas disso?*

RAMIN GRAY— *Acho que é triste. Acho que as pessoas deviam ter a sua escrita própria e local. Local é uma palavra brilhante e não pode desaparecer do teatro. Aparecerem coisas simultâneas é ótimo e interessante, mas tem de ser por acaso e não um objectivo em si ou uma celebração.*

Dias mais tarde, já em Paris, confrontámos Joseph Danan com esta ideia da necessidade de ser “local” para assim atingir uma universalidade, lembrando as palavras de Gregory Motton que garantia que se descrevesse a sua mãe ao pormenor estaria a descrever todas as mães do mundo:

JOSEPH DANAN— *Se queremos ser universais, temos grandes probabilidades de nunca conseguirmos, porque é uma abstracção. Mas se falarmos daquilo que conhecemos bem, do local... isto serve não só para o plano social mas também para o plano do íntimo: se falarmos de nós mesmos, temos todas as hipóteses de atingir uma universalidade que nem sequer procurávamos ou premeditámos. Para falar de si ou do mundo, o escritor descarta-se de tudo o que é anedótico, pitoresco; o escritor tem uma intuição e sabe que há coisas que não são interessantes e talvez seja isso que faz a diferença.*

Esta discussão sobre o Local não se resumiu ao papel da arte. Foi antes o despoletar de uma reflexão sobre esta caminhada para a perda de identidade do indivíduo e das comunidades a que se assiste hoje em dia à força de uma globalização que, em vez de criar novos espaços, novas ideias e novas liberdades, dissolve tudo num mesmo caldeirão de descaracterização que leva à indiferença pelo outro e ao desinteresse pela comunidade. É tudo tão “internacional” e “acessível” e “fácil de adaptar à nossa realidade” que essa realidade deixa de ser a nossa para passar a não ser de ninguém, como ilustrámos no espectáculo “Orla do Bosque”:

MENTIRA (guardando o bloco e a caneta)– É agora qual é o próximo passo?

OPTIMISTA (virando-se para ela)– Vou... falar com as pessoas...

MENTIRA– Como?

OPTIMISTA– Indo a casa delas se for preciso.

MENTIRA– Bater de porta em porta? Mas isso nunca mais acaba! Há meios mais rápidos, mais abrangentes e mais eficazes, sabias?

OPTIMISTA– Mais rápidos? Como?

MENTIRA– Mails. Uma cadeia de mails.

OPTIMISTA– Correio electrónico? Se calhar... não, não, isto é um problema local, quem é que quer saber disto fora daqui?

MENTIRA– Local? Nada é local. Tu tens de sair dos limites desta terrinha pequena e onde ninguém te compreende. Tens de arranjar interlocutores a sério. Mete o pepino na net.

OPTIMISTA– Achas?

MENTIRA– Claro! Num instante chegas a milhares de pessoas em todo o mundo. Aqui não te ouvem, tudo bem. É preciso uma certa distância para compreender o problema; as pessoas daqui estão demasiado próximas, conhecem-te há anos, não te vão ligar nenhuma. Amanhã há um tipo em Los Angeles, outro na China e outro na Austrália, todos preocupados com o pepino. É tão fácil!

OPTIMISTA– Se calhar tens razão... basta escrever... uma cadeia de mails!

MENTIRA— Claro! Não precisas de sujar tudo, nem dar cabo da roupa... fazes tudo do escritório. É barato e chega a todo o lado! Vais ver, as pessoas envolvem-se em qualquer treta que venha por mail!

OPTIMISTA (já a falar consigo próprio)— É isso. É uma bela ideia. Acho que vou começar a tratar disso. Só preciso de escrever a mensagem... se calhar até podia escrever em inglês...

A Uniformização

No início deste projecto tínhamos falado de Fronteira como a marca de uma diferença que assusta, que ameaça e nos põe em causa. Quando iniciámos esta viagem preparámo-nos para encontrar o “lado bom” da fronteira. Partíramos à procura das diferenças que nos reforçariam a nossa ideia de identidade e o sentimento de sermos portugueses antes de sermos europeus, nesta grande casa que se quer cada vez mais comum.

Em Inglaterra, quase no final da viagem, Gregory Motton dava o nome de Mentira a esse inimigo invisível da criatividade e da individualidade, mas ia ainda mais longe: acusava os interesses económicos de tentarem apagar as diferenças para assim vender mais. Tornar Londres igual a Berlim, igual a Lisboa, igual a Nova Iorque. Ter os mesmos produtos em todas as lojas e as mesmas lojas em todos os sítios. Dar destaque à criança exigente e infantilizar o adulto. Ditar a moda, que tanto pode ordenar que sejamos *punks*, desportistas ou... galinhas, porque não? Nivelar idades, gostos e nacionalidades. Para assim nos transformar em melhores consumidores.

E era inquestionável que encontrávamos os mesmos *franchisings*, os mesmos *outdoors*, as mesmas afirmações de “Sê tu próprio— usa o que todos os outros usam!” por todo este bocado de Europa que atravessámos.

Gregory Motton expressava assim uma revolta que encontramos em “Fight Club”, a obra de Chuck Palahniuk que transforma a consciência do jovem adulto consumista e narcisista dos nossos dias num *alter ego* simultaneamente assustador e sedutor, acutilante na sua exposição da Mentira:

TYLER DURDEN— *Sabes o que é um édredon? É um cobertor. Não passa de um cobertor. Sabes porque é que pessoas como tu e eu sabem o que é um édredon? É alguma coisa de essencial para a nossa sobrevivência, enquanto caçadores-recolectores? Não. Então que raio somos nós? Consumidores. Somos produtos derivados da obsessão de um estilo de vida. Assassínio, crime, pobreza— nada disso me importa. O que me importa são revistas de personalidades, televisões de quinhentos canais e ter o nome de um gajo qualquer escrito nas cuecas. Rogaine. Viagra. Olestra.*

(...)

Eu proponho nunca nos sentirmos completos. Eu proponho pararmos de ser perfeitos. Proponho que evoluamos. E o que tiver de ser, será.

A uniformização não fora tema espectáculo “Estudos”. Mas na construção do Estudo n.º3, o fantasma de uma globalização económica que ignora os mais básicos valores humanos e a acção uniformizante dos média marcavam já presença no discurso da personagem da empresária:

EMPRESÁRIA— *Eu não podia concordar mais consigo. Nada me revolta mais que a incapacidade de certas pessoas, algumas até com grandes responsabilidades, de olhar à volta. E é por isso que defendo que a verdadeira resolução dos problemas passa por uma visão de conjunto que permita um desenvolvimento sustentado. Mais, salta à vista que hoje, com a globalização, não é possível agir sem essa visão de conjunto. A verdade é que a globalização faz aumentar a riqueza de tal modo que os países pobres já podiam estar bastante melhor. E o desenvolvimento desses países é também do interesse dos países ricos que precisam deles como mercado e os deviam ajudar. Claro que há outros problemas: os países pobres não são solidários entre si, não ajudam, há imensa corrupção... e nem sequer sabem ser manbosos. (pausa) Por exemplo, a nossa área de influência estende-se hoje aos quatro cantos do mundo. Já operamos em três continentes e estamos a tomar medidas para chegar à Ásia, o grande continente do futuro...*

HERÓI— *Ásia?*

EMPRESÁRIA— *Sim, a Ásia. Dentro de cinquenta anos a Ásia deve ter cerca de metade da população mundial. É um imenso mercado.*

Silêncio. Mal estar.

EMPRESÁRIA— *Eu sei que as pessoas ainda têm uma certa dificuldade em aderir a este tipo de discurso. Em perceber o que está realmente em causa. Se bem que mais tarde ou mais cedo, as pessoas acabarão por compreender. Aliás, é inevitável.*

(...)

HERÓI— *Tudo isto me incomoda porque eu sei que há pessoas verdadeiramente excepcionais a quem ninguém liga nenhuma, que ninguém conhece. São essas pessoas que deviam estar agora a ter atenção. Eu conheço um homem que nasceu numa aldeia perdida no meio do deserto, depois foi para fora, fez a sua vida, e anos mais tarde voltou para tentar salvar a aldeia. E sabe porquê? Porque há uma duna gigante que está a avançar na direcção da aldeia e que a vai devorar. Vai desaparecer*

tudo, é como se nunca tivesse existido. E ele está lá a tentar sozinho parar aquela duna. A plantar palmeiras que segurem as areias. Ou seja, pessoas que diariamente...

EMPRESÁRIA— Onde?

HERÓI— Como?

EMPRESÁRIA— Onde é que disse que fica essa aldeia?

HERÓI— No Norte de África. Mas quem diz este...

EMPRESÁRIA— E como é que se chama?

HERÓI— O homem?...

EMPRESÁRIO— Não, a aldeia. Mas o homem também. (estende-lhe papel e caneta)
Escreva aí o nome das duas coisas.

Herói pega no papel e na caneta.

EMPRESÁRIA— Escreva, escreva...

Herói escreve.

EMPRESÁRIA (tirando-lhe o papel) — *Eu trato disto. Este homem vai ser ajudado, já a partir de amanhã. Nós vamos tratar disto. Nós já temos muitas meias no Norte de África. Pomos lá as palmeiras que forem precisas num instante. Aliás, o deserto tem imensas potencialidades de investimento que muitas vezes são descuradas. E quem diz palmeiras diz tamareiras, não é?... Ou outras árvores de fruto que se possam organizar em pomares. Isso depois vê-se no terreno. O que interessa é resolver o problema, não é? Parar a duna! E de uma coisa pode ter a certeza: o seu nome vai ficar para sempre ligado a isto.*

Descobriríamos em viagem que os nossos convidados não eram alheios ao avanço dos tentáculos deste “polvo” do poder económico e à sua acção niveladora. Em Itália, na Grécia e na Bélgica íamos recolhendo os indícios da sua preocupação, ao mesmo tempo que, um pouco por todo o mundo, milhares de pessoas se preparavam para se manifestar em Génova contra a globalização.

CARLOS COSTA— *Acha que o futuro vai ser o fim de tudo o que é diferente?*

THEO ANGELOPOULOS— *Eu acho que vai ser a uniformização. Acho que é isso que sentem os jovens que reagem em Seattle contra a globalização, é o medo da*

uniformização! A tentativa de fazer clones geneticamente, por exemplo, é outro pesadelo.

CARLOS COSTA— *Mas é sempre difícil encontrar um equilíbrio entre esse medo da uniformização e a necessidade de ligar as pessoas, encontrar caminhos comuns...*

THEO ANGELOPOULOS— *Mas eu penso que a diferença das civilizações, na Europa, é uma riqueza! É uma riqueza para o continente. Se não a tivermos, é uma parte da riqueza da civilização europeia que se terá perdido.*

(...)

NUNO CASIMIRO— *A rua com todas as lojas de roupa, que vem da estação de comboios, é igual a uma que temos no Porto.*

SARA DE ROO— *É igual a uma que há em todo o mundo*

(...)

ANDREA GAMBETTA (COOPERATIVA EDISON)— *Esse é um problema complicado, que se liga às enormes possibilidades que os media têm e à grande responsabilidade que tem quem os usa. Este grande potencial que têm cai, finalmente e na maioria das vezes, na massificação. Ou seja, ele não tende a levar propostas concretas a um nível mais elevado, mas a um “achatamento”. Isto é uma coisa muito perigosa.*

Devo dizer também que está a mudar lentamente a formação das pessoas. Por exemplo, uma criança que antes brincava com as outras, jogava à bola, etc., convivia desde logo com um conjunto de regras de grupo a que estava obrigada e debatia-se com a necessidade de relacionamento com os outros. Um rapaz que hoje, porque os pais não têm tempo, é posto à frente de um televisor a ver desenhos animados ou joga com o game-boy, não terá estas coisas. E quando finalmente for obrigado a relacionar-se com os outros, isso será mais difícil.

Penso que a consciência deve levar-nos a fazer escolhas, e é isso que distingue o homem do animal, a capacidade de escolher, mas sei que é difícil. Quero dizer, eu não tenho filhos mas não deve ser fácil; a partir do momento em que todos os outros têm game-boys, o teu filho fica a ser o diferente porque é o único que não tem, é uma outra “quetização”.

Depois é uma questão de, ao atingir um mínimo de maturidade, oferecer-lhe estímulos diversos... esta foi uma das coisas que me levaram a trabalhar de um certo modo, eu ensinava computação gráfica numa altura em que ainda havia pouco disso e se tivesse dedicado a minha vida a isso hoje seria ainda mais rico. Mas não era o que mais me interessava, interessava-me partilhar com outros um

*projecto que mais tarde, felizmente, veio a dar resultados positivos.
Também se perdem grandes batalhas.*

*O colapso da ideologia está ligado a uma série de pontos de referência
que eram importantes e que agora... agora estão na moda valores
ainda mais simples: um carro grande, roupa bonita, os sítios que se
frequenta... e que definem se estamos in ou out.*

*É lógico que é uma espiral perigosa, até porque não é um problema
europeu mas um problema planetário. O facto de 90% da energia ser
utilizada num quinto do planeta... é difícil partilhar esta riqueza
entre todos, há gente rica porque há outra gente pobre... mas dizer
estas coisas não está muito na moda hoje em dia.*

Um pouco por todo o lado parecia existir a consciência de que um estilo de vida vazio de valores e pleno de mensagens publicitárias contraditórias se impunha pela força dos interesses económicos. Mas quão longe estamos de cairmos nas malhas dessa manipulação comercial? Até que ponto já nos deixámos arrastar para uma existência estressada que nos apaga os sonhos, o desejo, a intimidade?

Enquanto fazíamos a nossa viagem, circulava por correio electrónico uma lista de “Sintomas de viver no ano 2001” e, entre eles, lia-se:

*“Nunca jogaste solitário com cartas verdadeiras
Tens uma lista de 15 números (de casa, do escritório, de telemóvel, do bip) para ligar a
toda a família composta por 3 ou 4 elementos
Falas várias vezes com uma pessoa de Londres, Paris ou Nova Iorque, mas este mês
ainda só disseste ao teu vizinho “olá” e “adeus”
A maioria das anedotas de que te tens rido ultimamente chegaram-te por e-mail
É noite quando entras e saís do trabalho, mesmo durante o Verão
O buffet das reuniões (bolachas e café) faz parte da tua dieta equilibrada
“Férias” é um termo que conheces bem porque é aquilo que sempre adias para o ano
seguinte
Enquanto foste lendo esta lista ias admitindo que sim e ainda estás a sorrir
Estás a pensar em reenviar esta lista para todos os teus amigos ou conhecidos.”*

Percebemos que a nossa opção de fazer arte hoje se ligava também, como no caso de Andrea Gambetta, à recusa desse mundo materialista onde se formam melhores consumidores e, conseqüentemente, piores cidadãos. Mas percebemos também que “falar destas coisas não está na moda”; só não tínhamos a certeza se isso se devia a uma recusa actual de qualquer tipo de radicalismos ou, mais uma vez, à acção insidiosa da Mentira, que é quem, a cada momento, dita o que está na moda.

JOSEPH DANAN— *Penso que não devemos ser pessimistas. Eu também, há vinte anos, diria o mesmo sobre a americanização do mundo, mas isso tem a ver também com as minhas reservas em relação à ideia de Europa. O que é a Europa? Não será, também, um pouco a América? É uma cultura ocidental muito marcada pelos Estados Unidos!*

Hoje eu não seria assim tão radical como Angelopoulos. Claro que há alguma verdade no que ele diz, há uma grande parte de uniformização. Encontrei em Munique, em algumas cidades de Espanha e Itália, ruas que se assemelham, lojas iguais... o poder económico é tal que em todo o lado encontramos nas lojas os mesmos produtos. Em Dezembro estive em Évora e comprei uma prenda para a filha de um amigo, fiquei muito contente e depois descobri que era italiana! Fui a Portugal comprar uma prenda italiana para levar para Paris! É difícil encontrar algo verdadeiramente português.

Mas, apesar desta uniformização evidente, cada país mantém paralelamente uma cultura própria. Veja-se a culinária, a arquitectura... é verdade que há uma tendência para a uniformização da arquitectura, por exemplo. Há o risco de estarmos apenas a preservar a cultura do passado, claro. A arquitectura é a do século anterior, a culinária é uma tradição que se mantém, melhor ou pior, apesar da McDonald's... talvez. Temos que preservar, mas é um pouco desesperante pensar que, na verdade, só estamos a fazer museus, protecção do passado.

Se calhar cabe-nos a nós, enquanto artistas— isto é interessante, talvez seja, no fim de contas, o sentido profundo do vosso projecto— estar ao mesmo tempo abertos para a cultura dos outros países, estar atentos ao que se faz lá fora, e atentos às nossas singularidades... mas não sei. À medida que vos falo dou-me conta de como esta uniformização está em marcha. Este é o paradoxo: temos vontade de nos abrir aos outros, mas o risco é que, no fim, tudo fique parecido. Mas se for assim, porque não? Se chegarmos a um ponto em que cada país guarda o seu passado e tenhamos uma cultura europeia, se esse for o movimento da História, porque seria isso assim tão mau?

Mais uma vez era interessante ver como, para um mesmo tema de debate, uma preocupação comum, as reacções variavam tanto entre os convidados. As nossas notas acabariam por reflectir estas diferentes posturas face aos eventuais perigos da homogeneização.

“Não deixa de ser interessante comparar as perspectivas destes dois gregos acerca do tempo em que vivemos.

Para Theo Angelopoulos, imerso na sua Atenas barulhenta e poluída na qual diz sentir-se um estrangeiro, dividindo o seu tempo entre a Grécia que filma e o estrangeiro que o solicita, para este homem melancólico que diz não ter casa, a Europa (como, aliás, o resto do mundo) está num caminho descendente, numa “fase de trevas”, onde o capitalismo exhibe a sua arrogância, onde o lado utópico, sonhador, lúdico dos homens vai sendo substituído pela busca do conforto fácil e as diferenças entre pessoas e populações vão-se esbatendo e dando lugar a uma massa mais ou menos homogénea.

Para Thomas Liolios, vivendo na calma da verdejante Véria mas vizinho próximo dos conflitos balcânicos, preservando as tradições da região grega da Macedónia e convivendo com a nova República da Macedónia cujo nome se recusa a reconhecer, tentando através de uma programação cultural variada seduzir os jovens adultos a fixarem-se na sua terra natal, para ele este é um bom tempo, uma oportunidade única de paz e debate para a construção de uma Europa harmoniosa e rica de diversidade, uma época privilegiada para preparar uma nova consciência de humanidade e de vida conjunta. A verdade está no meio? Vivemos num tempo de fio de navalha, num tempo de fronteira?”

Notas de viagem/Véria, 18 de Maio, **Ana Vitorino**

“Com um pé no Oriente que lhe fala de comunidade e um pé no Ocidente que defende o indivíduo, Thomas fala de relação como a chave para tudo. Acredita que este é um momento chave, o período em que tudo pode acontecer, e podemos caminhar para uma vida conjunta com as fronteiras nos sítios certos— aquelas que dizem que todos são especiais mas não nos separam. Quando ele fala, a uniformização é um monstro com cara de império decadente, quase a ser substituído por uma pauta de música bizantina onde se marcam as relações entre as notas e não há lugar para valores absolutos quando se está só.”

Notas de viagem/Véria, 18 de Maio, **Catarina Martins**

“O Gregory não tem muita vontade de sair de casa, de deixar a família, de estar com muitas pessoas, de ver televisão... e tem todas as razões para isso. Ele não é radical, nem muito louco e muito menos anda a celebrar esta treta de mundo que nos impingem nos Big Brothers e séries de TV. Ele tem medo... e tem razões para isso. Ele não sabe para quem escreve ou até se alguém se importa. Diz que ainda é capaz de haver alguns heróis por aí, estão é escondidos. Na sua última peça aparece uma personagem que é Deus. O Deus do Gregory não tem nada de herói... tem medo, está cansado e receia que os Homens o compreendam mal. Satã faz o trabalho sujo por ele e ambiciona morrer. O Diabo que nos carregue.”

Notas de viagem/Londres, 31 de Maio, **Pedro Carreira**

“Danan pergunta-se se o imperialismo americano já não o assusta como assustava, porque nos últimos vinte anos percebeu que as diversas culturas europeias resistem, ou porque já foi ele próprio tão colonizado que já lê o mundo com olhos de outros. Parece-me é que é impossível responder-lhe. E o optimismo com que parece lidar com tudo isto atrai-me, mas assusta-me.”

Notas de viagem/Paris, 3 de Junho, **Catarina Martins**

Este espectro variado de reacções seria importante para a definição das personagens do nosso espectáculo final. Mas as diferentes expressões desta uniformização apareceriam claramente identificadas em “Orla do Bosque”:

ORADOR— *A nossa capacidade de distinguir sabores anula-se pelo consumo massivo da pasta homogénea que nos servem em diferentes cores mas sempre com o mesmo aroma.*

E é sempre bom sair, viajar para longe, mergulhar no exotismo das paisagens. Ter a certeza que o postal mostra as ruas típicas sem pedintes e que o hotel serve o mesmo whiskey que há lá em casa. E no fim, trazer aqueles sabonetes pequeninos. Para que todos saibam que estivemos ali...

(...)

A colonização acontece quando se quebram os símbolos e os elos que definem uma cultura. Eis a situação em que nos encontramos. Somos a primeira civilização na história da humanidade que se colonizou a si própria.

Não temos um âmagô que possamos amar.

Chegámos ao ponto em que é um acto de resistência ter uma família, educar filhos, fazer opções, desligar o televisor.

Neste espectáculo, a imagem mais clara da abolição da diferença nasceria de uma imagem de Gregory Motton, numa cena em que essa força que o autor britânico baptizou de Mentira prova a capacidade humana de anular o desejo e a dignidade na busca de uma aceitação fabricada.

Circundando a árvore, Miss Cool aproxima-se do centro da praça e pára. A sua figura é monstruosa; tem colocados uns enormes óculos escuros, dezenas de pulseiras chocalham-lhe nos pulsos, o cabelo está coberto de molinhas coloridas, uns chumaços desproporcionais distorcem a figura do seu tronco. Alheia ao seu aspecto ridículo, ela ensaia umas posturas sensuais. A Mentira entra e pára ao fundo a observá-la. Lentamente transforma a sua postura numa pose de galinha. Aproxima-se de Miss Cool com passos galináceos e pára ao lado dela. Miss Cool fica a olhá-la com estranheza.

MENTIRA— *Então, está tudo bem? Estás... esquisita.*

MISS COOL— *EU estou esquisita??*

MENTIRA— *O que é isso que tens vestido? Porque é que estás nessa figura? Já ninguém anda assim!*

MISS COOL (assustada)– *Ninguém? Mas ainda ontem... quer dizer, eu pensava que agora... como é que as pessoas agora andam então?*

MENTIRA– *As pessoas agora já não vão em modas. As pessoas agora afirmam a sua individualidade para pertencerem a uma comunidade. Já ninguém vai atrás do que eles dizem!*

MISS COOL– *Eles!?*

MENTIRA– *Sim, eles, esta sociedade que te castra! Tens que dizer não, tens que te afirmar!*

MISS COOL (começando a imitar o andar, precisa de tirar as pulseiras)– *Estou a perceber!*

MENTIRA– *Recusa este mundo fácil. Descobre o teu estilo, sem pressões. O pescoço assim. Procura lá no fundo quem és! Diz “Fui eu que escolbi!”*

MISS COOL– *Foste tu que escolbeste!*

MENTIRA– *Não, foste TU, foste TU que escolbeste!*

MISS COOL– *Fui eu que escolbi! (retira os óculos)*

MENTIRA– *Fui eu que escolbi! O queixo para cima. Sente o que estás a dizer!*

MISS COOL– *Estou a sentir!*

MENTIRA– *Mais alto.*

MISS COOL– *Estou a sentir! Estou a sentir a galinha que há em mim!*

MENTIRA– *Isso, afirma-te, ao princípio dói um bocadinho, descobre-te a ti própria. É a tua individualidade que interessa.*

MISS COOL– *A minha individualidade! (vai tirando do seu corpo os outros objectos que a enfeitam) Que fixe, quer dizer que anda toda a gente assim agora?*

MENTIRA– *Não é toda a gente, é a comunidade de pessoas que se preocupam. Isto não é mais uma moda, é uma revolução dos comportamentos!*

MISS COOL– *Sim!*

MENTIRA— *Isto não se pode imitar, tem de vir de dentro. Isso, descobre o TEU movimento. Experimenta este passo. Mas não me imites! Eu não estou aqui para mostrar nada, só aponto possibilidades.*

MISS COOL— *Este é o meu movimento natural! Meu e só meu!*

MENTIRA— *Isso! Afirma-te! Tu vestes o que és, escolhes o que vestes, és o que escolhes, escolhes o que és!*

MISS COOL— *Eu visto o que sou! São as minha penas! As minhas penas!*

MENTIRA— *Lindo. O novo mundo espera-te.*

MISS COOL— *O novo mundo espera-me! Isto não é uma moda, é uma revolução nos comportamentos.*

Miss Cool começa a afastar-se no seu novo passo de galinha.

MENTIRA— *Isso, vai, vai e toma o teu lugar no novo mundo.*

Parte IV

Criadores

Em Munique tínhamos encontro marcado com Leni Riefensthal. Infelizmente problemas de saúde terão impedido a cineasta, quase com cem anos, de comparecer.

Nas suas memórias Leni Riefensthal afirma, com aparente sinceridade, a surpresa e terror sentidos quando, durante o seu primeiro interrogatório pelas forças aliadas, foi confrontada com “umas fotografias horríveis. Figuras prostradas, que jaziam sobre catres e olhavam para a câmara desamparadas e com olhos imensos. E outras fotografias em que se podiam ver montanhas de cadáveres e esqueletos”.

Durante vários anos tinha sido próxima, íntima mesmo, do regime de Hitler, tinha visto os seus amigos judeus fugirem para o estrangeiro para evitar a reclusão em campos oficialmente destinados a prisioneiros políticos e espiões, tinha mesmo travado conhecimento com responsáveis por esses campos, indagando acerca do tratamento reservado aos prisioneiros, e ainda assim afirma convictamente que não sabia de nada. Esteve sempre ali ao lado e apesar de olhar afirma que nunca conseguiu ver. A cineasta que foi capaz de revolucionar a linguagem cinematográfica não foi capaz, ao contrário de outros artistas seus contemporâneos, de ver, ou pelo menos entrever, o que se passava na sua cidade, no seu país, no seu tempo.

Já em Londres, Gregory Motton confessava-nos estar a rescrever uma das suas obras. Trata-se de “Gato e Rato (Carneiros)”, uma feroz crítica social que o Visões Úteis levou à cena há alguns anos. Motton afirmava a sua desilusão com o efeito produzido pelo seu trabalho junto do público. Dizia que a sua escrita, apesar da qualidade literária que ele próprio reconhece, já não atinge as pessoas, pois estas não percebem onde ele quer chegar. Lamentava-se por os espectadores continuamente se divertirem mas não compreenderem. “Gato e Rato (Carneiros)” parece ter sido um exemplo limite pois Motton teve plateias cheias, com as pessoas que ele tentava ridicularizar; e estas, pensando que o ridículo deveria cobrir outros que não elas, riam-se do princípio ao fim do espectáculo, nunca percebendo que era delas que o autor falava. Desesperado, Motton tentava agora rescrever aquele texto de uma forma mais directa, de uma forma que possa ser compreendida pelo espectador, porque acredita que se não for capaz de

comunicar não será capaz de fazer arte. Porque a arte tem de ser um gesto de mudança, e se não o for não merece ser arte. Porque Motton quer agir sobre o mundo já hoje, quer agir sobre a sua época, não quer esperar um século ou dois. Gregory Motton é um artista e acha por isso que não pode esperar. A sua obra talvez pudesse, ele não.

Pensamos que estas duas vidas na arte— Riefenthal e Motton— sintetizam uma encruzilhada fundamental para os criadores do nosso tempo, e provavelmente de todos os tempos, pelo que importa optar e definir um caminho.

No Visões Úteis temos, desde sempre, apostado no desenvolvimento de formas que permitam ir ao encontro de soluções estéticas. Soluções estéticas que nos permitam continuar a trilhar o caminho da contemporaneidade, porque sabemos que quando isso deixar de acontecer— quando deixarmos de ser do nosso tempo— morreremos enquanto projecto artístico. E depois dessa morte pode continuar a existir espectáculo, negócio, animação cultural e até integridade, mas a verdade é que já não há arte.

Ainda assim temos a profunda convicção— e a convicção é algo substancialmente mais forte que a mera consciência— de que o nosso trabalho terá se orientar por uma clara definição ética que, inevitavelmente, acabará por modelar conteúdos.

Acreditamos que o artista não se pode desligar do seu tempo. Temos por isso de integrar no nosso trabalho um determinado estágio de desenvolvimento— económico, social, filosófico e civilizacional— que caracteriza a época que vivemos. Temos de assumir a História não só pela valorização do que passou— enquanto determinante do que se passa— mas pela nossa condição de agentes da mesma— enquanto determinantes do que se vai passar.

Acreditamos que o artista não se pode desligar da Pólis. Temos por isso de privilegiar simultaneamente a nossa singularidade e a nossa abertura ao mundo. Porque uma não existe verdadeiramente sem a outra. Só definindo rigorosamente a nossa identidade— aquilo que somos com os que nos são mais próximos— seremos capazes de ter algo para partilhar com o mundo, algo que o mundo queira, e precise, realmente partilhar. Só olhando para lá dos limites apertados do nosso quotidiano— aquilo que pensamos ser— seremos capazes de perceber verdadeiramente quem somos e porque somos.

Teremos de ser únicos para podermos aspirar a ser universais. Por isso recusamos a criação de belos espectáculos que tanto pudessem ter sido criados por nós como por artistas de Nova Iorque ou Tóquio. Pelo contrário, ficaríamos imensamente felizes se conseguíssemos criar um espectáculo tão nosso que pudesse comover um espectador de Nova Iorque ou Tóquio.

Acreditamos que o compromisso assumido com o tempo e a Pólis exige uma recusa de qualquer tipo de comprometimento com o poder. A arte trata de abrir possibilidades, o poder trata de definir caminhos. São dois momentos necessários que afastam, respectivamente, a ignorância/barbárie e a inércia/desresponsabilização. Necessários mas conflituantes pelo que não pode haver comprometimento. Porque só assim o artista poderá reivindicar novamente o papel que outrora lhe coube e agora parece estar confiado a políticos, banqueiros, engenheiros, investidores e programadores— o papel que só pode ser assumido por quem tiver a credibilidade reservada àqueles que pensam o tempo e a Pólis. Só em liberdade a arte será capaz de produzir, através do sonho e da interacção humana, uma verdadeira mudança espiritual.

Afinal sempre era verdade que não viajávamos apenas para ir ter com os outros. Tínhamos percebido, e iríamos dizê-lo no espectáculo “Orla do Bosque”, que viajávamos para ir ter connosco:

ORADOR— *A arte é um acto de resistência, que devia celebrar a vida. Mas hoje não há nada para celebrar. Celebrar é fazer parte da Mentira. E ainda assim temos de fazer arte. Não é brilhante, é o mundo que temos.*

O Optimista varre os grãos de milho espalhados pela cena, criando um trilho. Miss Cool vê o trilho de milho, avança para ele e começa a apanhar os grãos um a um. Optimista vê-a, larga a vassoura e põe-se a apanhar também. Fight vê-os, larga os sapatos e fica sentado a comentar a cena.

FIGHT— *Dois grãos de milho que ficaram para trás. Perdidos para sempre.*

Miss Cool e Optimista olham-se e continuam a apanhar os grãos.

FIGHT— *Os olhos dele derramaram searas... não, searas não... / Os olhos dele verteram lágrimas amarelas... azuis como grãos de milho. Não... / Os olhos dele verteram lágrimas azuis como grãos de mar. Marco e Inês.*

Miss Cool e Optimista começam a apanhar os grãos mais depressa. E de vez em quando trocam olhares.

FIGHT– *Por este andar nem amanhã... / Por este rastejar nem amanhã*

Miss Cool tenta medir com a perna a distância que a separa do Optimista. Optimista sorri do gesto dela. Continuam a apanhar grãos e a trocar olhares.

FIGHT– *Ri-te, ri-te que amanhã chorarás! / Sorri-te!... / Sorrite: doença infecciosa do foro auditivo com sintomas de riso descontrolado e desejo súbito... Súbito... / Súbito: Mamífero de climas tropicais.*

Miss Cool e Optimista arfam sorrisos enquanto apanham grãos, continuando a trocar olhares.

FIGHT– *Pôncio/ Arfar/ Ao/ Respirar/ Ao/ Inspirar/ Ao/ Expirar/ E/ Engolir ar/ Sem/ Sofregar/ Ou/ Suspirar/ Mas/ Murmurar*

Miss Cool começa a suspirar como se dissesse “Está quase”. Continuam a apanhar grãos e a trocar olhares.

FIGHT– *Está quase/ dizia ela enquanto suspirava de uma mão e deitava tudo a perder pela outra/ Schiu!– disse ele enquanto.../ Reticências/ André.*

Fight assobia “Somewhere over the rainbow” e a sua atenção passa dos outros dois para a árvore por cima de si.

ORADOR– *Se cada um de nós tiver um dólar e os trocarmos, cada um de nós ficará com um dólar. Se cada um de nós tiver uma ideia e as trocarmos, cada um de nós fica com duas ideias.*

Orla do Bosque

“E por fim é a própria voz de Thomas Liolios que canta e me transporta a Véria, àquele dia em que, na escola de Aristóteles, ele fez a pergunta que agora se torna premente: “Estar aqui... deu-vos alguma ideia para um espectáculo?””

Notas de viagem/Porto, 5 de Maio, **Ana Vitorino**

Estamos em casa. Na bagagem, cerca de dez mil quilómetros de paisagens, sons, conversas, sabores, um mundo de estímulos, algumas respostas e muitas perguntas.

Olhamos para trás e parece que “Estudos”, o espectáculo que constituiu a primeira fase deste projecto, está a anos de distância. É agora muito claro que os temas iniciais, que aflorámos nesse espectáculo e levámos posteriormente para a estrada, sofreram um terrível abanão. Alguns caíram, outros empalideceram, alguns afirmaram-se de um modo novo e gritante.

Quando partimos, levámos connosco a hipótese de que o espectáculo final deste projecto poderia afastar-se em muito dos pressupostos iniciais, resultando radicalmente diferente de “Estudos” em forma e em conteúdo. E de facto a viagem cumpriu a função que prevíamos, definindo prioridades temáticas, esbatendo algumas ideias enquanto reforçava (ou descobria no nosso interior) outras, ou seja, tornando muito claro não só de que é que o Visões Úteis pretendia falar nesse momento, mas também como e para quem é que o Visões Úteis queria falar.

Trouxemos desta viagem palavras novas, que não comprámos aos aldeões como o poeta que perdera a língua natal, mas que nos foram oferecidas limpas de enganos. “Casa”, “Língua”, “Comunidade”, “Mentira”, “Memória”. É como se as tivéssemos pronunciado mal durante anos. Percebemos então que uma questão premente para o nosso espectáculo seria a necessidade de recuperar a noção de comunidade, memória e casa como armas para combater a estupidificação que a Mentira hoje semeia quase imparavelmente. A desertificação do espaço público como espelho do imenso individualismo actual, o “ser local” (esse conceito “piroso”) como base de muito daquilo que nos define, a perda de dignidade e especificidade no caminho de nos tornarmos “melhores consumidores”, constituíram-se como temas prioritários.

Para trás ficavam outros temas como o do Herói (cuja desapareção entendemos como exemplo, suficientemente ilustrado em “Estudos”, da perda de ideia de comunidade e da acção da Mentira), o da Viagem (que foi em todo este processo mais um instrumento do que um tema) ou da Europa (que se restringiu ao papel de paradoxo dos temas abordados e como contexto das nossas preocupações e da nossa viagem). A própria noção de Fronteira alterou-se significativamente: tivemos consciência que seria mais importante agora falar daquilo que cria fronteiras benéficas, ou seja, da necessidade de procurarmos uma especificidade que nos define como comunidade para escaparmos à uniformização de sentimentos, desejos e identidades que se esconde sob a capa da apregoada globalização.

E se a questão da língua seria tema que não nos sentíamos ainda inclinados a tratar, a linguagem que o espectáculo assumiria foi uma preocupação central. A viagem deu-nos também essa noção da importância de, de vez em quando, sermos directos e chamarmos “os bois pelos nomes”, pelo perigo que a arte corre de ser lida erroneamente ou então desprezada como “elitista”. Se não acreditamos em nivelar por baixo ou simplificar para servir uma preguiça mental que se vai instalando, considerámos que “Orla do Bosque” deveria passar muito claramente as suas principais mensagens e assim criámos a figura do Orador e optámos por uma linguagem realista, facilmente identificável pelas suas expressões e pela sua construção simplista.

Também pela primeira vez definimos claramente um público claramente alvo do espectáculo. Queríamos falar à nossa geração, às pessoas com mais de vinte e cinco e menos de trinta e cinco anos, os chamados “filhos do meio da História, não temos nenhuma Grande Guerra nem nenhuma Grande Depressão” (“Fight Club”, Chuck Palahniuk). Sentimo-nos entalados entre duas épocas, uma época de luta por valores partilhados e uma época de total ausência de luta ou valores, novos de mais para preservarmos o “espírito de Abril” e velhos de mais para nos convencerem a entrar no mundo “cool” que os empresários fabricaram e a publicidade veicula.

Chegámos então àquele momento que anunciávamos há quase um ano: no fim, regressamos ao Porto e construímos um espectáculo em que os temas iniciais que nos fizeram partir são reequacionados à luz da experiência da viagem e dos contributos dos convidados.

A ideia é lógica e fácil de entender. A realização prática parece tão inimaginável como o fim do Universo.

E, no entanto, os últimos anos de trabalho dramaturgicamente em espectáculos que partiram de conceitos, de ideias de espaço, de poemas, de imensas coisas que não eram texto teatral estruturado, ensinaram-nos a não desesperar, a colocar todo o material na mesa e a lançar mãos ao trabalho. Sabemos que daí a três meses estaremos a estrear “Orla do Bosque” e que, nessa noite, já não conseguiremos recordar o dia em que nos sentámos à mesa e nos sentimos incapazes de imaginar este espectáculo.

Então... por onde começar?

Impunha-se uma revisão de todo o material filmado em viagem. As conversas foram abundantes em temas e também em pormenores que escapam aos ouvidos mais atentos quando horas e horas de estrada se acumulam. Muitas vezes, também, não houve o tempo necessário de, entre um encontro e outro, debater tudo o que tinha sido transmitido.

E, para além dos encontros, havia ainda todo o material “não oficial”, horas de filmagem da viagem propriamente dita, efectuadas pelos membros da equipa sem ordem, duração ou tema predefinidos.

O visionamento deste material permitiu, assim, relembrar assuntos, conceitos específicos, ordenar ideias e apontar situações e palavras-chave que organizassem a segunda etapa do trabalho: o período de improvisações.

O espectro dos temas abordados nestas improvisações foi, de início, muito alargado. Dezenas de pensamentos ou apenas expressões afloradas em viagem serviram de estímulo: “Se isso estivesse na moda, comportávamo-nos como galinhas”, “Tentas tudo para estar *in*, mas eles continuam a manter-te *out*”, “Vais tentar fazer um gesto de sacrifício pelo bem da comunidade”, “Vais deixar o lugar onde sempre viveste. Sussurra as memórias que queres guardar para um buraco no centro da praça”, “Eles são diferentes, vivem entre nós mas... temos de ser compreensivos.”, “Começas a tratar mal alguém porque sim.”, “Tenta organizar a tua vida, fazendo o que as revistas aconselham.”.

O material gerado pelas improvisações começou então a ser apontado, seleccionado e desenvolvido em cenas. Para chegar à sua forma final, cada cena foi improvisada vez após vez em moldes cada vez mais restritos, sendo rescrita de cada vez.

Assim, as cenas começaram a ser encadeadas e os elementos estruturais do espectáculo a ser definidos.

O ESPAÇO

Na operacionalização do espaço cénico levámos em conta um novo tema de reflexão fornecido pela viagem: a desertificação do espaço público como espelho de uma perda de noção de comunidade.

A imagem da Potsdamer Platz que visitámos em Berlim foi uma forte motivação. Pensámos em tudo o que nos dissera Nina Libeskind em relação a esse centro citadino construído à revelia da herança do passado e da vida efectiva dos seus habitantes, e assim ameaçado já de abandono. Pensámos também naquela chama que os gregos levavam da sua terra natal para fundarem novas cidades, como nos contara Thomas Liolios. E também no papel da Ágora, lembrado por Angelopoulos, local central de reunião, discussão e celebração das comunidades.

A ideia da praça deserta de vida, mero local de passagem, foi assim a primeira imagem. Mas queríamos que contivesse também a ideia de memória abandonada, de potencialidade de redescoberta de algo fundamental para os indivíduos e para a comunidade. Dotámos, por isso, esta praça de uma árvore despida de folhas ou frutos, um mero cadáver de árvore, de aparência pouco orgânica, quase metálica. As suas raízes estão parcialmente à vista e à volta delas vemos folhas secas. De três dos seus ramos pendem três baloiços de madeira e corda, que as personagens utilizarão na quase totalidade do espectáculo como meros bancos ou pontos de apoio.

Dos ramos da árvore pendem ainda dezenas de pequenas bolas transparentes, como bolhas de sabão. São recipientes de memórias, pequenas imagens dos passados individuais, nomes, pessoas, sabores, todos selados nestas esferas que parecem flutuar sob a árvore. Serão também ignorados durante quase todo o espectáculo.

A árvore moribunda das memórias, que marca o centro daquilo que poderia ter sido uma Ágora, é deslocada para a esquerda de cena, sendo o caminho que as

personagens atravessam incessantemente, cena a cena, o centro da acção e dos encontros entre elas.

Os limites deste espaço de acção são marcados por uma superfície de casca de pinheiro onde se distribuem as cadeiras dos espectadores, que se encontram deste modo inseridos no espaço cénico, distribuídos em dois grupos que o caminho das personagens separa.

AS PERSONAGENS

É nesta praça que se irão confrontar duas forças opostas, representadas pelas personagens do Orador e da Mentira.

A criação da figura do Orador correspondeu àquela necessidade que sentimos de ter uma voz que muito directamente expressasse os próprios temas do espectáculo e as nossas opiniões sobre eles. O Orador é, assim, a própria voz do Visões Úteis no espectáculo e um representante da função de denúncia que o artista pode ter na sua sociedade e no seu tempo.

Inspirada na figura dos membros do Partido Radical italiano, que encontramos em Milão em pleno “Parola Non Stop”, esta é a única personagem que não sai do espaço cénico, tendo nele um “cantinho” especial: está instalado no cimo de um capitel (destroço de uma qualquer construção antiga) e tem à sua frente um tripé com um microfone. Fala quase ininterruptamente. O seu discurso não é, no entanto, audível na totalidade— o orador é “silenciado” para que se oiçam as cenas, às vezes é mesmo interrompido pela voz de uma personagem. A sua acção é independente do desenrolar do espectáculo e a sua voz e presença não é visível para as personagens, à excepção daquela que entre elas representa a sua antítese, a Mentira.

A Mentira é aqui a personificação desse conceito a que Gregory Motton deu nome. Ela não é ninguém e assume um espectro variado de rostos, estilos e posturas. Adapta o seu discurso a cada situação e a cada vítima: ela é o cérebro por trás do *reality show*, a imagem de perfeição veiculada pelas revistas, o político que seduz com a sua emotividade fingida, o jornalista que deturpa a informação em nome do sensacionalismo. Ela aconselha, provoca, manipula, corrompe.

Impinge clichés, valores ocultos e meias verdades, é um espelho que nos devolve uma imagem distorcida e sempre diferente, até deixarmos de saber quem somos.

Move-se por este espaço como se também o habitasse e relaciona-se com as outras personagens como se fosse uma delas. E todos estão demasiado ocupados com os seus próprios egos para perceberem que ela muda de cara a cada momento, que ela não existe por si mas sim para os enfraquecer.

Estas vítimas cegas da Mentira são os três habitantes “reais” do espaço de acção.

A estas três personagens foram dados os nomes de “Optimista”, “Fight” e “Miss Cool”. Estes são nomes apenas gerados para organização de um guião de cenas, visto que nenhuma personagem se identifica ou é tratada pelo nome. Mas as designações correspondem àquilo que estas personagens representam no espectáculo: três modos distintos de reagir e viver neste império da Mentira.

O Optimista e o Fight representarão duas atitudes quase radicalmente opostas: o primeiro, como o nome indica, com uma postura positiva perante as adversidades e os grandes problemas, é um crente na capacidade de luta e transformação social, um homem que tenta desesperadamente agarrar-se a ideais e causas justas, mesmo se à custa de não lidar com a sua própria solidão; o segundo (cujo nome foi inspirado no filme “Fight Club” de David Fincher, baseado na obra homónima de Chuck Palahniuk) é um inteligente materialista, sarcástico perante tudo e todos, crítico da sua própria opção de vida mas incapaz de a transformar.

Miss Cool é a preferencial vítima da acção da Mentira; ela encerra em si toda a ingenuidade de uma geração que se deixa lentamente convencer pelas mensagens publicitárias, por valores distorcidos e politicamente correctos, por ideias feitas e metas inalcançáveis. O seu objectivo: ser aceite, agarrar o momento.

Infelizmente estas personagens não têm acesso ao discurso do Orador e limitam-se a sofrer e a reagir desadequada e inutilmente às acções subversivas da Mentira. E é este ataque, esta espiral destrutiva, que desenhará a acção da peça.

A ESTRUTURA

No início de “Orla do Bosque” encontramos a praça, outrora Ágora, vazia. Aos poucos ela enche-se de vozes gravadas e depois de personagens que entram silenciosamente, uma a uma. O Orador toma o seu lugar ao microfone. Os outros juntam-se ao centro, assumindo os seus postos numa brincadeira de crianças. O jogo começa. Começa o discurso do Orador. E começa a acção da Mentira que está já infiltrada no grupo, sabotando o jogo, criando a impossibilidade desta actividade a quatro que não tem outro propósito que não o da diversão. É quase um resquício de infância, de comunidade, aquilo que observamos. A partir daí o mal está feito; o jogo é subitamente interrompido pelo clímax de uma raiva cega que cresceu, sem se saber como, no seio do grupo. As personagens estão condenadas a separar-se e a atravessar em solidão o caminho de enganos que a Mentira traçará para elas.

Este caminho é feito de situações que a Mentira prepara ou provoca, manipulando cada personagem (falando a linguagem que melhor seduzirá cada uma), conseguindo progressivamente isolá-las, distanciá-las umas das outras e retirar-lhes as referências, baralhar-lhes os valores e as crenças. Fabricando miragens de objectivos cada vez mais difíceis de atingir, a Mentira vai expondo e humilhando as personagens num crescendo de ridículo que culmina finalmente num *reality show* onde “o público votará aquele que de entre vós for o menos divertido, e essa pessoa será imediatamente abatida”. As personagens deixam-se enredar num jogo paradoxal entre a morte provável e a necessidade de mostrarem uma ininterrupta vivacidade: cantando e dançando pela sobrevivência, utilizando-se mutuamente como escudos, atingem o grau zero da dignidade e da humanidade.

São interrompidas pela voz gravada de Tonino Guerra que grita “Basta!” e são subitamente confrontadas com o absurdo a que se deixaram chegar pela pergunta do Orador: “Se morresses agora, o que é que pensavas da tua vida?”.

No meio da devastação emocional que resta, os olhos das personagens caem pela primeira vez sobre os estranhos frutos que pendem da árvore, as “bolhas” de memórias. Levadas pela curiosidade, as vítimas da Mentira colhem e abrem todas as bolhas, de onde se vão soltando pedaços de memória que elas têm dificuldade em identificar mas gradualmente vão recuperando— nomes, imagens, sabores de

infância, emoções sepultadas, brincadeiras de criança. As memórias viciam e despoletam reacções espontâneas. As personagens regressam lentamente à genuinidade inicial. O Orador observa pela primeira vez a cena; parece, afinal, haver esperança para aquelas pessoas. Decide desligar o microfone e sentar-se, recuperando do desgaste provocado pelo seu longo discurso.

A Mentira observa também a cena e compreende que toda a sua acção está ameaçada por aquele recuperar de memórias que parece estar a trazer de volta a humanidade às personagens. Decide assim jogar a sua última cartada: assumindo o lugar do Orador ao microfone, “partilha” uma memória tocante, habilmente fabricada para lhe dar esse aspecto tão humano de drama de telenovela (de facto baseada no texto “íntimo” que Silvio Berlusconi escreveu sobre o seu pai para a sua campanha eleitoral). A hipocrisia atinge o seu expoente máximo.

O Orador toma finalmente a acção nas suas mãos e dispara sobre a Mentira. A Mentira vacila; pela primeira vez alguém tenta enfrentá-la e isso fá-la perder o controle durante uns segundos e sair do seu papel. É o suficiente para a hipocrisia ficar exposta. A Mentira não morre, mas sofre a sua primeira ferida e deve repensar a sua estratégia.

O Orador afirma assim o papel do próprio artista que, através do seu trabalho, das suas reflexões e palavras, se não pode eliminar esta ameaça pode ao menos ajudar a denunciá-la.

A Mentira fecha os olhos e finge-se morta. O artista sabe que é uma calma temporária. Por isso mantém-se alerta, de arma em punho.

As personagens podem voltar às suas memórias... a última delas, presente desde o início, é a de andar de baloiço. Deixamo-las ali, a redescobrir essa brincadeira inútil e repetitiva, a rir sem razão aparente.

No fim, muito fica por dizer. O material “descartado”, as ideias que deixámos cair, os conceitos ou formas que não conseguimos ainda desenvolver. Mas esta viagem não cabe num espectáculo. Muitas das suas sementes estão ainda por germinar.

É material guardado num hangar à espera daquele dia em que nos deparamos com uma parede branca para então, aparentemente sem razão, sair e tornar-se teatro.

Índice

Prefácio.....	5
Introdução	9

Parte I

Capítulo 1 Raízes	13
Capítulo 2 Viagem	17
Capítulo 3 Europa	25
Capítulo 4 Fronteira	28
Capítulo 5 Estudos	31

Parte II

Capítulo 6 Na Estrada.....	41
------------------------------	----

Parte III

Capítulo 7 A Casa	67
Capítulo 8 A Língua	75
Capítulo 9 A Queda dos Impérios.....	83
Capítulo 10 A Comunidade.....	86
Capítulo 11 A Memória	91
Capítulo 12 O Pior Outro	96
Capítulo 13 O Politicamente Correcto.....	103
Capítulo 14 A Mentira.....	109
Capítulo 15 O Local.....	116
Capítulo 16 A Uniformização.....	120

Parte IV

Capítulo 17 Criadores.....	133
Capítulo 18 Orla do Bosque	137

Anexos “Estudos”	150
Anexos “Orla do Bosque”	151

Anexos

“Estudos”

18ª produção do Visões Úteis

Integrada nos Teatros do Outro da Porto 2001 – Capital Europeia da Cultura
Estreou a 19 de Abril de 2001 no espaço Maus Hábitos no Porto.

Concepção, dramaturgia e direcção: Ana Vitorino, Carlos Costa, Catarina Martins e Pedro Carreira

Banda sonora original, sonoplastia e operação de som: João Martins

Colaboração na cenografia: Paulo Soares

Figurinos: Sofia Matos Soares

Design gráfico: Vitor Azevedo/DeC

Interpretação: Alzira Matos; Ana Vitorino, Carlos Costa, Catarina Martins e Pedro Carreira

Voz Off: Diogo Dória

Produção executiva: Ágata Marques Fino

“Orla do Bosque”

19ª produção do Visões Úteis

Co-produção com o Teatro Nacional São João e Auditório Nacional Carlos Alberto no âmbito do PONTI e integrada na Porto 2001 – Capital Europeia da Cultura.

Estreou a 6 de Outubro de 2001 no Teatro do Campo Alegre no Porto.

Concepção, dramaturgia e direcção: Ana Vitorino, Carlos Costa, Catarina Martins e Pedro Carreira

Texto: Ana Vitorino, Carlos Costa, Catarina Martins, Nuno Casimiro e Pedro Carreira

Cenografia, figurinos e adereços: Paulo Soares

Banda sonora original e sonoplastia: João Martins

Música adicional: Manu Chao, Jorge Palma, Costas Bravakis e Michael Palin

Desenho de luz: José Carlos Coelho

Construção e montagem cenográfica: José Maria Calisto, Albano Martins, José Patacão, Alexandre Mota

Assistência de iluminação: Natércia Lopes

Design gráfico: Vitor Azevedo/DEC

Operação de luz: Natércia Lopes/António Pedro Soares

Operação de som: João Martins

Interpretação: Ana Azevedo, Ana Vitorino, Carlos Costa, Catarina Martins e Pedro Carreira

Produção executiva: Ágata Marques Fino

Visões Úteis

Companhia de teatro profissional fundada no Porto em 1994. Até 2002 produziu 21 espectáculos de teatro e um *audio walk*.

Entre 1994 e 1999 o seu trabalho foi dirigido pela necessidade de aprendizagem e absorção das mais diversas influências ao nível da encenação e da escrita. Nesse período trabalhou quase sempre com encenadores convidados (Paulo Lisboa, Paulo Castro, Carlos Curto, João Paulo Seara Cardoso, António Feio, Diogo Dória e José Wallenstein) e fizeram parte do seu repertório um vasto leque de autores predominantemente do séc. XX (Genet, José Gomes Ferreira, Dostoiévski, Boris Vian, Ionesco, Dacia Maraini, Gregory Motton, Martin McDonagh, Beckett, Kafka, Al Berto).

A partir de 1999 iniciou-se um novo ciclo de trabalho, orientado pela necessidade de pesquisa e laboratório tanto a nível formal como de conteúdo. Desde então têm predominado os trabalhos dirigidos pelos responsáveis artísticos da companhia e a criação dramaturgica ganhou especial relevo (seja na criação de textos originais, seja na abordagem a autores como Kafka, Tonino Guerra, Tchekov, Pirandello, Motton ou Bohumil Hrabal, seja no constante esforço de edição dos textos produzidos).

Desde a sua fundação que a actividade do Visões Úteis se desdobra ainda em diversos projectos paralelos à criação, apresentação e itinerância de espectáculos de teatro; esta diversidade traduz a necessidade de confronto com outras áreas artísticas— seja através da organização de encontros de criadores ou da produção de exposições e concertos— e com públicos normalmente distantes da produção artística— apresentação de espectáculos em estabelecimentos prisionais ou em pequenas localidades do interior, trabalho com crianças e jovens de áreas carenciadas. A mais recente vertente desta diversificação é o enquadramento dos novos processos digitais de criação, organização e difusão de conteúdos.

Ana Vitorino, Carlos Costa, Catarina Martins e Pedro Carreira são os directores artísticos do Visões Úteis. Nasceram entre 1969 e 1973 na Guarda, no Porto e em Setúbal. Frequentaram a Universidade de Coimbra onde estudaram em áreas tão diversas como o Direito, a Física e a Psicologia. Mais tarde prosseguiram estudos em História e Literatura. Conheceram-se em 1992 no teatro universitário em Coimbra (CITAC) e em 1994 fundaram o Visões Úteis no Porto. No Visões Úteis dirigem, escrevem e interpretam.

“Visíveis na Estrada através da Orla do Bosque” é o nome do projecto que a companhia de teatro Visões Úteis desenvolveu ao longo do ano de 2001. Entre duas produções teatrais, e partindo de uma reflexão em torno do conceito de Fronteira e da Europa como paradoxo desse conceito, a companhia viajou durante um mês pelas estradas europeias ao encontro de personalidades e entidades culturalmente relevantes— do poeta e argumentista Tonino Guerra ao arquitecto Daniel Libeskind, do realizador Theo Angelopoulos ao dramaturgo Gregory Motton, entre muitos outros.

Este livro, mais do que um registo desses encontros e mais do que um itinerário físico, traça uma viagem de ideias e descobre pontos de contacto nas reflexões de uma diversidade de artistas e intelectuais do nosso continente.
